



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FRANCISCO DANIEL IRIS GOIANA

**INSTINTO E CIVILIZAÇÃO: A SOCIOLOGIA PROCESSUAL DE NORBERT ELIAS E
SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA**

FORTALEZA

2014

FRANCISCO DANIEL IRIS GOIANA

**INSTINTO E CIVILIZAÇÃO: A SOCIOLOGIA PROCESSUAL DE NORBERT ELIAS E
SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva

FORTALEZA

2014

Francisco Daniel Iris Goiana.

Instinto e Civilização: A Sociologia Processual de Norbert Elias e seu encontro com a Psicanálise Freudiana. / Francisco Daniel Iris Goiana. – 2014

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.

Orientação: Antônio Cristian Saraiva Paiva

1. Civilização; 2. Repressão dos Instintos; 3. Processo Civilizador; 4. Autocontrole

FRANCISCO DANIEL IRIS GOIANA

**INSTINTO E CIVILIZAÇÃO: A SOCIOLOGIA PROCESSUAL DE NORBERT ELIAS E
SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^o Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^o Henrique Figueiredo Carneiro
Universidade Federal de Pernambuco (UPE)

Prof^a Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Jânia Perla Diógenes de Aquino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Lane, minha companheira, pelo respeito, admiração e amor à mim dispensado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro necessário para a construção dessa obra.

Ao professor Cristian Paiva, que em 2005, quando entrei no curso de História, me apresentou o fabuloso mundo da teoria sociológica. Obrigado pelo reencontro, pela orientação e o estímulo diversas vezes à mim dispensado.

À professora Andrea Leão, a quem posso considerar como co-orientadora desse trabalho, pelas incontáveis dicas, pela participação na banca de qualificação.

Ao professor Henrique Carneiro pela participação na banca de defesa desse trabalho.

À professora Ana Amélia Cavalcante pela participação na banca de defesa desse trabalho.

Ao professor Edson Viana pela participação na banca de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pelo conhecimento transmitido à mim nas disciplinas que participei.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFC, Socorro e Aimberê, sempre tão solícitos comigo.

Às professoras Alba, Jânia e Danyelle, que participaram da banca de seleção de mestrado e acreditaram nessa pesquisa.

À Lane, pelo amor dado e que foi meu porto seguro durante a produção desse trabalho. Na verdade, desde antes e até o sempre.

À amiga Ismênia que ganhei durante essa caminhada.

Ao amigo Jander que viabilizou a compra de muitos dos livros usados nessa pesquisa.

Aos colegas e amigos da turma de Mestrado, em especial Raquel, Aline, Genílria, Glauber e Gleison.

*Vós todos que tendes uma escola, que
andaes sob a canga de uma orientação,
que pertenceis a qualquer coisa que
acabe em ismo, que sois quaesquer entes
que acabem em ISTAS! Para quê o limite
se para ser limitado basta existir?*

Crear é libertar-se!

Crear é substituir-se a si-próprio!

Crear é ser desertor!"

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho faz uma análise reflexiva sobre a obra do sociólogo Norbert Elias, especialmente na sua interpretação sobre o processo civilizatório, ocorrido na Europa a partir da formação dos estados absolutistas europeus, presente em *O processo civilizador* (1939). Na constituição de sua Sociologia, Elias traz uma proposta interdisciplinar de analisar sociologicamente um objeto histórico. Para tal análise, o autor faz uso da psicanálise freudiana. Nesse trabalho busquei fazer, primeiramente uma análise sociobiográfica de Freud e Elias, tratando de sua formação intelectual, procurando um ‘ponto de encontro’ desses dois autores. Concretamente, esse local foi a Escola de Frankfurt, onde havia uma relação muito forte entre a teoria social e a psicanálise, que influenciou autores como Hebert Marcuse e Theodor Adorno. Em sua vida, Elias entra em contato com a obra freudiana no período que ficou na cidade (1929-1933), quando era assistente de Karl Mannheim. O período inicial de Elias em Frankfurt coincide com o lançamento de *O mal-estar na civilização*, a grande obra em que Freud, mesmo que partindo de um pressuposto clínico faz uma grande análise do social. Elias se enquadra em uma tradição de autores que usaram a teoria psicanalítica como apoio para a construção de teorias tanto da área da Sociologia como da Antropologia. Portanto, fizemos uma genealogia dessa interação e percebemos que ela ocorre quase que simultaneamente com o surgimento da Sociologia, da Antropologia e da Psicanálise, sendo o próprio Freud um dos autores a fazer essa interação em obras como *Totem e Tabu* e *O Mal-estar na civilização*, dentre outras. Baseado nessas obras e por conceitos formulados por Freud com as ideias de ‘supereu’, ‘repressão instintual’, Elias constrói sua teoria do ‘processo civilizador’. Esse processo, Elias nos diz que está baseado majoritariamente num processo de repressão dos afetos e das emoções, que na linguagem freudiana é a ‘repressão dos instintos’ que leva a formação do supereu, nosso censor moral. Para Elias essa ‘repressão’ ocorre em dois momentos: primeiro por meio de uma coerção externa, com o surgimento de sentimentos como a vergonha esse caminho leva à internalização dessas proibições levando os indivíduos ao autocontrole de suas emoções, num processo de racionalização dessas. Quando formulou sua ideia de ‘processo civilizador’, Elias postulou também que esse processo não é unilinear e que não está totalmente a salvo surgindo assim a ideia de ‘processo descivilizador’ que ocorrem em situações como guerras e genocídios e que Elias analisou na sua obra *Os alemães*.

Palavras-chave: Civilização. Processo Civilizador. Autocontrole. Repressão dos Instintos.

ABSTRACT

This work makes a reflective analysis on the work of the sociologist Norbert Elias, especially in its interpretation of the civilizing process occurred in Europe from the formation of European absolutist states, present in *The Civilizing Process* (1939). In the constitution of his Sociology, Elias brings an interdisciplinary proposal to sociologically analyze a historical object. For this analysis, the author makes use of Freudian psychoanalysis. I tried to make this work, first an analysis sociobiographical of Freud and Elias, addressing his intellectual formation, looking for a 'meeting point' of these two authors. Specifically, this site was the Frankfurt School, which had a very strong relationship between social theory and psychoanalysis, which influenced authors such as Herbert Marcuse and Theodor Adorno. In his life, Elias comes into contact with Freud's work during the period he was in the city (1929-1933), when he was assistant to Karl Mannheim. The initial period of Elias in Frankfurt coincides with the release of *Civilization and its Discontents*, the great work in which Freud, even starting from a clinical assumption, makes a great analysis of the social. Elias falls into a tradition of authors who used psychoanalytic theory as support for the construction of both theories in the field of Sociology and Anthropology. So we did a genealogy of this interaction and realize that it occurs almost simultaneously with the emergence of sociology, anthropology and psychoanalysis, with Freud himself one of the authors to make this interaction in works such as *Totem and Taboo* and *Civilization and its Discontents*, among others. Based on these works and concepts formulated by Freud to the ideas of 'superego', 'instinctual repression', Elias constructs his theory of the 'civilizing process'. This process, Elias tells us that is mostly based on a repression of affects and emotions process, which in Freud's language is the 'repression of instincts' which leads to the formation of the superego, our moral censor. For Elias this 'repression' occurs in two stages: first through an external coercion, with the emergence of feelings such as shame that path leads to internalization of these prohibitions causing individuals to self-control their emotions, such a rationalization process. When formulated his idea of 'civilizing process', Elias also postulated that this process is not unilinear and is not totally safe thus resulting in the idea of 'descivilizing process' that occur in situations such as wars and genocides and Elias analyzed in its *The Germans* work.

Keys Words: Civilization. Civilizing Process. Self-control. Instinct Repression.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	SIGMUND FREUD E NORBERT ELIAS: TRAJETÓRIAS E ENCONTROS	12
3	SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: UMA GENEALOGIA.	30
3.1	Freud como analista do social	38
3.2	A mudança na teoria dos instintos: As obras da década de 1920	42
3.3	O ‘Processo Civilizador’ de Freud: Uma análise de <i>O mal-estar na civilização</i>.	48
4	A SOCIOLOGIA PROCESSUAL DE NORBERT ELIAS E SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA.	54
4.1	A Sociologia processual de Norbert Elias...	54
4.2	... e seu encontro com a Psicanálise freudiana.	62
5.	DO PROCESSO CIVILIZADOR À DESCIVILIZAÇÃO: UMA ETNOGRAFIA LITERÁRIA EM NORBERT ELIAS.	76
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere em um campo de estudos interdisciplinares, nos quais se articulam interesse por questões da Sociologia da Teoria Psicanalítica. Aqui tomamos por investigação a relação existente entre as obras de Sigmund Freud e Norbert Elias. A relação que podemos evocar entre esses dois autores, não é meramente coincidência. Desde a ascendência judaica de ambos, até a formação humanista e o fato de os dois, cada um ao seu modo, buscarem explicações para a sociedade humana.

Ao estudarmos a obra de Norbert Elias, notamos uma linguagem familiar em seus textos. Sua obra está repleta de termos e expressões de uso corrente na Psicanálise, como ‘Pulsão’, ‘Supereu’, ‘Instintos Animalescos’, ‘Repressão dos Instintos’, essa última como temática central das ‘Teorias Civilizatórias’, tanto em Freud como em Elias.

Fazer um trabalho de teoria sociológica correlacionando a obra de dois autores, requer certo esforço metodológico. A vasta bibliografia de ambos os autores mereceu um pouco de atenção. Porém seria um trabalho hercúleo se analisássemos exaustivamente todas as obras de Elias e Freud, então escolhemos obras pontuais desses autores e como uma ‘cartografia literária’ fizemos um ‘mapa’ dos encontros entre os dois. As outras obras que podiam nos ajudar foram prestigiadas. Nosso intuito principal, ao analisarmos as obras de Freud e Elias, é entender como os dois autores perceberam e tentaram explicar o nó sócio-psíquico do ‘Processo Civilizatório’ e suas exigências subjetivas. Num segundo momento, em nossas leituras, tentamos entender como a ideia de um autor influi em outro. Como um autor forma seu *corpus* teórico usando conceito da obra de outro. A leitura exaustiva das obras de Elias foi nas seguintes obras: os dois volumes de *O Processo Civilizador*, *A Sociedade dos Indivíduos*, *A Sociedade de Corte*. Essa leitura minuciosa era acompanhada de um mapeamento onde buscávamos termos e conceitos freudianos na obra de Elias.

Vemos que Elias toma de Freud tanto os termos oriundos da clínica psicanalítica, quanto os textos chamados de ‘Sociais’, dentro da literatura freudiana. Elias, na constituição de sua teoria sociológica, principalmente na sua ‘Sociologia Processual’ soube usar de várias vertentes do conhecimento, dentre elas a Psicanálise. Mesmo porque, o processo civilizatório é interdisciplinar, é um fenômeno ao mesmo tempo histórico, social, político, antropológico/cultural e psíquico.

Outro motivo que nos levou a essa pesquisa é a relação existente entre Psicanálise e Sociologia/Antropologia. Apesar de ter sido um autor que melhor utilizou a Psicanálise freudiana, na formulação de uma teoria interdisciplinar, Norbert Elias não foi o primeiro. Na própria literatura freudiana, também encontramos uma série de textos que vão além da clínica.

Esses textos ditos ‘sociais’, nos trazem duas chaves de leitura do pensamento freudiano:

- 1) Vemos Freud como pensador da Sociedade e da Cultura. Logicamente que Freud não usa de uma metodologia peculiar a Sociologia para discutir esses assuntos, porém, partindo da clínica, Freud encontrou, na sua vasta obra, espaço para discutir sobre a Sociedade e temas essenciais à Sociologia como: a Civilização, o mal-estar resultante do seu processo civilizacional, a origem do Laço Social, a Religião, a formação dos Grupos Sociais.
- 2) O uso da Teoria Psicanalítica como aporte teórico se dá porque temos a ideia de que a Psicanálise não surgiu apenas como uma prática clínica no começo do século XX, ou como propunha o historiador inglês Eric Hobsbawn “(...) uma teoria que autorizava homens e mulheres a jogarem a culpa de suas ações em algo independente de sua vontade, como o seu Inconsciente (...)” (HOBSBAWN, 2008, p. 376).

A nossa ideia de Psicanálise, não é a de um “bode expiatório”, como propõe Hobsbawn ou como uma prática charlatã, como muitos críticos a acusaram durante o século XX e começo do século XXI, mas como uma prática emancipatória e uma experiência intelectual que mobilizou além de Clínicos, Sociólogos, Antropólogos, Filósofos, Literatos e movimentos artísticos (os Surrealistas, por exemplo).

Tive certa dificuldade em escrever esse trabalho pelos seguintes motivos: esse foi o primeiro trabalho de ‘fôlego’ por mim feito. No meu curso anterior, pelo fato de ser licenciatura, não passei pelo ‘batismo de fogo’ da monografia. Então visualizo nessa questão dois problemas (que ao escrever essas linhas, felizmente, já vejo como superados), meu primeiro grande trabalho de escrita é sobre dois grandes autores que contribuíram na mudança do pensamento, cada um a sua maneira e no seu tempo.

Outro motivo que me fez por várias vezes entristecer, e que graças ao professor Cristian Paiva e os colegas que muitas vezes traziam de volta, seria para muitos uma solução. Embora Freud seja um dos personagens principais dessa dissertação, ela é sobre Norbert Elias, e por muitas vezes me parecia que estava o deixando de lado. Posso afirmar agora que

consegui encontrar e mostrar a relação entre ambos os autores, que é o objetivo principal deste trabalho.

A estrutura de nossa dissertação está da seguinte maneira: No capítulo 1, a partir da ideia de ‘sociobiografia’ abordamos a trajetória de vida de nossos ‘interlocutores’, trato-os assim por que sendo esse trabalho de sociologia, necessita de um campo, muito embora seja minha escrivãzinha, foram a eles que eu questionei, e eles que me responderam. Nessa análise da trajetória de vida, levo em conta fatores e mudanças políticas e sociais, do tempo de cada um. Concordamos com a ideia eliasiana de que a personalidade do indivíduo sofre influência do meio social na sua construção, não sendo apenas um fenômeno biológico. Veremos como o meio social de Freud e Elias construíram suas personalidades e influenciaram a construção de suas teorias.

No capítulo 2 fizemos uma abordagem da relação entre Psicanálise e Sociologia/Antropologia. Em um primeiro momento abordamos questões como perceber como essas práticas se interligam na construção de discursos sobre o sujeito. Quais os autores que trabalham numa perspectiva de uma análise psicossocial. Depois abordaremos porque a escolha de Norbert Elias como objeto de estudo. Na introdução também explicaremos como se deu nossa metodologia de trabalho. Ainda nesse capítulo, mostraremos como dentro de sua bibliografia Freud escreveu obras de análise social. Logicamente, não colocamos Freud como sociólogo pelo fato de o autor não ter uma obra metodológica ligada à Sociologia. Porém nessas obras, Freud aborda temas peculiares a Sociologia. Nessa parte analisamos as obras de Freud da seguinte forma: as obras de caráter social a partir do início de sua escrita até a década de 1920, onde a teoria de Freud sofrerá uma mudança na sua estrutura principalmente com a proposição da ‘teoria dos instintos’ e da ‘segunda tópica’, que influenciou diretamente as obras subsequentes da letra freudiana. Por fim, nesse capítulo analisamos aquela que é a grande obra freudiana sobre o social, a saber, *O Mal-estar na Civilização*. Analisamos essa obra e entendemos porque ela causou tanta ‘euforia’ no campo intelectual europeu no começo dos anos de 1930.

O capítulo seguinte é o centro de nossa Dissertação. Nele trataremos como se formou a ‘Sociologia processual’ de Elias e com ela foi diretamente influenciada pela obra de Sigmund Freud. A temática transacional entre a última parte do capítulo anterior e este se baseia na tentativa de resposta que foi norteadora de nosso trabalho: “Como Freud e Elias pensaram o nó sócio-psíquico do processo civilizador e suas exigências subjetivas?”. Em um

segundo momento, analisamos exaustivamente, a relação entre as obras de Freud e a de Elias, principalmente na sua teoria dos processos civilizacionais. Nesse capítulo frisamos também a relação que a ‘Escola de Frankfurt’ teve na relação entre os dois autores.

Quando Elias propôs sua ‘Sociologia Processual’, colocou que o processo civilizatório não é unilinear deixava entrelinhas que em algum momento poderia haver um retrocesso. Isso é que Elias nos que mostrar no livro *Os Alemães*. Esse retrocesso Elias chamou de processo de descivilização, que acontece em situações singulares como regimes de exceção, guerras. Embora um pouco depois de *O Processo Civilizador*, Elias conseguiu enxergar o outro lado desse progresso e magistralmente mostrar que o processo descivilizador faz parte do processo de civilização, e não é meramente seu oponente. Por tudo isso, no capítulo 5 analisaremos esse caminho de Elias, que ‘começa’ em *O Processo Civilizador* e ‘termina’ em *Os Alemães*.

Esta obra não faz uma análise do social de maneira direta. Porém, faço um esforço reflexivo para mostrar com se constituiu o pensamento de um dos teóricos sociais mais prolíficos dentro da história da Sociologia. Essa dissertação é baseada na admiração de um ‘forasteiro’ à teóricos que conheceu na época de graduação no curso de História. Um de maneira institucional (Elias), através das disciplinas de História Moderna, História da Cultura Ocidental; e o outro que foi conhecido por meio de conversas informais com amigos de outros cursos, ou por passeios ‘em busca de algo novo’ nos corredores das bibliotecas da Universidade (Freud).

Espero que essa obra possa, em longo prazo, ajudar aos que querem conhecer para fins acadêmicos, ou não, como esses dois grandes nomes do pensamento social e como ocorreu esse encontro entre ambos.

2. SIGMUND FREUD E NORBERT ELIAS: TRAJETÓRIAS E ENCONTROS

'Uma vida bem vivida!'. Essa frase se encaixa perfeitamente quando falamos de Freud e Elias. Um dos pontos que podemos traçar em comum entre os dois autores é a longevidade. Sigmund Freud (1856-1939) viveu 83 anos, Norbert Elias (1897-1990), por sua vez, viveu 93 anos. Mesmo com os problemas peculiares da senilidade, os dois produziram incessantemente até o fim de suas vidas e viveram as mudanças ocorridas no século XX. Nosso intuito é entender o pensamento de Freud e Elias, utilizando também a trajetória desses sujeitos e sua relação com o seu tempo. Nessa parte de nosso texto faremos uma leitura sócio-biográfica das vidas de Freud e Elias. Incorporaremos às biografias, fatores sócio-históricos e políticos, para uma melhor compreensão das trajetórias e conseqüentemente da obra de nossos interlocutores.

Sigmund Freud nasceu no ano de 1856, na cidade de Freiberg (hoje Příbor, na República Tcheca), na Áustria, onze anos antes dessa se tornar parte do grande Império Austro-Húngaro. Seu nascimento é resultado da relação do comerciante de lã judeu Jacob Freud com Amália Nathanson (Amália Freud), vinte anos mais nova. Jacob e Amália se casaram em 1855. Dessa união nasceram dez filhos dos quais sobreviveram apenas sete. Sigmund Freud (nascido Sigismund Schlomo Freud) era o primogênito nascendo um ano após o casamento de seus pais.

A vida de Sigmund foi repleta de paradoxos. A Psicanálise nasceu como um apêndice de sua vida e desses paradoxos. Um dos tais é que um ano antes de Sigmund Freud nascer, seu meio-irmão, Emanuel teve seu primeiro filho, Johann Freud. Ao nascer, o pequeno Sigmund já estava na condição de 'tio', do seu companheiro de infância.

Muitas das biografias de Sigmund Freud dentre os quais podemos destacar as obras de Peter Gay (GAY, 1989), Ernest Jones (JONES, 1953), dentre outras, chamam atenção para a relação entre Amália e Sigmund, mostrando que este era extremamente mimado pela mãe. Para Amália era seu *'goldener Sigi'* (Sig de Ouro), seu primogênito, aquele que podia cumprir o presságio de uma estranha, como vemos na densa biografia escrita por Ernest Jones: "Quando certo dia uma senhora, que a jovem mãe encontrou casualmente em uma confeitaria, reforçou a suposição, informando-lhe que ela tinha dado ao mundo um grande homem, a mãe orgulhosa e feliz acreditou firmemente na predição". Mais de 150 anos depois, afirmamos, com certeza, que essa profecia se cumpriu, mas para que se cumprisse,

“(...) o traje de herói começou a ser tecido no berço”¹. Os estudos de Sigmund eram a prioridade na casa da família Freud. Tanto Amália como Jacob, se empenhavam na evolução intelectual de seu primogênito.

Pouco depois de o pequeno Sigmund ter completado três anos de idade, em 1859, sua família se mudou para Leipzig, talvez pelo fato de Jacob não se adaptar as mudanças na indústria têxtil e com a tecnologia oriunda com o advento da chamada ‘Segunda Revolução Industrial’ e seus negócios entrarem em crise. Podemos ver também, essa mudança simplesmente como uma tentativa de seus pais de esquecerem a morte do pequeno Julius Freud, segundo dos filhos de Amália e Jacob, que morreu com menos de um ano de idade. O episódio do nascimento e morte de Julius, Freud assimilou na formação de sua teoria. Em sua autoanálise e na interpretação de seus próprios sonhos, Freud revela a seu amigo e colaborador Wilhelm Fliess (1986 [1897], p. 269)., em uma carta datada de três de Outubro de 1897, a relação com seu irmão Julius: “(...) saudei a chegada de meu irmão um ano mais novo (que morreu após alguns meses) com desejos hostis e um autêntico ciúme infantil; e que a morte dele deixou em mim o germe das auto recriminações.”

Como já foi dito, a teoria psicanalítica tem seus conceitos formados durante a vida de Sigmund Freud. Uma das ideias que seria *a posteriori*, o *corpus* da teoria freudiana se concentra na formulação do ‘complexo de Édipo’², uma teoria formada a partir de uma interpretação extraordinária da tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*.

Em 1860, a família Freud decidiu mudar para Viena, cidade efervescente, um dos maiores polos cultural da Europa³ em sua época, e de onde Sigmund Freud só sairia para morar no exílio em Londres, em 1938. Estabelecidos na cidade, no bairro judeu de *Leopoldstrasse*, nos seus anos de estudo ginasiais (1865-1873), Sigmund Freud foi matriculado no *Realgymnasium* e posteriormente no *Gymnasium Sperl*. São nos anos de

¹ *A Vida e Obra de Sigmund Freud*, p. 18.

² Segundo Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, no *Vocabulário de Psicanálise*: O ‘Complexo de Édipo’ é baseado nos “desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (p. 77). Já aparece na correspondência entre Freud e Fliess durante a autoanálise do pai da Psicanálise “(...) o poder de dominação do Édipo Rei torna-se inteligível (...). O mito grego salienta uma compulsão que todos reconhecem por terem percebidos em si mesmos marcas de sua existência” (FREUD & FLIESS apud LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, P. 77). Michel Plon e Elizabeth Roudinesco colocam o ‘Complexo de Édipo’ como “(...) uma noção tão central em Psicanálise quanto à universalidade da interdição do incesto a que está ligada” é também “a representação inconsciente do desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 166). Além dessas interpretações, lembramos também do livro de Juan-David Nasio *Édipo: O Complexo do Qual Nenhuma Criança Escapa* (2005).

³ Um magnífico retrato da Viena à época de Freud ver *Viena fin-de-siècle*, de Carl Schoske.

Gymnasium, que o esforço em prol da construção da intelectualidade de Sigmund, mostrou resultados. Durante os oito anos de *Gymnasium*, foi eleito seis vezes melhor aluno da sua turma.

Em 1873, Sigmund Freud iniciou seus estudos em Medicina. Devemos atentar para o fato de a educação de Freud, nessa primeira fase de sua vida, ter sido de caráter humanista e liberal. Mesmo tendo sua origem no judaísmo, (seu avô era rabino) e sendo perseguido pelo fato de assumir tal identidade, sua formação não estava ligada a forma religião tradicional. Na verdade em sua obra vemos Freud colocara a religião como um grande empecilho para o progresso da humanidade.

Em *O Futuro de uma Ilusão* (FREUD, 1927), Sigmund Freud faz uma crítica ferrenha à religião, a crença:

“Temos que acreditar porque nossos antepassados acreditaram. Mas nossos ancestrais eram muito ignorantes do que nós. Acreditavam em coisas que hoje não nos é possível aceitar, e ocorre-nos a possibilidade de que as doutrinas da religião possam pertencer também a essa classe. As provas que nos legaram estão registradas em escritos que, eles próprios, trazem todos os sinais de infidedignidade. Estão cheios de contradições, revisões e falsificações e, mesmo onde falam de confirmações concretas, elas próprias acham-se inconformadas. Não adianta muito asseverar que suas palavras, ou inclusive apenas seu conteúdo, se originam da revelação divina, porque essa asserção é ela própria, uma das doutrinas cuja autenticidade está em exame, e nenhuma proposição pode ser prova de si mesma.” (FREUD, 2006 [1927], pp. 35-36).

No período em que Freud passou a frequentar o curso de Medicina, Viena viveu uma série de transformações baseadas nas ideias do Liberalismo. Essas transformações mudavam não só a aparência física de Viena, mas estavam ligadas também ao aspecto social. Em 1873, foi construído o primeiro hospital municipal de Viena e criado um sistema de saúde pública para o controle de epidemias. Nessa mesma época a bolsa de valores de Viena quebrou aumentando o desemprego e a instabilidade social. Com tudo isso a razão que existia na cidade transformou-se em loucura. Nesse momento o louco deixa de ser apenas mais um em meio a vagabundos, alcoólatras, e passa a ser objeto de estudo. As origens das doenças mentais passam a ser estudadas nos hospitais. Na França, os estudos sobre a loucura, já estavam bastante adiantados. Philippe Pinel já havia distinguido ‘o louco’, dos outros ‘perigosos’.

No começo de sua vida acadêmica, Freud obteve uma bolsa de estudos, na área da Zoologia, na cidade de Trieste. Na sua volta para Viena, muda de área indo para a Fisiologia. No ano de 1879, Freud passou a servir o exército e a traduzir textos do filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873). Em 1881, Freud se formou. Levou oito anos, quando o curso tinha a duração de cinco, para a formatura. Não que Freud fosse mau aluno, mas em sua estadia na Universidade, ele aproveitou ao máximo, não só as disciplinas de seu curso, mas também em outros, principalmente na área de filosofia⁴.

Logo depois de formado, exatamente no ano de 1882, Freud ficou noivo de Martha Bernays, com quem mais tarde se casou. Questões financeiras e as poucas perspectivas na carreira de pesquisador fez com que Freud se afastasse dos estudos de anatomia cerebral e passasse a clinicar nos três anos seguintes no Hospital Geral de Viena, passando por várias e complementando sua formação. Freud passa a se interessar pela psiquiatria, mas acaba se estabelecendo no incipiente campo da neurologia.

Ainda em 1882, ocorreu um encontro profissional que seria fundamental para o surgimento teoria psicanalítica. Freud conheceu aquele que junto com Wilhelm Fliess, exerceu grande influência em sua vida profissional, o médico Josef Breuer (1842-1925). Este já era um médico conhecido em Viena, tratou Franz Brentano, Johannes Brahms, mas de seus clientes, a que mais foi importante para a construção da Psicanálise freudiana, foi Bertha Pappenheim, que no freudismo ficou conhecido como ‘caso Anna O.’. Com esse caso Breuer propõe o ‘método catártico’⁵.

Em 1885, Freud tonou-se *Privatdozent*, e recebeu uma bolsa de estudos, com a qual foi à Paris para estudar neurologia com Jean-Martin Charcot, psiquiatra já conhecido que estudava a histeria. Durante seu estágio em Salpêtrière, tanto suas pesquisas sobre anatomia cerebral, neurologia e, principalmente, a Psicanálise foram marcadas pelas lições clínicas do

⁴ Um dos cursos que Freud assistiu, foi o do filósofo Franz Brentano (1838-1917), que estudava o conceito de consciência, e tinha lançado em 1874 a obra *Psicologia de Um Ponto de vista Empírico*. Quando Freud assistiu a sua palestra em 1880, Brentano ainda disfrutava do reconhecimento de sua obra. Freud já lia Brentano desde a época de *Gymnasium*. No verbete ‘Fanz Brentano’ do *Dicionário de Psicanálise*, Roudinesco e Plon nos contam mais sobre a vida e obra desse filósofo.

⁵ Na tradição médica no final do século XIX, o médico fazia questões apenas sobre o problema que afligia o paciente. O distanciamento entre médico e paciente era grande. Com o “caso Anna O.” foi diferente. Breuer a fez recordar experiências traumatizantes de sua infância, fez com que ela falasse nos mínimos detalhes e constatou que havia conseguido aliviar alguns dos sintomas de sua paciente. A essa forma de tratamento deu o nome de ‘Método Catártico’. Freud ficou entusiasmado com a originalidade do método, passando a usá-lo como uma das bases da sua Psicanálise. Quando retornou à Viena, abriu um consultório onde passou a atuar usando os métodos que havia aprendido com seus mestres: o método catártico e a hipnose.

médico parisiense. Era o primeiro grande contato intelectual que Freud tinha fora do círculo vienense e foi fundamental para sua vida intelectual. Em Paris, aprendeu, principalmente, o método da hipnose. Ainda em 1887, Freud conheceu Wilhelm Fliess, médico otorrinolaringologista que estudava a bissexualidade, e, a partir de então, se iniciou uma grande correspondência “‘íntima e científica”⁶, onde as investigações e as dúvidas decorrentes destas eram discutidas. Fliess tornou-se uma testemunha de todas as experiências, debates e hipóteses que levariam ao surgimento da Psicanálise.

Quando regressou à Viena, Freud passou a atender particularmente. Queria expor tudo que aprendera em Paris, queria se por como um representante das ideias de Charcot em Viena. Porém essas ideias foram recebidas de maneira hostil. Menos do que pelo fato de sua importância para a psiquiatria e para a neurologia, mais pelo antissemitismo que imperava nos círculos médicos e acadêmicos de Viena. Mesmo assim, Freud continuou clinicando usando os métodos que havia aprendido com seus mestres: a hipnose, de Charcot e o método catártico, de Breuer. Usando este último, em 1889, atendeu o caso que ficou conhecido na literatura freudiana como ‘Caso Emmy von N.’.

É sabido pelos admiradores da obra freudiana que ele foi o primeiro a dar voz às mulheres. Roudinesco e Plon nos lembram de que “Como clínico, tratava essencialmente de mulheres da burguesia vienense, qualificadas como ‘doentes dos nervos’ e sofrendo de distúrbios histéricos.”⁷. Em 1895, como resultado de suas experiências no tratamento das mulheres, Freud e Breuer lançam o livro *Estudos sobre a Histeria* (FREUD & BREUER, 1895). Na obra aparecem os resultados do ‘método catártico’ criado por Breuer e depois apropriado por Freud. Um ano após o lançamento da obra Freud rompe com Breuer, por divergências teóricas⁸.

Em 1897, em meio a toda essa euforia da modernidade ao final do século XIX⁹, nasceu o nosso segundo personagem: Norbert Elias. O sociólogo alemão nasceu em Breslau, hoje Wrocław, na Polônia, mas na época território pertencente à Alemanha. Sua vida se

⁶ *Dicionário de Psicanálise*, p. 274.

⁷ *Ibidem*

⁸ Freud passou a considerar o ‘método catártico’ limitado (substituindo, posteriormente pelo método da ‘Livre Associação’). E a acreditar que a histeria estaria ligada a abusos sexuais sofridos na infância, tese com a qual Breuer não concordava.

⁹ Sobre esse período indicamos a leitura de uma série de obras da Historiografia, principalmente de Eric Hobsbawm e sua ideia de ‘grande século XIX’, que segundo o autor abrangeria três grandes eras, a saber: *A era das revoluções 1789-1848*; *A era do capital 1848-1875*; *A era dos impérios 1875-1914*. Ainda sobre essa época lembramos também da obra *The Cambridge Companion to the fin de siècle*, organizado por Gary Marshall, que traz as transformações no mundo no período que vai de 1885 a 1901.

passou durante quase todo o século XX e sua biografia está intimamente ligada às agitações sócio-políticas deste período da história. Porém, enquanto os Elias (Sophie e Hermann) davam boas vindas ao novo membro da família, em Viena os Freud choravam a morte de Jacob Freud. Sigmund Freud estava em sua autoanálise, onde começava a surgir as grandes teorias de Psicanálise¹⁰, e numa grande troca de correspondências com Wilhelm Fliess. Mesmo não sendo um praticante do judaísmo¹¹, Freud não negava suas origens judaicas e por isso continuava a sofrer as consequências do movimento antisemita, que estava mais forte do que nunca.

Entramos no século XX, uma era de incertezas. A iminência de uma guerra batia as portas da Europa, o movimento antisemita se proliferava. O mundo ‘ocidental’ deixava pra trás seus últimos vestígios de ruralidade. As fronteiras do neocolonialismo estavam definidas grandes Impérios. As transformações ocorridas no mundo, entre o final do século XIX e o começo do século XX, afetaram não só o mundo da política, das relações internacionais, como afetaram também as subjetividades. A ‘moral civilizatória’ só aumentava e tornava os sujeitos doentes por não a suportar. Movimentos na Europa, nos Estados Unidos, na Austrália, as mulheres lutavam por igualdade política e social em relação aos homens. Na intimidade as mulheres continuavam subalternas aos homens, ainda reproduzindo um machismo aos moldes arcaicos. As crianças tinham sua sexualidade reprimida.

Impedido de dar aula na Universidade de Viena, pelo fato de ser judeu, Freud mergulha de vez na análise clínica de seus pacientes, em sua maioria mulheres. Percebendo a frequência com que eles relatavam-lhe seus sonhos, Freud passou a averiguar seus significados no inconsciente destes. Em 1900, ocorreram dois fatos fundamentais para a Psicanálise: Freud lançou *A Interpretação dos Sonhos*, resultado da interpretação sistemática dos sonhos de seus pacientes, e começa aquele que talvez seja seu caso clínico mais conhecido: Ida Bauer, o famoso ‘Caso Dora’. Em 1902 consegue assumir o cargo de professor, com intervenção direta do Imperador Francisco José, no mesmo ano rompe com

¹⁰ Em uma carta à Romain Rolland intitulada *Um distúrbio de memória na Acrópole* (FREUD, 1936), Freud escreve sobre a importância da sua autoanálise na construção da teoria psicanalítica. Nas palavras de Freud: “O senhor sabe que meu trabalho científico consistiu em elucidar manifestações incomuns, anormais ou patológicas da mente, isto é, atribuir sua origem às forças psíquicas que operam por trás delas e indicar os mecanismos em ação. Comecei tentando isto em mim próprio e então passei a aplicá-lo a outras pessoas e, finalmente, fazendo uma extensão ousada, a toda raça humana”. (FREUD, 2006 [1936], p. 237).

¹¹ A questão da judeidade de Freud é discutida por Edward Said em *Freud e os não europeus*, 2003.

Fliess e funda a ‘Sociedade Psicológica da Quarta-Feira’, que reunia jovens médicos que queriam aderir à prática da Psicanálise. A partir desta, Freud fundou a ‘Sociedade Psicanalítica de Viena’. Esse círculo foi formado a partir da publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905). Jovens médicos intrigados com a originalidade das teorias freudianas foram encontrar com Freud, como Max Eitingon, Ludwig Binswanger, Carl Gustav Jung, Karl Abraham, Sandor Ferenczi.

Nesses primeiros anos do século XX, enquanto Freud desenvolvia sua teoria, Elias fazia seus estudos no *Johannes Gymnasium* entre 1907-1914, dando-se ali o primeiro contato deste com as obras filosóficas, principalmente de Immanuel Kant e com os Românticos alemães como Goethe, Schiller e outros. Já na época de escola Elias decidiu se tornar um intelectual, haja vista que sabia da sua condição de judeu em uma Alemanha de maioria antisemita. Tentaria atenuar isso com a condição de *homos academicus*. Em uma das passagens de sua biografia¹², Elias cita o fato de na adolescência ter dito em sala de aula, sobre sua vontade de ser professor da universidade, no que um de seus colegas respondeu: “O caminho que leva a esta carreira te foi barrado desde o nascimento”¹³

Em 1910, Freud fundou a ‘Associação Internacional Psicanalítica’, antes, em 1908 ocorreu em Salzburgo o ‘Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise’, com participantes de seis países, onde Freud apresentou o caso do ‘Homem dos Ratos’. Em 1909, Freud, junto com Jung e Ferenczi, foram para os Estados Unidos onde Freud apresentou suas *Cinco Lições de Psicanálise* (1910). A Psicanálise, como tudo naquela época, evoluía rapidamente. Havia deixado de ser um fenômeno vienense e se internacionalizava. Aos poucos os discípulos de Freud rompiam com ele. Primeiro Alfred Adler, que rompeu com Freud para criar sua própria escola em 1911¹⁴. A relação entre Freud e Adler nunca foi das melhores e o rompimento entre os dois foi “extremamente violenta”, como aponta Elizabeth Roudinesco¹⁵. Talvez a maior decepção para Freud tenha sido o rompimento com Carl Gustav Jung, com quem tinha uma relação paterna e havia declarado seu sucessor. Com todos esses rompimentos e com todo avanço da Psicanálise, Freud escreveu *História do movimento psicanalítico* (1914), para que a aqueles que estivessem em dúvida escolhessem entre sua

¹² Norbert Elias por ele Mesmo (ELIAS, 1990).

¹³ Norbert Elias por ele mesmo, p. 19.

¹⁴ Associação para uma Psicologia individual.

¹⁵ Verbete ‘Adolf Adler’, *Dicionário de Psicanálise*.

Psicanálise, a Psicologia Analítica, de Jung ou a Psicologia Individual, de Adler. Nesse mesmo ano, Freud lançou também *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, uma das obras fundamentais dentro do pensamento freudiano.

Com a chegada do século XX, cresceu o movimento antisemita. Em Breslau, o jovem Norbert Elias também sofria com essa querela em sua identidade: ser alemão ou ser judeu, ou um alemão-judeu? Elias ficou com a última opção. Durante a adolescência fez parte do movimento da juventude Sionista. Com o estourar da ‘Primeira Guerra Mundial’, alistou-se ao exército alemão, em 1915 e foi para o *front*. Nesse mesmo ano Freud lançou *Pensamentos para Tempos de Guerra e Morte* (1915), livro no qual Freud tratava sobre a barbárie da guerra.

Depois da guerra a Europa não era mais a mesma. A maior carnificina até então, com quase 20 milhões de mortos. Impérios haviam sido desmembrados como o Turco-Otomano e o Austro-Húngaro, lar de Freud. A grande questão na Europa era: como chegamos a esse ponto? Nas guerras, os derrotados sofrem com os tratados. Em Viena o povo passava fome, frio e estava desesperado. Doenças como a tuberculose e a gripe espanhola matavam. Nesse período o próprio movimento psicanalítico cresceu bem menos do que antes¹⁶.

Com o fim do conflito, Elias passou a estudar Medicina e Filosofia, em 1918, na Universidade de Breslau, aos 21 anos de idade. Nas idas e vindas à Heidelberg e Freiburg, assistiu aulas de Karl Jaspers e do grande nome da época no campo das ciências humanas, Edmund Husserl. Nos seminários de Jaspers, travou contato com a discussão de Thomas Mann sobre a relação entre ‘Cultura’ e ‘Civilização’, a qual ele viria tratar depois principalmente em *O Processo Civilizador*.

Em 1919, Elias abandonou a Medicina, a escolha paterna, e prosseguiu os estudos apenas com a Filosofia. Mesmo tendo aberto mão da Medicina, na construção da sua Sociologia, Elias utilizou dela. Em suas palavras:

“(...) os sociólogos que não fizeram estudos de medicina falam com frequência da sociedade sem integrar em seus discursos os aspectos biológicos do homem. E isso, me parece, é um erro. Os sociólogos tem uma atitude defensiva com respeito à biologia porque temem que a sociologia perca sua substancia na biologia. A meu ver, não se pode construir uma teoria... digamos da atividade humana, sem saber

¹⁶ Veremos no capítulo três, que no período pós ‘Primeira Guerra Mundial’, a própria teoria freudiana sofrerá mudanças em consequência da guerra principalmente pela criação dos conceitos de ‘instinto de vida’ e ‘instinto de morte’, em *Para Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920).

como o organismo e construído e como ele trabalha. Inclusive, quando são desenvolvidas teorias epistemológicas, em filosofia, e que não se sabe nada sobre as estruturas do cérebro, aí tem algo de errado. Quanto a mim, ocorreu-me inserir em minhas aulas de sociologia um corte do cérebro, a fim de mostrar aos estudantes como os homens são construídos, porque só aí eles são capazes de compreender como as sociedades funcionam. Dessa forma, não reduzo a sociologia à biologia”. (ELIAS, 2001 [1939], p. 38)

Em 1920, com todos os problemas que lhe cercavam (os primeiros sinais do câncer, a morte de sua filha Sophie, que estava grávida), Freud escreveu *Além do Princípio do Prazer*, onde formula os conceitos de ‘instinto de vida’ (Eros) e ‘instinto de morte’ e formulou sua ‘segunda tópica’ em *O Eu e o Isso* (1923). Baseado nessas novas formulações teóricas, durante a década de 1920, Freud começou a escrever textos de caráter mais social, acreditamos que isso ocorreu por conta da situação que vivia a Europa. São eles: *Psicologia de Massas e Análise do Eu* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e por fim *O Mal-estar na Civilização*, lançado em 1930, mas escrito em 1929, decorrente de todas as mazelas que afligiam o mundo, no período entre guerras. Essa obra teve grande aceitação tanto entre o público acadêmico, como entre o público leigo. Durante os anos de 1920, inicia a análise de sua filha Anna Freud, que seria a continuadora de sua obra psicanalítica.

O último momento acadêmico de Elias em Breslau foi a construção de sua tese de doutoramento intitulada *Idee und Individuum: Eine Kritische Untersuchung zum Begriff der Geschichte (Ideia e indivíduo. Uma contribuição a filosofia da história)*, concluída em 1924 e sendo orientada por Richard Höningwald, um neo-kantiano que no decorrer da produção entrou diversas vezes em confronto com Elias, devido a diferenças acadêmicas. A principal dessas é que os neo-kantianos tratavam as categorias centrais do pensamento como se fossem formadas apenas pela experiência, ou seja, com vida própria não pertencendo nem a História e nem a sociedade. Elias queria comprovar a seu orientador que essas categorias eram historicamente e socialmente formadas. Escreveu Elias:

“(…) o que Kant considerava como atemporal e como dado antes de qualquer experiência — fosse o conceito do vínculo de causalidade, o do tempo ou o das leis naturais e/ou morais - deve ser aprendido, ao mesmo tempo em que os termos correspondentes, por intermédio de outros homens para poder estar presente na consciência de cada indivíduo. Isso é um saber adquirido, que, como tal, pertence, portanto ao patrimônio de experiências do homem”. (ELIAS, 2001 [1990], P. 101).

Provavelmente um dos que influenciou Elias para tecer essa crítica foi Karl Marx, pois ela está de acordo com a sexta das famosas “*Teses sobre Feuerbach*” (MARX & ENGELS,

1846), na qual, segundo Marx “a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. Na sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais”¹⁷. Essa posição de Elias era o que Hönigswald contestava, e pediu que ele excluísse da tese, pois “era falso”¹⁸.

Com toda essa desavença, Elias sabia que não tinha mais nenhum futuro dentro da filosofia e muito menos a orientação de Hönigswald para sua *Habilitationsschrift*, necessário para o cargo de professor efetivo. Depois da defesa de sua tese Elias ainda teve que ficar mais um tempo em Breslau, para ajudar seus pais com as finanças, trabalhando na fábrica da família. Academicamente, nem Breslau e nem a Filosofia faziam mais sentido para Elias.

A experiência na guerra e na fábrica fez com que Elias “(...) quisesse fazer estudos que estivessem mais próximos da realidade da vida”¹⁹. Desse modo, sua ida à sociologia parecia inevitável. O período da chamada ‘República de Weimar’, que vai da abdicação do *Kaiser* Guilherme II, em 1918 à ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, foi certamente um período de instabilidade econômica, política e social, herança da guerra e do governo anterior. Todavia foi um período de grande produção acadêmica e intelectual. Prova disso é a agitação nas universidades das cidades de Freiburg, Berlim, Heidelberg e Frankfurt. Nesse ambiente é que Elias construiu seu *habitus* acadêmico.

Na década de 1920, Elias passa da Filosofia à Sociologia. A mudança se dá não só nas áreas de estudo, mas também nos locais: A Breslau da sua infância e juventude dá lugar a Heidelberg. Elias sabia da importância da cidade. Na época de intercâmbio Breslau-Heidelberg, Karl Jaspers já havia lhe falado da importância dos Weber, na cidade. Como o próprio Elias aponta “em Heidelberg, só tinha contato com sociólogos, e não mais com filósofos”²⁰. Elias caracteriza Heidelberg como uma cidade universitária, com muitos estudantes e agremiações estudantis. Nesse ambiente é que Elias, entre 1925 a 1930, tornou-se *Habilitand* com Alfred Weber, irmão de Max Weber e grande nome do círculo sociológico de Heidelberg, liderado por Marianne Weber, viúva de seu irmão. A esperança de Elias era conseguir sua *Habilitationsschrift* com Alfred Weber. Alfred aceitou supervisionar seu projeto de tese sobre o nascimento da ciência em Florença. Porém Elias teve de esperar sua vez. A

¹⁷ *Teses sobre Feuerbach*, p. 101.

¹⁸ *Norbert Elias por ele Mesmo*, p. 101.

¹⁹ *Norbert Elias por ele Mesmo*, p. 44.

²⁰ *Norbert Elias por ele Mesmo*, p. 42.

demanda de *Habilitationsschrift* para Alfred Weber era grande. Elias era talvez o quarto ou quinto da lista de espera, tendo então que esperar algum tempo. Saiu de Breslau dizendo aos pais que ia se sustentar em Heidelberg como jornalista. De fato, chegou a vender alguns contos para os jornais da cidade, mas o que lhe mantinha em Heidelberg era a ajuda financeira de seus pais. Apesar da situação não ser muito positiva para Elias ele decidiu continuar em Heidelberg, pois para ele e seus contemporâneos, dentre os quais o jovem Talcott Parsons que também estudava na cidade, não havia lugar melhor, pelo menos na Alemanha, para um sociólogo estudar e trabalhar. Contribuia para isso seu ambiente intelectual, onde havia uma grande produção acadêmica voltada para a Sociologia e o desenvolvimento do pensamento sociológico. Toda essa movimentação se devia a forte influência de Max Weber e depois do grupo que se formou em volta de Marianne e Alfred. Nesses anos de Heidelberg, Elias leu os grandes nomes da Sociologia alemã como Marx, Simmel, Scheler, Oppenheimer, Sombart, Tönnies e Troeltsch. Nessa cidade tornou-se amigo de Karl Mannheim. Mesmo sendo apenas quatro anos mais velho que Elias, já estava um posto a frente na hierarquia sendo *Privatdozent*. Elias ajudava Mannheim em seu ensino, principalmente no trato com os alunos deste.

Nesse mesmo período nasceu uma forte oposição entre Karl Mannheim e Alfred Weber²¹. Oposição essa que se agravou em 1928 no “VI Congresso Alemão de Sociologia”, em Zurique. Após a intervenção de Mannheim intitulada “A significação da competição no domínio intelectual”, Alfred Weber teceu sérias críticas a Mannheim colocando-o como marxista e de estar se aproximando do materialismo histórico. Weber acabou sendo ‘derrotado’ por Mannheim nas argumentações. Mannheim era um grande intelectual de Heidelberg, o próximo grande sociólogo alemão. Com tudo isso Elias decidiu continuar com ele, saindo da tutoria do velho mestre. Após o lançamento de *Ideologia e Utopia*, em 1929, foi oferecida a Mannheim uma cátedra em Frankfurt. Surgia aí mais uma oportunidade de Elias conseguir sua *Habilitationsschrift* sem esperar tanto tempo como seria com Alfred Weber. Mesmo os três anos de assistência que Mannheim pediu a Elias em troca da supervisão era mais vantajoso do que esperar por Alfred. No final da década de 1920, Elias mudou-se para Frankfurt onde encontraria novas influências.

²¹ Sobre o debate entre Karl Mannheim e Alfred Weber ver "Alfred Weber e Karl Mannheim (2)" In: *Norbert Elias por Ele Mesmo* p. 122-133.

Na década de 1930, mesmo definhando com o câncer, Freud continuou produzindo sua obra até os últimos dias de vida, mesmo com as sucessivas operações que o desfigurava e eram extremamente dolorosas. O próprio Elias fez uma análise da situação de Freud nos últimos anos de vida devido a sua doença em *A Solidão dos moribundos* (1982). Nas palavras de Elias:

There is no shortage of examples. Freud's protracted death from cancer of the larynx is one of the most telling. The growth became more and more ill-smelling. Even Freud's trusted dog refused to go near him. Only Anna Freud, strong and unwavering in her love for the dying father, helped him in these last weeks and saved him from feeling deserted. (ELIAS, 2001 [1982], p. 89)²²

Mesmo com o avanço dos nazistas, Freud decidiu ficar em Viena. Já Elias em 1933 se exilou em Paris, e em 1935 foi para Londres. A situação não era das mais tranquilas. Hitler com sua política de ‘espaço vital’ invadiu a Áustria, em 1938. A Europa tremia. Seria mais uma guerra, mais uma matança sem fim? Freud resistia em ficar em Viena. Os nazistas queimavam as obras freudianas e psicanalistas judeus fugiam do continente. Muitos parentes de Freud estavam nos campos de concentração, inclusive suas irmãs, que lá morreram, no começo dos anos de 1940. Depois de toda uma movimentação e um resgate pago pela princesa da Grécia, Marie Bonaparte, ligada à Freud e a Psicanálise desde 1925, a família Freud foi para o exílio em Londres. De março de 1938 a setembro de 1939, Freud e Elias moraram na mesma cidade. Será que se encontraram? Será que discutiram suas obras?²³

Alguns anos antes da chegada de Elias em Frankfurt foi criado o *Institut für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social), genericamente conhecido com ‘Escola de Frankfurt’. Luci Silva Ribeiro ressalta em sua tese de doutoramento *Processo e Figuração: Um Estudo Sobre a Sociologia de Norbert Elias*, o caráter interdisciplinar dessa ‘escola’ e a sua influência para mais uma mudança na vida de Elias:

²² “Não há falta de exemplos. A morte de Freud em consequência do câncer de laringe é um dos mais reveladores. Com seu crescimento tornou-se mais mal cheiroso. Mesmo os cães confiáveis de Freud recusaram-se a chegar perto dele. Apenas Anna Freud, forte e inabalável em seu amor pelo pai moribundo, ajudou-o nestas últimas semanas e salvou-o de sentir abandonado”.

²³ Lahire lembra que Elias enviou um exemplar de *O processo civilizador* para Freud (LAHIRE apud ELIAS, 2010, pp. 187-188).

“Aos tradicionais círculos acadêmicos, como o de Heidelberg, soma-se a Escola de Frankfurt, fundada em 1923. Mas há que se ressaltar que o Instituto, embora tivesse como linha de orientação o Marxismo, primou por uma abordagem interdisciplinar. Com esse espírito foram convidados professores de vários lugares. Karl Mannheim foi um deles, e convidou Elias, a acompanhá-lo com assistente”. (RIBEIRO, 2010, p. 45)

Dentro dessa perspectiva interdisciplinar, devemos lembrar que entre 1929 e 1930, foi lançada uma das principais obras da bibliografia freudiana, a saber, *O mal-estar na Civilização*. Um dos locais onde ela foi bastante discutida e em que a Psicanálise passou a ser incorporada como auxiliar na interpretação do social foi na ‘Escola de Frankfurt’. O modo como os chamados frankfurtianos incorporaram a teoria psicanalítica à Sociologia, criou uma metodologia única nas ciências humanas até então.

Os pensadores de Frankfurt estavam muito próximos a Elias na condição dada a Psicanálise. Talvez o que possa diferenciá-los, é a ênfase que os frankfurtianos dão a Filosofia. As preocupações de Elias tem uma afinidade muito grande com as de Horkheimer. O autor de *A dialética do esclarecimento* (ADORNO & HORKHEIMER, 1993) foi o primeiro dos frankfurtianos a apontar a necessidade de se reconhecer a Psicanálise como uma disciplina acadêmica e de poder usá-la como metodologia da pesquisa social. Elias e Horkheimer pensavam de maneira similar no que diz respeito a importância da análise das estruturas psíquicas e subjetivas dos indivíduos para fins sociológicos.

Essa mescla de conhecimentos deu resultados através das obras de seus principais protagonistas como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse. A Frankfurt que Elias viveu por três anos era de uma cultura universitária tão forte ou até maior que Heidelberg.

A efervescência cultural e intelectual de Frankfurt originou-se, principalmente, graças à criação do “*Institut für Sozialforschung*”, que foi financiada pelo senhor Felix Weil, que por meio de sua fortuna pessoal, acabou por se tornar o mecenas do Instituto, abrindo assim a possibilidade de uma vasta gama de pensadores, intelectuais e estudantes terem um lugar para se firmar, como o próprio Elias, pois os três anos que passou em meio a esse ambiente são essenciais para entendermos a constituição de sua da teoria processual da Civilização.

Em Frankfurt, Elias fazia parte de um grupo de intelectuais que agregava filósofos, sociólogos, economistas, psicólogos e psicanalistas dentre eles Sigmund Fuchs, que iniciou Elias na clínica psicanalítica²⁴. Além desses Elias sofria a influência direta das teorias de Karl Mannheim. Nesse ambiente, em 1933, Elias conclui o texto da sua *Habilitationsschrift* intitulado *Die Höfische Mensch (O Homem da Corte)*, que foi lançada apenas em 1969 com o título de *A Sociedade de Corte*. Ainda em 1933, o Partido Social-Nacionalista, liderado por Adolf Hitler chegou ao poder. Ocupando as universidades e perseguindo intelectuais judeus e de esquerda, Elias teve que sair de Frankfurt. Vagou pela Suíça em busca de trabalho como professor nas universidades de Berna, Basileia, Zurique, sem sucesso. Voltou para Breslau para visitar os pais, e depois seguiu para Paris objetivando um posto acadêmico que sonhara desde a época da escola.

Elias morou em Paris entre o final de 1933 e 1934. Nesse período não houve exito em sua busca por um cargo acadêmico. Ser judeu, estrangeiro e com pouquíssima influência tornaram o caminho de Elias mais difícil. Com a ascensão de Hitler ao poder, uma boa parte dos intelectuais da Europa continental emigrou para a Inglaterra. O próprio Mannheim quando foi ‘demitido’ de Frankfurt, foi convidado pelo sociologo Morris Ginsberg para dar aula na *London School de Economics and Political Science*, na Inglaterra. Elias foi encorajado pelos amigos a fazer o mesmo. Em 1935, Elias rumou para Londres.

Nos três anos seguintes Elias dedicou-se a pesquisa e escrita de um livro, que na sua concepção lhe ajudaria a ter uma boa posição no meio acadêmico inglês. A situação econômica de Elias era precária. O que recebia de auxílio econômico para viver era oriundo de uma entidade filantrópica, de origem holandesa, que ajudava judeus emigrados.

A obra que Elias sentia que lhe daria um *status* dentro da Sociologia era *Über den Der Prozeß Zivilisation (O Processo Civilizador)*. Essa obra foi lançada em 1939, mas há uma incerteza em relação de quando ela começou a ser escrita. A história da obra dá a entender que ela foi escrita logo após a chegada de Elias a Londres. Porém, no prefácio nos parece que a obra já estava sendo constituída muito antes²⁵ da chegada à cidade inglesa.

Sabe-se que uma boa parte das influências de Elias para a construção dessa obra ele levou da Alemanha. Porém Elias encontrou na Inglaterra novas fontes para a construção

²⁴ Veremos isso no capítulo 4, quando analisaremos as relações entre as obras de Freud e Elias.

²⁵ Prefácio, *O processo civilizador*. pp. 13 – 19

de sua obra, como *O outono da Idade Média*, de Johan Huizinga; *Sociologia*, de Morris Ginsberg. Contudo a grande contribuição que Elias teve na Inglaterra se deu nas visitas as bibliotecas dos musues ingleses e o acesso a uma série de fontes não tradicionais, como livros sobre boas maneiras, educação de jovens, códigos de comportamentos. Livros que tratavam das relações com nós mesmos e com os outros.

A vida de Elias em Londres havia se tornado um pouco mais tranquila. Graças à ajuda filantrópica, podia se dedicar aos estudos e a pesquisa. Tinha acesso às bibliotecas, e passava os dias lendo e tomando notas.

Em seus anos em Heidelberg e Frankfurt, Elias tinha entrando em contato com os grandes nomes do pensamento sociológico alemão. Quando não pela leitura das obras de Weber, Simmel, Marx, entre outros, conhecia pela discussão com a efervecente elite pensante existente nas duas cidades. Em Paris é provável que Elias tenha entrado em contato com as obras de Emile Durkheim, Auguste Comte e Lucien Levy-Bruhl²⁶. Na sua estadia em Londres, Elias incrementou seu arcabouço teórico com as obras de sociólogos ingleses e americano, em especial George Mead, que em 1934 havia lançado *Mente, Eu e Sociedade*. Além disso, Elias tinha travado contato com as ideias de Freud e dos psicólogos da Gestalt.

Com todo esse conhecimento acumulado, Elias passou a se dedicar a produção de seu livro. Cotidianamente ia à *British Museum Library*, onde passou a ter contato com um variado número de livros de etiqueta, aos quais ligou ao seu interesse pelo estudo da Corte, que ele havia feito anos antes. Além disso, esses livros exemplificavam bem empiricamente a afirmação freudiana sobre a natureza histórica da personalidade humana. Essa afirmação de Freud diferia do que a Psicologia acadêmica da época pensava. Por isso, como o próprio Elias coloca, *O Processo Civilizador* era “(...) um ataque implícito contra a onda de estudos acerca das mentalidades e dos comportamentos feitos pelos psicólogos da época”²⁷.

A ideia de Elias acerca de *O Processo Civilizador* era fazê-lo em dois volumes. A conclusão do primeiro volume ocorreu em 1936 e a do segundo em 1938. Para Elias, lançar essa obra foi extremamente complicado. Em tempos de Nacional-Socialismo, um intelectual alemão era mal visto, na Europa. Lançá-lo na Alemanha, também era impensável devido a sua

²⁶ Uma prova da leitura que Elias possivelmente fez de Levy-Bruhl, está no artigo escrito pela professora Vera Weiler, para a *Revista Mexicana de Sociología*, intitulado *Lucien Lévy-Bruhl visto por Norbert Elias*.

²⁷ *Norbert Elias por ele mesmo* p. 63

judeidade. Só restou a Elias lançar a obra na Suíça, aproveitando a neutralidade desse país, por meio de um editor alemão asilado no país, chamado Fritz Karger.

Dentre as resenhas escritas após o lançamento de *O Processo Civilizador* destacamos as de Raymond Aron, para *Les Annales Sociologiques* e a de Walter Benjamin para a *Zeitschrift für Sozialforschung*²⁸.

Os anos seguintes da vida de Elias, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, foram conturbados. O sucesso que almejava com a publicação de *O Processo Civilizador*, não veio então passou a viver de bolsas de pesquisa, palestras e aulas providenciadas pelos seus amigos de Londres. Nesse período Elias escreveu um artigo para a *British Journal of Sociology*, onde fazia uma análise sobre a gênese da profissão naval²⁹. Além disso, fundou junto com Fuchs a *Group Analytic Society*, onde “ocorria à aplicação da psicanálise individual a grupos.”³⁰

A situação de Elias mudou, em 1954, quando recebeu duas propostas para *lectureship* em Sociologia, uma em Leeds e outra em Leicester. Elias optou pela segunda cidade pelo fato dessa ser mais próxima de Londres, sendo possível fazer a viagem entre as duas cidades em um dia.

A Universidade de Leicester ainda era pequena. Era filiada a Universidade de Londres. Porém com o desenvolvimento da Sociologia inglesa entre as décadas de 1950-1960, foi um grande pólo de estudo e pesquisa sociológica na Inglaterra. Sendo que um dos principais colaboradores de Elias, Eric Dunning, saiu dessa leva de novos sociólogos ‘feitos’ em Leicester³¹. Nesse período Elias voltou a trabalhar com temáticas que lhe interessava na sua juventude, um desses temas era a Sociologia do Conhecimento. O resultado desse interesse é a publicação de *Problems of Involvement and Detachment*, no *Journal of Sociology*, em 1956.

²⁸ A carta enviada por Aron propondo a discussão sobre a obra e a resenha podem ser encontrados na tese de Luci Ribeiro da Silva *Processo e Figuração: Um Estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. Além disso, a troca de cartas entre os dois em 1939, traduzida por Marc Joly e comentada por Quentin Deluermoz se encontra no capítulo *Um échange de lettres entre Raymond Aron et Norbert Elias*, da obra *Norbert Elias et le XX siècle – Le processus de civilisation à l'épreuve*, organizado por Quentin Deluermoz. Já a versão completa da correspondência entre Elias e Benjamin encontra-se na revista "Plural", do Departamento de Sociologia da USP.

²⁹ *Studies in the Genesis of Naval Profession*, 1950

³⁰ *Norbert Elias por ele Mesmo*, p. 73.

³¹ Anthony Giddens talvez seja o principal nome dessa geração

Em 1962, ao se aposentar em Leicester, lhe foi ofertada o cargo de professor de Sociologia em Gana. Elias se mudou para a África, passando lá dois anos. Nesse país ele passou a ter contato com a arte e com a cultura africana. Após os seus anos em Gana, caracterizou a estadia como “uma experiência extraordinária”³².

Ao retornar à Leicester, em 1964, a produção acadêmica de Elias passou a ser intensa, como era no período anterior a guerra. Escreve com Eric Dunning sobre sociologia do Esporte, pois entendia que este era um claro exemplo de como o ser humano regulava e geria suas emoções, tendo um papel relevante nas sociedades modernas.

Em 1968, a segunda edição de *O processo civilizador* é lançada na Alemanha, com um novo prefácio em que Elias mostra para os que duvidavam ou não conheciam sua Sociologia. Ainda em 1969, sua tese de *Habilitationsschrift Die Höfische Mensch (O Homem da Corte)*, foi lançada com o título de *Die Höfische Gesellschaft (A Sociedade de Corte)*, com uma nova introdução. No começo da década de 1970 Elias deu mais uma contribuição à Sociologia com *Was ist Soziologie? (Introdução à Sociologia)* onde Elias postula vários de seus conceitos de uma forma sistemática, como: teoria dos jogos, modelos de figuração, relações de interdependência.

Em 1972, Elias lançou um artigo intitulado *Sociology and Psychiatry*³³, onde mostrava o interesse da Sociologia na experiência da subjetividade. Ainda nos anos de 1970, a Sociologia eliasiana passou a ser conhecida na Europa continental. *O Processo Civilizador* foi traduzido para o francês em 1973 e as outras obras de Elias passaram a ser estudadas na Alemanha. Outro país da Europa continental em que a obra de Elias passava a ser estudada era a Holanda. A partir de 1969, passou a ser convidado a dar palestras quase que anualmente em diversas universidades holandesas, fixando-se no país em 1975. Em 1977, recebeu o *Prêmio Theodor Adorno*, em Frankfurt. Em 1978, *O Processo Civilizador* foi lançado em inglês.

³² *Norbert Elias por ele Mesmo*, p. 77.

³³ *Sociologie et Psychiatrie* In: ELIAS, Norbert *Au delà de Freud: Sociologie, psychologie, psychiatrie*. pp. 47-79.

Em Amsterdam, desenvolveu atividades acadêmicas com sociólogos e historiadores holandeses. Bastante admirado na Holanda, pelos colegas e estudantes³⁴, além de pesquisador, Elias era professor sênior de Sociologia na Universidade de Amsterdam.

Desde sua ida para a capital holandesa, Elias dividia seu tempo entre a Holanda e a Alemanha. Tinha agora em sua terra natal o reconhecimento acadêmico que tanto almejava desde a adolescência. Era convidado para ministrar palestras e entre 1978 e 1984, Elias se estabeleceu na cidade alemã de Bielefeld onde trabalhava no *Zentrum für Interdisziplinäre Forschung*. Com mais de 80 anos, Elias achava que sua obra ainda não tinha sido compreendida então continuou sua produção intelectual. Nesse período Elias saem as últimas partes de *A Sociedade dos Indivíduos* e *Envolvimento e Alienação*.

Em 1985, Elias se estabeleceu novamente em Amsterdam onde escreveu *Sobre o Tempo e Teoria Simbólica*. Ainda em 1985, foi convidado por Pierre Bourdieu para dar palestras na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Em 1988, recebeu o *Premio Europeo Amalfi* por *Die Gesellschaft der Individuen (A Sociedade dos Indivíduos)*, como o melhor livro de Sociologia publicado em 1987, na Europa. Em 1989, Elias foi condecorado, na Itália com o prêmio *Nonio*. Mesmo com sua saúde bastante debilitada viajou para Udine, para receber a honraria. Em 1990, uma queda produziu uma infecção no pulmão que levou Elias à morte dia 1º de agosto, em sua casa.

³⁴ A principal instituição destinada a análise da obra de Elias encontra-se justamente na Holanda a *Norbert Elias Foundation*.

3. SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: UMA GENEALOGIA.

Antes de insinuarmos qualquer relação entre Freud e Elias, analisaremos historicamente as relações entre Psicanálise e Sociologia, haja vista que nosso propósito também é mostrar o esforço dos teóricos dessas áreas em interpretar a vida social. Por muito tempo o projeto de uma interpretação psicanalítica do social, iniciada por Freud, foi amplamente ignorado, até mesmo rejeitado pelos sociólogos. Criou-se um abismo teórico entre estes, que seriam responsáveis em interpretar fenômenos de ordem social e cultural, e os psicanalistas, responsáveis em interpretar a psique individual. Em suma, criou-se um paradigma onde os primeiros seriam responsáveis pela análise do coletivo, em seus respectivos campos de pesquisa e o outro pela análise do individual, na privacidade da sessão clínica.

Esse esquema binário ajudou para que por muito tempo não houvesse explorações mútuas entre essas disciplinas. Com o passar dos anos, e à medida que a Sociologia começou a se interessar por problemas relacionados à subjetividade, surge um interesse pela Psicanálise e pelas análises freudianas. A Psicanálise se tornou mais do que um mecanismo de análise, mas um recurso teórico, podendo ser usado pelos sociólogos. As duras linhas entre o social e o individual, o coletivo e o pessoal, começavam a ser rompidas.

Por outro lado, a Psicanálise se adequou ao mundo social. Em pouco mais de um século, ela se tornou dominante nas discussões sobre a personalidade humana, e passou a contribuir também na explicação de aspectos das relações humanas. Direta ou indiretamente, a Psicanálise fornece uma perspectiva sob a natureza da condição humana. A própria forma de trabalho dos psicanalistas se assemelha a dos sociólogos. A forma como estes encontram seus campos envolvem os mesmos tipos de questionamentos na relação analista e analisado. Em todos os casos objetiva-se entender o outro através da interação e do diálogo.

Como vimos até aqui Sociologia e a Psicanálise, embora pareçam ser tão distantes uma da outra, têm muito em comum. Surgidas no alvorecer do século XX, a Sociologia nasceu dos efeitos das crises sociais, onde houve uma revolução mental produzida pelo advento do pensamento científico moderno. Seu propósito é indicar a essência das ações dos seres humanos e sua vida social. É também seu interesse explicar as práticas e os processos sociais, entender a vida em sociedade que abrange trabalho, condições econômicas, normas e regras que exigem ser cumpridas, e os conflitos decorrentes da não adaptação às normas

sociais. Conflitos esses tratados também pela Psicanálise, quando se tornam patologias mentais. Para Freud, as doenças nervosas eram uma resposta subjetiva às exigências de renúncia pulsional e da normatização, proveniente da cultura da modernidade. A Psicanálise se propõe a tratar as agitações emocionais e as angústias oriundas do conflito entre o desejo e a normatividade do social e da moralidade que cobram desses sujeitos, gerando incertezas entre a razão e a emoção. Com todas essas cobranças, a subjetividade quer falar mais alto causando um duelo, pois se tenta separar a razão e emoção causando com isso estranhamento.

Por muito tempo a Sociologia deixou de levar em consideração, nas suas construções, as particularidades dos indivíduos. Sentimentos como vergonha, amor, ansiedade, desejo, entre outros não eram analisados por ela, pois esta entendia as práticas sociais como estruturas impessoais. Com o advento da modernidade, essas particularidades e sentimentos tonaram-se um campo de estudo e conhecimento dentro da Sociologia, e a Psicanálise passou a auxiliá-la, por ser uma prática dedicada ao estudo da subjetividade humana. Sendo a Psicanálise produto da modernidade, e devido a sua diversidade teórica ela passou a ser usada por sociólogos, antropólogos, filósofos, literatos, artistas.

A relação entre Sociologia e Psicanálise se dá principalmente nos estudos de sexualidade, gênero, estudos culturais e subjetividade. Com isso entendemos a importância das teorias e conceitos psicanalíticos, principalmente freudianos, na construção da teoria sociológica. Sobre as relações entre Psicanálise (estudo do indivíduo) e Sociologia (estudo da sociedade), Freud (2012 [1913], p. 360) já apontava que “É certo que a psicanálise tomou a psique individual como objeto de estudo, mas na exploração desta não podiam lhe escapar os *fundamentos afetivos da relação do individuo com a sociedade.*” [grifo nosso]

A Psicanálise na sua base teórica nos diz que o Sujeito precisa do Outro (como objeto, como modelo, como ideal). A partir dessa relação de alteridade, nasce o laço social. Outra citação, retirada de uma carta ao escritor francês Romain Rolland, anos após o lançamento de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921), mostra o interesse de Freud (*apud* Roudinesco & Plon, 1998, p. 613) pelas questões relativas à Sociedade e como a Psicanálise pode ajudar nessa compreensão do social através do individual: “Não que eu considere esse texto particularmente bem escrito, mas ele aponta o caminho que vai da análise do indivíduo para a compreensão da sociedade.”

Em sua gênese, a Psicanálise se propôs a estudar a mente humana. Porém no decorrer de sua evolução passou também a abordar assuntos de ordem Sociológica e Antropológica, como por exemplo, a formação do laço social, o surgimento e a manutenção da civilização, a construção do estado, o surgimento da consciência moral, a questão das massas, a religião, o totemismo, o tabu, a exogamia.

Esse interesse mútuo entre Psicanálise e Sociologia ocorre logo nas primeiras décadas do século XX, primeiro com Sigmund Freud, que em um texto pós-escrito de *A Questão da Análise Leiga* (FREUD, 1926), assumiu que desde a juventude se interessava pelos assuntos ligados ao mundo social em que vivia³⁵. Desde seus textos do começo do século XX, a saber: *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1907), *A Moral Sexual 'Cultural' e o Nervosismo Moderno* (1908) até suas obras dos anos de 1930 como: *O Mal-estar na Civilização* (1930), *Moisés e o monoteísmo* (1939), passando por *Psicologia das Massas e Análise do eu* (1921) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927), vemos o interesse freudiano pela vida social.

Ainda em Freud, o próprio conceito de 'Psicanálise Aplicada', ou seja, a teoria psicanalítica sendo aplicada nas ciências e nas artes e que tem início na letra freudiana, a partir da publicação de *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (FREUD, 1907). Em 1913, Freud lançou *O Interesse Científico da Psicanálise*, onde apontou as contribuições que várias ciências, dentre as quais a Sociologia, poderiam receber da Psicanálise.

Após a publicação de *Totem e Tabu* (1913), livro fortemente influenciado por *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), de Émile Durkheim e Marcel Mauss, deu-se início a um debate acalorado entre as teses freudianas e os antropólogos da 'Escola de Antropologia Social Inglesa', principalmente Bronislaw Malinowski, que em "resposta" a obra freudiana, escreveu *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* (1927), onde faz um estudo do 'complexo de Édipo' na sociedade trobriandesa. Ainda na vereda da Antropologia vemos influência da Psicanálise, nas obras de Ruth Benedict e Margaret Mead³⁶, sendo mais visível nesta, que mostrou para um público cada vez mais amplo a relação entre as duas práticas, por meio da 'Escola de Cultura e Personalidade' que destaca a plasticidade da

³⁵ "Em minha juventude senti uma necessidade absorvente de compreender algo dos enigmas do mundo em que vivemos e talvez mesmo de contribuir com alguma coisa para a solução dos mesmos". (FREUD, 2006 [1926], p.243).

³⁶ A base de estudos das duas autoras concentra-se na formação da personalidade e da cultura.

natureza humana e o desenvolvimento da personalidade. Um dos principais méritos de Mead foi à atenção que ela deu para os conceitos de infância, educação e sexualidade dentro da Antropologia.

Também no começo do século XX, as obras sociológicas de Georg Simmel, especialmente no artigo *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito* (1903) e em *A Filosofia do Dinheiro* (1900). Essas obras apontam uma sensibilidade psicológica mais direta, retratam o estilo de vida urbano e a economia monetária e como esses desenvolvem na cidade um *habitus* específico, caracterizado pela intensificação da vida nervosa, pelo seu relacionamento com o tempo, o surgimento de um indivíduo abatido e de atitude reservada.

Depois de Freud, seus discípulos continuaram interessados pelo estudo de temáticas ordinariamente sociológicas e/ou antropológicas, e contribuíram para o surgimento de teorias que associavam diretamente a Psicanálise a Sociologia, como o ‘Freudo-Marxismo’, adotado principalmente por Wilhelm Reich e Erich Fromm, discípulos diretos de Freud. O Freudo-Marxismo seria a junção da teoria psicanalítica e da teoria marxiana, e propunha que o fim da doença nervosa só seria possível com o fim do próprio sistema capitalista. Os freudo-marxistas acreditavam que o pensamento freudiano e o pensamento marxiano deveriam se completar na compreensão das estruturas sociais. Atribuía um caráter social a Psicanálise, haja vista que o indivíduo devia ser estudado e entendido em relações coletivas.

Wilhelm Reich, depois de Freud, talvez tenha sido o psicanalista que mais utilizou conceitos sociológicos em sua obra. Em livros como *Psicologia de Massas do Fascismo* (1933), *A Revolução Sexual* (1936), *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual* (1927), *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1929), Reich faz uma Sócio-Psicanálise do mundo de sua época, aonde chega à conclusão de que o sistema capitalista é a origem de todas as neuroses, e por isso o fim do capitalismo é o requisito para a cura dos males.

Outra corrente oriunda da Psicanálise é a Etnopsicanálise, que segundo a psicanalista Elizabeth Roudinesco (1998, p.207): ”(...) inspira-se nos princípios da Psicanálise para estudar tanto os distúrbios psicopatológicos ligados a culturas específicas e a maneira como essas diferentes culturas classificam e organizam as doenças psíquicas”.

A Etnopsicanálise teve como principais teóricos o etnólogo e psicanalista francês George Devereux, que foi aluno de Marcel Mauss e associou a teoria freudiana a Antropologia de Claude Lévi-Strauss, e o antropólogo e psicanalista norte-americano Géza Róheim. Este, em seus estudos sobre várias culturas³⁷ e com a análise de mitos e lendas³⁸, concluiu que a tríade ‘horda primitiva’, ‘assassinato do pai’ e ‘complexo de Édipo’, são pertencentes a todas as sociedades, independente de suas diferenças.

Dentre os autores da Sociologia que empenharam estudos à Psicanálise, temos os teóricos do ‘Instituto para Pesquisa Social’, a ‘Escola de Frankfurt’³⁹, principalmente sua primeira geração com Max Horkheimer, Hebert Marcuse, Theodor Adorno, Walter Benjamin. Durante seus primeiros anos, os frankfurtianos buscaram entender o (ir)racionalismo político do totalitarismo, no período entre guerras. De uma maneira singular trouxeram categorias freudianas, para auxiliar na análise sociológica da vida social e política dos europeus. Dentre os frankfurtianos que mais utilizaram dos conceitos da teoria freudiana, destacamos Adorno e Marcuse.

Apesar da forte influência exercida pelo marxismo sob a teoria de Theodor Adorno, as principais características desta foram herdadas do pensamento freudiano, principalmente no que diz respeito à teoria da personalidade e a crítica à cultura. Esses dois aspectos da obra de Adorno se tornam complementares, pois sua crítica à cultura é à sociedade moderna pós-industrial, aos seus mecanismos de controle que se realizam em âmbitos culturais e psíquicos. Já o ser humano usado em sua teoria da personalidade, é o típico dessa mesma sociedade, criado por ela pra se perpetuar. Nessa teoria, Adorno relaciona a estrutura de personalidade e os problemas sócio-políticos, como visto nas obras *A Teoria Freudiana e o Modelo Fascista de Propaganda* (1951) e *A Personalidade Autoritária* (1950). Nesta última obra, Adorno propõe que os indivíduos de personalidade autoritária estavam mais propensos a seguir ideias políticas mais conservadoras e os de personalidade não autoritária eram mais propensos a serem liberais. Ao perceber que essa hipótese não era correta, Adorno propôs duas explicações para a não comprovação. A primeira, de caráter

³⁷ RÓHEIM, Geza. *The origin and function of culture*. New York: Nervous and mental disease monographs 3, 1943.

³⁸ RÓHEIM, Geza. *Fire in the dragon and other psychoanalytic essays on folklore* (Alan Dundes, Ed.). Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.

³⁹ Lembremos que Norbert Elias fez parte do grupo dos frankfurtianos, mesmo que indiretamente, entre os anos de 1929-1933, quando foi ajudante de Karl Mannheim, no Instituto de Pesquisa Social.

sociológico, aponta que o ambiente social molda aos que a ele pertence para seguir a ordem estabelecida, nesse caso a ordem capitalista, independente das estruturas de personalidade individual. A outra, de caráter psicanalista, onde Adorno propõe que o indivíduo da sociedade pós-industrial, reprimiu seus desejos até atingir o autocontrole, que o deixa apto a reproduzir as relações sociais do capitalismo.

Já Hebert Marcuse via a psicanálise freudiana como um mecanismo de grande relevância para, além de entender a subjetividade, levar a compreensão do domínio do capitalismo, a formação da cultura de massa e a emancipação humana. Apesar de sua formação marxista, há na letra marcusiana uma relação muito forte com a Psicanálise. Marcuse utiliza em sua obra, principalmente em *Eros e Civilização* (1955), conceitos freudianos como a relação conflituosa entre desejo e o princípio da realidade, instinto de vida e instinto de morte, e a relação entre civilização e repressão⁴⁰.

Dentre os membros tardios da ‘Escola de Frankfurt’, destaca-se Jurgen Habermas que em sua escrita associa a obra freudiana à sua teoria crítica. Habermas usa Freud para enriquecer sua análise do poder e da dominação ideológica exercida pelo capitalismo. Utiliza de uma maneira radical a Psicanálise na sua crítica social. Na sua ‘Teoria do Agir Comunicativo’ propõe que a burocratização e a racionalização da vida cultural têm dois aspectos negativos: degrada as relações sociais e retiram a autonomia das personalidades individuais, levando também ao que Habermas chama de “colonização do mundo da vida pelos sistemas”⁴¹, onde os desejos são controlados pelas regras e normas ideológicas do capitalismo.

⁴⁰ Com relação ao duelo civilização e repressão, a visão de Marcuse é diferente de Elias e Freud. A ideia marcusiana consiste na crítica à teoria da repressão de Freud, apontando que não há a necessidade de uma repressão instintual permanente. De fato para Marcuse, assim como Freud e Elias, toda relação social exige certo grau de repressão. O que Marcuse propõe, é o fato de Freud não ter se atentado ao fato de que o próprio capitalismo cria essa dose de repressão. Para Marcuse os indivíduos são formados pela dominação capitalista, sendo suas subjetividades meras componentes do sistema capitalista. Apesar desse pessimismo, Marcuse acreditava na mudança social, na emancipação do indivíduo, que seria a conciliação entre a natureza instintual e a civilização. Sobre a ideia de Civilização para os três pensadores recomendamos a leitura da dissertação de mestrado *O processo civilizador revisitado*, de Enis Mazzuco, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, da UFSC.

⁴¹ Sobre o conceito de “mundo da vida” ver o capítulo *A teoria social de Habermas: Evolução social, sociedade e poder*, do livro de Francisco Javier Uribe Riviera: *Agir comunicativo e planejamento social: uma crítica ao enfoque estratégico*.

A contribuição que os frankfurtianos têm dado ao criarem um modelo psicossocial de entendimento do porque os indivíduos submetem-se a determinadas ideologias é de importância imensurável na Sociologia.

O psicanalista francês Jacques Lacan, que não foi discípulo direto de Freud, mas depois desse é o que mais tem destaque teórico dentro do campo da Psicanálise. Desde o começo de sua obra, já na sua tese de doutoramento em 1932, *Da Psicose Paranóica e sua Relação com a Personalidade*, estava visível que Lacan também insistia em colocar alguma coisa, como a gênese social da personalidade, enquanto base para a compreensão das ditas patologias mentais. Ou, em outras palavras, traçar um paralelo entre o mental e o social.

Quando Lacan propõe seu célebre axioma de que o ‘Inconsciente está estruturado como uma Linguagem’, vemos que a Psicanálise lacaniana está marcada por uma estratégia estruturalista de colocar a linguagem no centro da vida social. Lembremos que Lacan, dentro de sua teoria propôs o ‘retorno a Freud’, no seu famoso *Discurso de Roma*, em 1953. Para trilhar o caminho desse retorno, Lacan foi bastante eclético usou não só da Teoria Social, mas também da Teoria Linguístico-Estrutural (principalmente no que se refere aos conceitos de ‘significante’ e ‘significado’) de Ferdinand Saussure, proposta em *Curso de Linguística Geral* (1913) e dos conceitos, ainda na área da Linguística, de ‘metáfora’ e ‘metonímia’, elaborados pelo linguista russo Roman Jakobson. Nesse “retorno”, Lacan utilizou-se também da filosofia, na sua vertente hegeliana, especificamente no que se refere à dialética do mestre/escravo usada por ele para a análise do desejo dos sujeitos⁴², e principalmente, como nos lembra o sociólogo e psicanalista grego Markos Zafiropoulos, em seu livro *Lacan and Lévi-Strauss – Or the return to Freud* (2010), da Antropologia Estrutural, de Claude Lévi-Strauss.

A Psicanálise lacaniana teve bastante repercussão nas ciências humanas a partir dos anos de 1960. Seu retorno à Freud influenciou de uma maneira bastante interessante as discussões sobre as relações entre indivíduo e sociedade, principalmente na obra de Louis Althusser. Em sua obra o filósofo francês faz uma relação entre o marxismo e a Psicanálise lacaniana, especialmente em *Os aparelhos ideológico de Estado* (1970), onde faz um esforço reflexivo para entender os mecanismos ideológicos da modernidade⁴³.

⁴² Especialmente em *Seminário livro 17 – O avesso da Psicanálise (1969-1970)*.

⁴³ Dentro do pensamento althusseriano vale destacar também *Freud e Lacan – Marx e Lacan* (1976).

Lacan não se importava que suas ideias tivessem uma aplicação prática na formação de teorias de caráter sociológico. As escritoras feministas tanto de origem anglo-saxônica⁴⁴ como as de origem francesa⁴⁵, usaram da psicanálise lacaniana nas suas teorias sobre gênero, sexualidade e subjetividade. Ao mesmo tempo, as teorias feministas se tornaram uma das principais críticas à Psicanálise.

Outros autores que podemos destacar nessa interseção entre Psicanálise e Sociologia são Jean François Lyotard⁴⁶, que coloca a sociedade como um polo de desejo; Eugene Enriquez⁴⁷, que usa a teoria freudiana quando propõe sua teoria do laço social; Cornelius Castoriadis⁴⁸ quando fala do papel do imaginário na constituição da sociedade; Roger Bastide em seu *Psicanálise e Sociologia* (1948); Gilles Deleuze, um dos pensadores franceses mais prolíficos do século XX, e Félix Guatarri, um psicanalista que fazia oposição radical a Psicanálise freudiana e lacaniana, que em *O Anti-Édipo* (1972), rompem com a normatividade de categorias psicanalíticas, principalmente o ‘complexo de Édipo’⁴⁹. Encontramos também práticas como a Sociologia Clínica, que tem influência da prática psicanalítica e foi reconhecida como um ramo da Sociologia pela ISA (*International Sociology Association*), em 1993.

A relação entre Sociologia e a Psicanálise têm produzido variados tipos de teorias. Tentamos, de uma maneira genealógica, mostrar essa relação, desde o surgimento das duas práticas, entre o final do século XIX e começo do século XX. Podíamos ter analisado a teoria psicanalítica, especificamente a obra freudiana em relação com outros autores da Sociologia. Mas por que Norbert Elias? Escolhemos Elias, porque a influência de Freud é bem visível, tanto em seus textos, quanto no seu discurso⁵⁰. Lahire (2010, p. 187) lembra que, em relação a Elias, por muito tempo se “subestimou amplamente a importância da obra de Sigmund Freud

⁴⁴ Principalmente Juliet Mitchell.

⁴⁵ Principalmente Julia Kristeva.

⁴⁶ *Economie libidinale*, 1974.

⁴⁷ *De la horde à l'État : essai de psychanalyse du lien social*, 1983.

⁴⁸ *L'Institution imaginaire de la société*, 1975.

⁴⁹ Para uma discussão sobre a inovação trazida por *O anti-Édipo*, recomendamos a leitura do artigo *Anti-Oedipus: The Work of Resistance*, de Lyat Friedman, presente na coletânea *Deleuze and Psychoanalysis: Philosophical Essays on Deleuze's Debate with Psychoanalysis*, organizado por Leen De Bolle.

⁵⁰ "(...) dificilmente precisa ser dito, mas talvez valha a pena enfatizar explicitamente, o quanto este estudo deve as descobertas de Freud e da escola psicanalítica". (ELIAS, 2011 [1939], p. 251).

na gênese, na formação e na realização de seu projeto intelectual”⁵¹. Outro motivo é que a Sociologia eliasiana é uma teoria inovadora. Elias modificou o modo de percepção de conceitos basilares da Sociologia, como a relação ‘indivíduo’ e ‘sociedade’, analisou a Sociologia de uma forma interdisciplinar, tendo auxílio da História, da Psicanálise. Elias e Freud foram pensadores, que cada um em seu tempo, modificaram o pensamento nas ciências humanas.

3.1. Freud como analista do social.

A partir da segunda metade do século XIX, com Karl Marx e no começo do século XX com a institucionalização da Sociologia por Emile Durkheim, as relações sociais passaram a ser analisada de uma maneira científica. Marx as reduziu a características econômicas e classistas. Durkheim coloca entre suas análises a vitória dos fatos sociais sob o indivíduo.

Outros ramos do pensamento humano também se preocuparam com essa temática. Um exemplo desses pensadores não ligados diretamente à Sociologia, mas que fizeram um esforço reflexivo para tentar entender a relações sociais⁵² foi Sigmund Freud. Sendo a teoria freudiana um mecanismo de análise e interpretação dos indivíduos, Freud também englobou em sua teoria a análise dos fenômenos sociais e culturais, que facilitariam o entendimento dos indivíduos. Aliando sua experiência como psicanalista e como intelectual, o autor se empenha em um estudo sobre a civilização que se liga intimamente a conceitos da teoria psicanalítica como repressão instintual, supereu.

Desde o final do século XIX Freud escreveu sobre assuntos de caráter social e assuntos típicos à Sociologia, sempre com a preocupação de aplicar conceitos da clínica psicanalítica. Nas obras de Freud, em que ele trata dessas questões inerentes ao social, não há a construção de uma teoria social. A proposta de Freud, desde seus primeiros textos, é que a civilização é a soma de condições e limitações necessárias para seu desenvolvimento, e que necessita de requisitos para seu benefício como os ideais de higiene, ordem, limpeza e o

⁵¹ "(...) et l'on sous-estime assez largement l'importance de l'oeuvre de Sigmund Freud dans la genèse, la formulation, et la réalisation de son projet intellectuel".

⁵² A leitura freudiana da cultura, não aponta um problema entre indivíduo e sociedade. O antagonismo operante é entre o psíquico e o social. Não propomos aqui que Freud é um sociólogo. Queremos apontar nesse capítulo que em meio à formulação da teoria psicanalítica ele encontrou lugar para discutir assuntos de caráter social e que rondam os sujeitos por ele analisados.

controle das demandas instintivas⁵³. A ideia primeira de Freud é que o indivíduo que sofre de alguma doença nervosa além de vítima de si mesmo é também de seu ambiente social. Essas ideias nos parecem claras quando analisamos os famosos casos clínicos de Freud. Neles é visível a interação entre o individual e o social. Todavia a grande obra, onde se percebe com maior evidência essa relação entre o mental e o social é em *O Mal-estar na Civilização*. Escrita no final da década de 1920, em meio à crise econômica de 1929 e do caos sócio-político do período entre guerras, essa obra até hoje está presente no debate sociológico e tendo influenciados vários autores e correntes da Teoria Social.

Freud quis mais do que estudar a subjetividade humana. Quis estudar como essa subjetividade se relaciona com o meio social, seus mecanismos de defesa e suas estratégias de interação. Para ele o comportamento patológico dos sujeitos é indissociável ao comportamento patológico da civilização. Por conta disso, Freud constrói uma relação entre os sujeitos e a civilização, apontando que o sofrimento psíquico é causado pelo processo civilizacional no qual está inserido. Dentro dessa perspectiva, e ao perceber que a estrutura psíquica dos sujeitos está ligada ao desenvolvimento social desses sujeitos, encontramos uma série de obras na bibliografia de freudiana, nas quais o autor tem um embasamento Sociológico.⁵⁴

Em um pequeno percurso pela obra freudiana percebemos que já em 1897, Freud começa seu diálogo com assuntos ligados à Cultura, e à Sociedade, tratando sobre a relação ‘incesto e Civilização’: “(...) o incesto é antissocial — a Civilização consiste nessa renúncia progressiva.” (FREUD, 1985 [1897], p. 253), afirmava Freud em carta ao amigo Wilhelm Fliess. Um ano depois em seu *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (FREUD, 2006 [1898], p. 258), Freud continua suas ‘críticas’ à Civilização e a relação dela com os problemas

⁵³ Para que haja cultura é essencial que os instintos mudem seus alvos, para tal Freud propõe a ideia de sublimação. Na sua definição, nas *Novas conferências sobre a Psicanálise*, Freud coloca a sublimação e sua relação com o social que seria “Um determinado tipo de modificação da finalidade e de mudança de objeto, na qual se levam em conta nossos valores sociais (...)” (FREUD, 1932 [2006], p. 99). Como colocam Laplanche e Pontais (1982 [2010]) “Diz-se que a pulsão (instinto) é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”. (p. 495). Roudinesco e Plon (1998) lembram que esse termo é influência de Nietzsche e do romantismo alemão, e que o termo foi adotado e adaptado por Cornelius Castoriadis em *A instituição imaginária da sociedade* (1975). Sobre a relação entre sublimação e cultura, indicamos a tese de doutoramento de Maria Vilela Pinto Nakasu *Sublimação, pulsão de morte, superego: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas* (2007), pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos.

⁵⁴ Por mais que Freud tenha se debruçado a temas inerentes a Sociologia e a Antropologia, e em alguns países a teoria freudiana seja estudada também nas escolas de Sociologia, Freud não se enquadra como um teórico da Sociologia, por não ter uma obra teórica em que demonstre uma metodologia própria à Sociologia.

mentais: “No que se refere à Civilização, entre cujos pecados as pessoas tão frequentemente incluem a responsabilidade pela neurastenia”.⁵⁵

Nesses dois textos, ainda do século XIX, já percebemos certa preocupação de Freud em relação ao processo civilizacional. A preocupação existe pelo fato de a Civilização ser uma combinação entre menores possibilidades de felicidade e a segurança em face de perigos arbitrários, oriundos da natureza ou do interesse de outras pessoas. Diferente de Hobbes⁵⁶, que via o estado como solucionador dessa equação, para Freud, essa última promessa não coloca as sociedades humanas em um estado de paz e progresso.

A relação entre o processo de Civilização e os instintos com suas exigências, é o grande problema que aflige Freud, que em sua teoria (2006 [1905], p. 219) propõe: “A produção de excitação sexual de modo algum é suspensa, mas continua a oferecer uma provisão de energia que é empregada, em sua maior parte, para as outras finalidades que não as sexuais.”⁵⁷

Em 1907, escreveu *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*, onde trabalha com a religião, temática que aprofundaria vinte anos depois em *O Futuro de uma Ilusão* (FREUD, 1927). Nessa obra Freud faz uma analogia entre os atos compulsivos dos neuróticos e as práticas religiosas. No ano seguinte, escreveu seu primeiro texto em que, com maior amplitude discute a relação Subjetividade-Sociedade: *A Moral Sexual ‘Cultural’ e o Nervosismo Moderno* (FREUD, 1908)⁵⁸. Mais uma vez vem à tona a ideia de que a

⁵⁵ No *Dicionário de Psicanálise* Elizabeth Roudinesco e Michel Plon nos informam no verbete ‘Neurastenia’ como sendo: “Termo introduzido em 1789, pelo neurologista norte-americano Georg Beard (1839-1883), para designar um estado de fadiga psicológica e física acompanhada de diversos distúrbios funcionais e próprias da sociedade industrial do novo mundo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 534).

⁵⁶ *Leviatã ou a matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*, 1651. Nos *Cadernos do traço freudiano*, n. 9, João Rêgo traça uma relação entre Freud e Hobbes no artigo *Poder, Estado e Sociedade em Hobbes e Freud- Reflexões sobre Leviatã e o Mal-estar na Civilização*.

⁵⁷ Claramente, Freud se refere ao conceito de ‘Sublimação’, tão usado por Elias em seu livro *Mozart, a Sociologia de um gênio*, 1991.

⁵⁸ Uma nota do editor inglês James Strachey, deixa clara a importância da análise freudiana da Civilização, referindo-se aos textos do final do século XIX e começo do século XX: “Embora esta seja a primeira das longas exposições sobre o antagonismo entre Civilização e vida instintual, suas convicções sobre o assunto são muito anteriores”. (STRACHEY in FREUD, 1908 [2006], p. 167). Strachey está claramente se referindo aos textos de 1897 (Carta a Fliess), 1898 (Texto sobre a Neurastenia) e 1905 (*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*). Sobre *A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno*, Strachey aponta que: “Os aspectos sociológicos desse antagonismo [Civilização e instintos] constituem o tema principal desse artigo” (STRACHEY in FREUD, 1908 [2006], p. 168). Em 2008, para comemorar os 100 anos desse texto, Betty Fuks e Néstor Braunstein, lançaram o livro 100 anos de novidade: *A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno*, de Sigmund Freud, uma coletânea com o texto de Freud traduzido direto do alemão e uma série artigos sobre tal obra.

Civilização estaria baseada na repressão das pulsões, e que haveria indivíduos que não conseguiriam responder a essa ‘moral civilizatória’ e conseqüentemente seriam acometidos por sofrimentos psíquicos, as quais a Psicanálise se propunha tratar pelo método da escuta. Dez anos depois de seu texto sobre a neurastenia, Freud volta à relação Civilização e sofrimento psíquico.

É importante frisarmos aqui, que são nesses textos escritos por Freud entre o final do século XIX e começo do século XX, que surge na letra freudiana uma visão pessimista da humanidade, e dessa visão surge o questionamento “Será que vale a pena essa Civilização onde o ser humano tem que reprimir seus instintos?”. O ápice desse pessimismo será *O mal-estar na Civilização* (FREUD, 1930).

Em 1913, Freud lança *Totem e Tabu*, obra que gerou grande discussão com alguns antropólogos da época⁵⁹. Essa obra saiu um ano depois de Emile Durkheim e Marcel Mauss⁶⁰, teorizarem sobre a Religião. Freud acrescentou também a essa obra a origem da moral, e da Sociedade.

Totem e Tabu merece uma atenção especial, pois mostra o esforço de Freud em investigar as causas da religião e o surgimento do sentimento moral. Para tal ele examinou as origens e a função do tabu e do totemismo. Nesta obra, Freud cria sua analogia entre os selvagens e as crianças e o neurótico. Essa analogia é mostrada em quatro momentos. Na primeira parte se refere ao horror ao incesto. O ensaio seguinte trata da ambivalência das emoções. No terceiro ensaio, Freud faz uma análise do animismo. Por fim, no quarto ensaio cria sua tese a partir da ideia darwiniana de ‘horda primitiva’, cujo pai é dotado de poder absoluto sobre os membros da horda, sendo poderoso e violento. Esse ‘pai’ era extremamente narcisista, se apoderou de todas as mulheres, e também subjogou e repeliu os filhos. “Um

⁵⁹ Após a publicação de “Totem e Tabu” (FREUD, 1913), deu-se início a um debate acalorado entre o freudismo e os antropólogos da ‘Escola de Antropologia Social Inglesa’, personificado principalmente em Bronislaw Malinowski, que em ‘resposta’ a obra freudiana escreveu “Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem” (MALINOWSKI, 1927). Segundo Roudinesco e Plon (1998): “(...) Malinowski recusava o modelo do evolucionismo darwiniano sobre o qual Sigmund Freud se baseou em *Totem e Tabu*. Escolhendo o empirismo, privilegiava um método fundamentado na descrição correta e exata dos fatos, conservando ao mesmo tempo a ideia, cara a Durkheim, segundo a qual toda Sociedade é um sistema integrado, em que cada elemento tem um papel ‘funcional’: costume, instituição, norma, etc.” (ROUDIENSCO & PLON, 1998, p. 492). A resposta de Freud vem em *Moisés e o Monoteísmo* (FREUD, 1939): “Acima de tudo, porém, não sou etnólogo, mas psicanalista. Tenho o direito de extrair, da literatura etnológica, o que possa necessitar para o trabalho de análise”. (FREUD, 1939[2006], p. 145).

⁶⁰ *As formas elementares da vida religiosa*, 1912. Essa obra de Durkheim e Mauss influenciou Freud na escrita de *Totem e Tabu*.

dia”, segundo Freud (1925 [2006], p. 70), “os filhos se reuniram e se aliaram para dominar, matar e devorar o pai, que fora seu inimigo, mas também seu ideal”. Depois do assassinato do pai, os filhos fizeram um pacto de nenhum deles tomar o seu lugar. Surge, assim, o sentimento de culpa e a moralidade. Nas palavras de Freud:

“Sob a influência do fracasso e do remorso aprenderam a chegar a um acordo entre si; agruparam-se num clã de irmãos, mediante o auxílio dos ditames do totemismo, que visavam impedir a repetição de tal feito, e em conjunto passaram a abrir mão da posse das mulheres por cuja causa haviam matado o pai. Foram então impelidos a encontrar mulheres estranhas, sendo esta a origem da exogamia que se acha tão estreitamente vinculada ao totemismo. A refeição totem era festival que comemorava o temível feito que decorria do sentimento de culpa do homem (ou ‘pecado original’) e que foi começo, ao mesmo tempo, da organização social, da religião e de restrições éticas. Ora, se supusermos que tal possibilidade foi um fato histórico ou não, ela traz a formação da religião para o círculo do complexo do pai e a baseia na ambivalência que domina esse complexo. (FREUD, 1925 [2006], p. 70)

A grande contribuição da obra é que Freud aponta a gênese da consciência moral, além de que *Totem e Tabu* serviu de base para os trabalhos posteriores sobre a psicologia de grupo.

3.2. A mudança na teoria dos instintos: As obras da década de 1920.

No decorrer da década de 1920, Freud continuou escrevendo uma série de obras em que abordavam a relação entre as dinâmicas individuais e coletivas. Porém nessa mesma década ocorreram duas mudanças estruturais no pensamento freudiano, no que diz respeito à análise do funcionamento da psique: a mudança na teoria dos instintos e o surgimento da ‘segunda tópica’. Essas mudanças serão profundamente marcantes no restante da obra freudiana, por isso se faz necessário, refletirmos como elas ocorreram na teoria de Sigmund Freud. Junto à genealogia que estamos fazendo da obra de caráter social de Freud, vamos analisar, mesmo que superficialmente, duas obras que entendemos como sendo fundamentais nessa virada na teoria freudiana, que seriam *Além do Princípio do Prazer* (1920), onde faz mais uma mudança na teoria dos instintos⁶¹, propondo os conceitos de ‘instinto de vida’ e

⁶¹ Freud colocava *Além do princípio do prazer* como “o terceiro passo da teoria dos instintos” (FREUD, 1920 [2010], p. 232). As duas anteriores “a extensão do conceito de sexualidade e a tese do narcisismo” (FREUD, 1920 [2010], pp. 232-233). A primeira formulação se encontra em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), está relacionada pulsão sexual, onde Freud destacou a importância da sexualidade infantil. A segunda foi formulada por Freud a partir de *Introdução ao narcisismo* (1915), e nos ensaios de metapsicologia da segunda metade da década de 1910, onde surgiram novas formulações psíquicas como ‘ideal de eu’ e a ideia de narcisismo. Frisemos que a cada nova descoberta sobre a teoria dos instintos Freud não abandonava a perspectiva anterior, mas sim a enriquecia com tais descobertas.

‘instinto de morte’, e *O Eu e o Isso* (1923), onde Freud formula a ‘segunda tópica’⁶² (isso, eu e supereu), substituindo a ‘primeira tópica’ (inconsciente, pré-consciente e consciente).

A teoria dos instintos é de suma importância na obra de Freud. Forma com a ‘libido’ e o ‘narcisismo’, “os três grandes eixos da teoria freudiana da sexualidade”, como frisou Elizabeth Roudinesco (ROUDIENSCO & PLON, 1998, p. 628). O próprio Freud em *Breve Descrição da Psicanálise* (1924), coloca a teoria dos instintos como basilar dentro da teoria psicanalítica:

Mais uma vez enumerei os fatores que contribuem para a constituição dessa teoria. São eles: *ênfase na vida instintual (afetividade)* (grifo nosso), na dinâmica mental, no fato de que mesmo os fenômenos mentais aparentemente mais obscuros e arbitrários possuem invariavelmente um significado e uma causação, a teoria do conflito psíquico e da natureza patogênica da repressão, a visão de que os sintomas constituem satisfações substitutas, o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, e especificamente, dos primórdios da sexualidade infantil. (FREUD, 2006 [1924], p. 221).

Tendo esse *status* dentro na teoria freudiana, os conceitos que surgirem na Psicanálise dependem, ou estão ligados a teoria dos instintos, em especial as da década de 1920, que influenciaram tantos teóricos nas décadas seguintes sejam da Psicanálise, sejam de ciências afins, como mostramos anteriormente..

A primeira das mudanças da teoria freudiana nos anos de 1920 se dá logo no começo de tal década. Entre 1919-1920, Freud dedicou-se a escrita de *Além do Princípio do Prazer*, onde introduz os conceitos de ‘instinto de vida’ e ‘instinto de morte’. A situação em que essa obra foi construída era extremamente negativa. Durante sua escrita, Sophie, filha de Freud, que estava grávida, morreu acometida de gripe espanhola. Toda a situação negativa do pós-guerra, os primeiros sinais do câncer, e a iminência da morte também influíram sob Freud na escrita dessa obra. Para a proposição de tais conceitos, Freud retornou a seus escritos metapsicológicos da década de 1910⁶³, onde havia formulado os ‘princípios do prazer’ (busca

⁶² Sobre ‘tópica’, nos informam Roudinesco e Plon: “Termo derivado do grego *topos* (lugar) e que designa, na filosofia, de Aristóteles (385-322 a.C.) a Immanuel Kant (1724-1804), a teoria dos lugares, isto é, das classes gerais em que podem ser incluídas todas as teses ou elaborações. Sigmund Freud utilizou o termo como adjetivo e como substantivo, para definir o aparelho psíquico em duas etapas essenciais de sua elaboração teórica”. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 755).

⁶³ *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, 1911.

o prazer e evita o desprazer) e da ‘realidade’ (impõe ao primeiro às restrições necessárias para a adaptação à realidade externa).

Além do Princípio do Prazer propôs um dualismo instintivo composto por Eros, instinto de vida, e pelo instinto de morte. Nessa bipolaridade dos instintos, o instinto de vida, é concebido como a preservação do eu, é o mecanismo que tem por objetivo unir os indivíduos. “Dessa maneira, a libído de nossos instintos sexuais coincidiria com o Eros dos filósofos e poetas, que mantém unido tudo o que vive” (FREUD, 2010 [1920], p. 221). O ‘instinto de vida’ torna a existência possível, porque adia o regresso a um estado inorgânico, que é o interesse principal do ‘instinto de morte’.

Já o ‘instinto de morte’, que se opõe ao ‘instinto de vida’, nesse antagonismo instintual, é, como foi dito antes, a força que almeja o retorno ao estado inorgânico. Diferente do ‘instinto de vida’, que associa os indivíduos, as características do ‘instinto de morte’ são dissolver e dissociar. Em *O Eu e o Isso* (1923), Freud mais uma vez aponta a oposição entre os dois instintos. Na letra de Freud:

Com base em considerações teóricas, apoiadas pela biologia, apresentamos a hipótese de um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. (FREUD, 1923 [2006], p. 53).

Para Freud, “a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências.” (FREUD, 2006 [1923], p. 53). Freud manteve-se fiel a essa dinâmica dualista dos instintos até seus últimos textos, como nos mostram essas linhas do seu *Esboço de Psicanálise* (1940):

“Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, *Eros e o instinto destrutivo*. (O contraste entre os instintos de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros.) O objetivo do primeiro desses instintos básicos é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las - em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas”. (FREUD, 1940 [2006], p.161).

Além do Princípio do Prazer, é uma inovação dentro do pensamento freudiano, além disso, influenciou todas as obras de Freud *a posteriori*, as quais nos interessa *Psicologia de Massas e Análise do Eu* (1921), obra imediatamente posterior, onde Freud propõe que o

‘instinto de morte’ é a causa das agressões e hostilidades entre os sujeitos; *O Eu e o Isso* (1923), onde associa a dualidade instintual a nova estrutura da psique por ele formulada (segunda tópica) e *O Mal-estar na Civilização* (1930), onde aprofunda ainda mais a oposição entre os dois instintos.

Além das mudanças teóricas na obra freudiana, na década de 1920, foram escritas algumas das obras mais instigantes acerca da análise da Cultura, da Civilização e da Sociedade. A começar por *Psicologia de Massas e Análise do Eu* (1921), onde Freud, usando de preceitos da Psicologia Social⁶⁴ e da Psicanálise (usando ideias desenvolvidas já em *Totem e Tabu*), faz uma análise do fenômeno das massas, através da “oposição entre Psicologia individual e a Psicologia social ou de massas” (FREUD, 1921 [2011], p. 14).⁶⁵

Nas primeiras linhas de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud propõe a interação entre Psicologia Individual e Psicologia Social, na letra freudiana:

“Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.” (FREUD, 2011[1921], p. 14).

Como dito antes, esse texto está intimamente ligado às formulações de Freud sobre os ‘instinto de vida’ e ‘instinto de morte’, feitas em *Além do Princípio do Prazer*. Além disso, temos também o esforço de Freud em ressignificar a psicologia de grupo. Diferentemente do que havia feito em *Totem e Tabu*, onde aplicou as ideias da Psicanálise à Psicologia de grupos, nessa obra Freud alega que a Psicologia de massas faz parte da Psicanálise.

⁶⁴ Para a escrita dessa obra percebe-se claramente que Freud foi influenciado pelo livro do psicólogo francês Gustave LeBon, intitulado *Psicologia das Multidões* (LeBON, 1895). Depois de uma leitura mais exaustiva, arriscamos dizer que Freud também foi influenciado pela obra do sociólogo Gabriel Tarde *As Opiniões e as Massas* (TARDE, 1901).

⁶⁵ Se toda obra cultural ou científica é influenciada por seu tempo, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, não foge a regra. Nessa obra escrita após a Primeira Guerra Mundial, Freud já começava a tentar entender a formação dos grupos ideológicos, que inclusive depois viriam formar as ideologias nazista e fascista. Nessa obra também encontramos uma ideia muito próxima à noção de ‘Carisma’, de Max Weber. Para uma análise mais profunda da relação psique e regimes totalitários indicamos a leitura de um dos discípulos de Freud e criador do ‘Freudo-Marxismo’, Wilhelm Reich com o seu *Psicologia de Massas do Fascismo* (REICH, 1933), acompanhado de uma leitura do clássico da filósofa Hannah Arendt *As Origens do Totalitarismo* (ARENDDT, 1973). Sobre o conceito de ‘Carisma’ em Weber, ver especialmente *Economia e Sociedade - Volume 1* (WEBER, 1910).

O objetivo de Freud em *Psicologia de Massas e Análise do Eu*, era observar como se forma um grupo social, qual a dinâmica mental que mantém os indivíduos unidos em grupo, o que garante sua estabilidade e o que faz com que ele desapareça. O responsável por tudo isso, segundo Freud, é a libido. Para exemplificar, mostrou como se formam dois grupos: a igreja e o exército. Nesses grupos percebe-se como a coesão supera o narcisismo que separa os indivíduos. Para a análise dessa coesão, Freud (1921 [2011], p. 76). Apontou a relação entre ‘eu’ e ‘ideal de eu’. Nas suas palavras: “Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em se Eu”.

A relação entre psicologia individual e psicologia de massa é visível em toda a obra. Além disso, por meio da análise da dinâmica dos grupos, Freud trabalha com conceitos como narcisismo, identificação, eu e ideal de eu, sendo a análise dos dois últimos aprofundada por Freud em *O Eu e o Isso* (1923).

Nesta obra, Freud resume de forma clara suas teorias metapsicológicas, que havia formulado desde a década de 1910 até o presente momento. Freud começa por retornar ao seu primeiro esquema psíquico, conhecido como ‘primeira tópica’, que dividia a psique em consciente, pré-consciente (apto a se tornar consciente) e o inconsciente (o reprimido, que poderia retornar ao consciente, por meio do método psicanalítico) e acaba formulando uma nova estrutura que consiste no ‘eu’, ‘supereu’ e o ‘isso’.

Nesta nova formulação, o ‘isso’ era muito mais do que o reprimido, Freud o caracteriza como o reservatório de instintos e que se expressam de acordo com as regras do princípio do prazer. O ‘eu’ é a parte do ‘isso’ que foi modificada por influências do mundo externo. Freud coloca a relação entre o eu e o isso como “cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo” (FREUD, 1923 [2006], p. 39).

Completando a ‘segunda tópica’, Freud introduziu um terceiro conceito que é o de ‘supereu’, que pode ser colocada como a consciência moral, a agência responsável pela repressão e a censura. Na teoria freudiana, o ‘supereu’ é baseado no conceito freudiano de ‘ideal do eu’⁶⁶, proposto em *Introdução ao Narcisismo* (1914) e aprofundado em *Psicologia*

⁶⁶ “Sigmund Freud utilizou essa expressão para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. A noção de ideal do eu é um marco essencial na evolução do pensamento freudiano, desde as reformulações iniciais da primeira tópica até a definição do supereu”. (ROUDINESCO & PLON, 1998, P. 362).

das Massas e Análise do Eu (1921), onde Freud usa o conceito para mostrar o funcionamento dos grupos e desenvolveu a ideia de identificação em que os indivíduos identificam seu ‘eu’ por meio da criação de um eu ideal, encarnado em um líder.

Além de intersubjetivo, o supereu freudiano perpassa gerações, pois é ele o responsável por guardar o passado cultural e transmitir os bens da civilização, que serão reapropriados pelos indivíduos. O supereu é responsável também por transmitir as restrições que a civilização exerce sobre os indivíduos, a repressão dos instintos destrutivos do desenvolvimento cultural. Para tal elaboração, Freud recorre também a *Totem e Tabu* (1913), principalmente no que diz respeito ao surgimento da culpa e do laço social, resultante do assassinato do pai primevo. O papel do ‘supereu’ será evidenciado como fundamental para o processo civilizatório, em Freud, na obra *O Mal-estar na Civilização*.

No final dos anos de 1920, Freud lançou *O Futuro de Uma Ilusão* (FREUD, 1927), onde coloca a religião como principal barreira para o fim de uma compreensão infantil e supersticiosa da realidade. Freud argumenta que a Civilização corre grandes riscos, mantendo as instituições religiosas. Para ele o impacto da religião é negativo nos âmbitos individual e social, tanto como sobre o desenvolvimento intelectual e restringe a liberdade dos sujeitos.

Freud crê que o homem civilizado, deve aceitar a ciência mais que a religião. Nesse ponto vemos a fé que ele tem nos progressos da razão, vendo essa como a única forma de o homem poder superar os misticismos sobre a realidade. Acima de tudo, Freud quer mostrar que a religião, como todo fenômeno da civilização, e baseada na repressão dos instintos e proibições. Ela é resultado da busca do homem em seu estado de desamparo, da busca por segurança e por conforto.

“O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (FREUD, 2006 [1927], p. 26)

A base dessa obra freudiana é a religião cristã, que tem como característica basilar a relação entre pai e filho, onde o Deus-pai é “exaltado, e o anseio pelo pai constituía a raiz da necessidade de religião” (FREUD, 2006 [1927], p.31). Além disso, Freud propõe como característica inerente à religião o fato de ser “a neurose obsessiva da humanidade” (FREUD,

2006 [1927], p. 52), condição que ele propunha desde *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*⁶⁷ (FREUD, 1907).

3.3. O ‘Processo Civilizador’ de Freud: Uma análise de *O Mal-estar na Civilização*.

Em 1930, chegamos ao ápice da análise freudiana da cultura e da sociedade⁶⁸, com o lançamento da obra *O Mal-estar na Civilização* (FREUD, 1930), a nosso ver principal obra de Freud, na análise do social. Vemos o apogeu do pessimismo de Freud em relação a Civilização. Escrita numa época de depressão econômica, após uma guerra e com iminência de outra, com o surgimento regimes totalitários de direita (Nazismo e Fascismo) e de esquerda (Stalinismo), e com a saúde de Freud se deteriorando cada vez mais, com todo esse retrato e principalmente, como Freud demonstrava desde o final do século XIX, pelo fato de a Civilização surgir da repressão dos instintos, a tendência era os sujeitos caírem num estado de angústia, de mal estar. Na letra freudiana:

“A Civilização foi alcançada através da renúncia à satisfação instintual, exigindo ela, por sua vez, a mesma renúncia de cada recém-chegado. No decorrer da vida de um Indivíduo há uma substituição constante da compulsão externa pela interna. As influências da Civilização provocam por uma mescla de elementos eróticos, uma sempre crescente transformações das tendências egoístas em tendências altruístas e sociais. Em última instância, pode ser supor que toda compulsão interna que se faz sentir no desenvolvimento dos seres humanos – isto é, na *História da humanidade* – foi originalmente apenas uma compulsão externa. Os que nascem hoje trazem consigo, como organização herdada, certo grau de tendência (disposição) para a transformação de instintos egoístas em sociais, sendo essa disposição facilmente estimulada a provocar esse resultado. Outra parte dessa transformação instintual tem de ser realizada durante a vida do próprio Indivíduo. Assim, o ser humano está

⁶⁷ A ideia de Freud sobre a religião, livre do pensamento cético-cristão e embasado nas luzes da Modernidade propõe que o Deus concebido pelo homem não passa de projeções do seu próprio inconsciente e que a Religião era um mecanismo de defesa criado pelo homem, uma ilusão que as pessoas usavam para defender-se do sentimento de que estavam desamparadas no mundo é muito semelhante à ideia weberiana de 'desencantamento do mundo', que é uma consequência da racionalização e que, segundo Weber: “(...) sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que o quiséssemos provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível no decurso de nossa vida, ou, em outras palavras que podemos dominar tudo por meio de cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar os espíritos ou exorcizá-los, como fazia o selvagem que acreditava na existência de poderes misteriosos. Podemos recorrer à técnica e ao cálculo. Isto, acima de tudo, é o que significa a intelectualização”. (WEBER 1919/2008).

⁶⁸ Por questão de importância para nossa pesquisa encerramos nossa análise da obra de caráter social de Freud em *O mal-estar na Civilização*. Todavia, durante a década de 1930, Freud ainda escreveu várias obras traçando a relação entre ‘Subjetividade e Sociedade’. Em *Por que a guerra?*(1932), onde responde a correspondência de Albert Einstein trazendo conceitos já discutidos em *Pensamentos para tempos de guerra e morte* (1915) e em *O mal-estar na Civilização* (1930). *A divisão do ego no processo de defesa* (FREUD, 1938), onde o autor postula: “Existe assim um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade”. (FREUD, 1938 [2006], p. 293). E já no ano de sua morte é lançado *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, 1939), obra que Freud trabalhava desde 1934 e ao mesmo tempo em que é uma biografia de Moisés, traz conceitos abordados já em *Totem e Tabu* (1913).

sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também a influência da História cultural de seus ancestrais” (FREUD, 2006 [1930], p. 291).

Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud não distinguiu Cultura e Civilização⁶⁹. Esta seria o diferencial entre a vida humana da vida animal. Permitiria ao indivíduo controlar a natureza e criar uma série de normas com as quais eles homogeneizariam suas relações. Nas palavras de Freud:⁷⁰

“(...) a palavra “Civilização” designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si”. (FREUD, 2011 [1930], pp. 48-49).

Freud aceitou relutante, a necessidade da sociedade humana de reprimir seus instintos e desejos, sabendo do dano emocional, que tal repressão infligia aos indivíduos. Usa o termo ‘sacrifício’ para classificar essa repressão, que leva a doença nervosa, que para Freud (2011 [1932], p. 433) é o preço que pagamos pela Civilização. Na sua teoria da Civilização, ele reconhece a ambivalência desta, que “Há tempos imemoriais ocorre na humanidade o processo de evolução da cultura. (Sei que outros preferem chamá-lo ‘Civilização’). A ele devemos o melhor daquilo que nos tornamos e uma boa parte daquilo de que sofremos”.

A Civilização é o resultado de um conflito entre a natureza humana e o processo civilizatório. É baseada em renúncias. Desde seu nascimento, o sujeito é habitado por

⁶⁹ Na edição de *O mal-estar na Civilização* traduzida diretamente do alemão por Paulo César de Souza, o tradutor adiciona uma nota explicando a tradução de *kultur*, do original, para civilização. Nas suas palavras: “No original, *Kultur*, termo que consta no título deste ensaio. Em alemão também existe *Zivilisation*, mas seria um simplismo verter automaticamente os dois termos por ‘cultura’ e ‘civilização’ em português, pois o campo semântico — ou conjunto de sentidos — de cada um deles não é idêntico nas duas línguas, e pode variar até mesmo no interior de uma delas, de acordo com a época. Assim, em determinado período considerava-se *Kultur* algo interior, profundo, germânico (numa concepção devedora do romantismo alemão), diferentemente de *Zivilisation*, que seria algo externo, superficial, francês. Talvez seja a essa oposição que Freud se refere, ao afirmar, em *O futuro de uma ilusão*, que se recusa a distinguir entre *Kultur* e *Zivilisation*”. (SOUZA *apud* FREUD, 1930 [2011], p. 48). Norbert Elias, no primeiro volume de *O processo civilizador*, dedica a primeira parte dessa obra a sociogênese dos conceitos de *kultur* e *zivilisation*, e seu uso entre os alemães.

⁷⁰ Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud já havia formulado, de uma maneira mais ampla o conceito de Civilização, nas suas palavras: “A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível”. (FREUD, 1927 [2006], pp. 15-16).

exigências instintuais, e na infância, a criança renuncia seus desejos, por meio do interdito do incesto. Na vida adulta deve renunciar aos seus desejos, pois eles se chocam com questões culturais da sociedade. O pensamento freudiano se baseia no paradigma antitético da relação entre Civilização e instintos. A Civilização é posta nessa obra como uma manifestação direta dos instintos. É produto da vontade de Eros⁷¹. Freud propõe a ideia de que a psique e o social são interligados em suas raízes, sendo o mundo social em si o resultado de suas afinidades e a Civilização, o nível mais alto "psiquismo".

Para Freud, o que está em jogo é o modo como à sociedade se organiza, e, principalmente, e o impacto disso na economia dos desejos, nas palavras de Freud:

“(...) toda civilização repousa numa compulsão a trabalhar e numa renúncia ao instinto, provocando, portanto, inevitavelmente, a oposição dos atingidos por essas exigências, tornou-se claro que a civilização não pode consistir, principal ou unicamente na própria riqueza, nos meios de adquiri-la e nas disposições para sua distribuição, de uma vez que essas coisas são ameaçadas pela rebeldia e pela mania destrutiva dos participantes da civilização. Junto com a riqueza deparamo-nos agora com os meios pelos quais a civilização pode ser defendida: medidas de coerção e outras, que se destinam a reconciliar os homens com ela e a recompensá-los por seus sacrifícios. Estas últimas podem ser descritas como as vantagens mentais da civilização.” (FREUD, 2006 [1927], p. 20).

A Repressão dos instintos não significa o fim dos desejos nos sujeitos. Não representa também que a negociação entre natureza e a cultura esteja encerrada. Esse conflito é permanente.

Para os iniciados na letra freudiana, percebe-se que essa obra é o ápice da teoria metapsicológica, que engloba estudos realizados desde o fim do século XIX, até a década de 1920, do século XX. A dualidade instintual proposta em *Além do Princípio do Prazer* (1920) e a ‘segunda tópica’ de *O Eu e o Isso* (1923), são aprofundadas e essenciais na construção desta obra.

Para quem lê a obra pela primeira vez, Freud deixa claro aonde quer chegar. Por toda ela perpassa a relação entre os sujeitos e a Civilização. O cerne principal para a obra é a impossibilidade dos sujeitos em alcançar a felicidade. E que a Civilização desenvolve-se através da luta entre ‘instinto de vida’ e ‘instinto de morte’ e é baseada na repressão sexual,

⁷¹ “(...) é um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade”. (FREUD, 1929 [2011], p. 90).

que contribui para o desenvolvimento do supereu e da consciência moral e sentimentos como a culpa e o remorso.

“Em primeiro lugar, imagino que os leitores tenham a impressão de que a discussão sobre o sentimento de culpa excedeu as balizas deste ensaio, apropriando-se de muito espaço e impelindo para a margem o conteúdo restante, com o qual nem sempre se vincula de modo íntimo. Isso pode haver prejudicado a arquitetura do trabalho, mas corresponde bem ao propósito de situar o sentimento de culpa como o problema mais importante da evolução cultural e de mostrar que o preço do progresso cultural é a perda de felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa”. (FREUD, 1930 [2011], p. 106).

Se em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud observava a relação do eu com a massa, em *O Mal-estar na Civilização*, o autor encarregou-se em examinar o supereu desde sua gênese sua contribuição para a formação da Civilização. O que ambos os textos tem em comum, é o modo como Freud liga realidade e agressão em uma dinâmica que faz interagir a psicanálise e psicologia coletiva. Nessas obras, é evidente a analogia entre as formações psíquicas e culturais.

A conceituação feita por Freud em sua obra diz que o desenvolvimento histórico da Civilização ocorre interligado ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, que paralelo ao ‘processo civilizacional’ ocorre a modelagem dos indivíduos⁷². Para Freud a Civilização é uma conquista da humanidade, é o ponto máximo do desenvolvimento do indivíduo. Esse desenvolvimento civilizacional em Freud é resultado de progressos mentais dos indivíduos, como já havia observado anteriormente em *O Futuro de uma Ilusão*:

“Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui entre seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social”. (FREUD, 2006 [1927] p. 21).

A ideia de Freud é do “desenvolvimento cultural como um processo peculiar, comparável à maturação normal do indivíduo” e coloca uma questão que influenciou Elias na escrita de *O Processo Civilizador*: “(...) perguntando-nos acerca das influências a que esta evolução cultural deve sua origem, como nasceu e o que determinou seu curso.”⁷³

⁷² Ideia análoga aos conceitos de sociogênese e psicogênese de Norbert Elias.

⁷³ *O mal-estar na Civilização*, p. 60.

O processo civilizacional em Freud segue o caminho de uma coerção externa seguida de uma internalização da repressão aos instintos. Há em *O Mal-estar na Civilização*, uma preocupação de Freud em relação à sociabilidade dos indivíduos, pois existe uma “(...) hostilidade primária entre os homens”, estando então à sociedade “(...) permanentemente ameaçada de desintegração”⁷⁴. Os mecanismos civilizacionais e suas consequências são necessários, pois segundo Freud, e talvez esse também seja o pensamento de Elias, “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” e dessa forma “civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa.”⁷⁵ A “hostilidade entre os homens”, são representações do instinto de morte e devem ser combatidas pelo processo civilizacional. Se olharmos numa perspectiva política, a própria ideia da formação do Estado é válida, haja vista que ele é quem, através de sua normatização e legislação inflige ao sujeito uma primeira coerção externa⁷⁶. O Estado, assim defende-se do caos ameaçador de seus membros.

Peter Gay, com sua densa biografia sobre Freud, fala do caráter político de *O Mal-estar na Civilização*, nos diz:

“A contribuição específica de Freud à reflexão sobre a política consiste [na] ideia das paixões reprimidas pela cultura. Essa perspectiva dá a *O Mal-Estar na Civilização* sua força e originalidade: trata-se de uma teoria psicanalítica da política, formulada de maneira sucinta. Freud não era teórico político, assim como não era historiador das religiões ou arqueólogo. Era um psicanalista que aplicava os recursos de seu pensamento às diversas manifestações da natureza humana. Os maiores teóricos políticos, desde Platão e Aristóteles, haviam feito exatamente o mesmo. Mas Freud fundou sua análise da vida social e política numa teoria da natureza humana muito própria.” (GAY, 1989, p. 495-496).

A necessidade gregária para a existência de cada indivíduo faz com que esses criem normas e regras sociais e que essas evoluam a partir de um processo civilizacional baseado na repressão libidinal e que se desenvolveu em séculos, como nos mostra Elias, na sua *Magnus Opum O Processo Civilizador*. Freud mostra que esse processo “é [...] especial que se desenrola na humanidade, e nós continuamos sob o influxo dessa ideia”.⁷⁷

⁷⁴ *O mal-estar na Civilização*, p. 78.

⁷⁵ *O Futuro de uma Ilusão*, p. 16.

⁷⁶ No sentido weberiano, o próprio ‘monopólio da violência’ é essencial para essa coerção externa. Norbert Elias também atentou a isso já em “A Sociedade de Corte”. (ELIAS, 1933).

⁷⁷ *O Mal-Estar na Civilização*, p. 90.

Entendemos então que para Freud, a partir da sua segunda teoria dos instintos que a ordem social é vista como dominante na sua relação com a psique, e impõe seus próprios mecanismos de controle social sobre ela.

As medidas tomadas em prol da civilização, para Freud revelam a interação entre o social e a libido e que assumem a forma de “grupo de características que conhecemos como parcimônia, sentido da ordem e limpeza”⁷⁸.

A repressão à libido, à agressividade, e aos desejos é tão forte que passa de uma coerção externa para uma internalização das normas que acarretam essa repressão. Essa internalização, para Freud, ocorre com a formação do ‘supereu’⁷⁹. A Civilização, para ter seus ideais respondidos, reprime, sublima, desejos instintivos e prazeres. A formação do ‘supereu’ resulta na internalização de um código moral civilizado. Transforma aquilo que poderia prejudicar o processo civilizatório, em meios pró-civilização. Transforma o sujeito em social e moral, em civilizado. Seu desenvolvimento se torna parâmetro de avaliação do processo civilizacional. Quanto mais desenvolvido o ‘supereu’, mais o sujeito é civilizado. Ele funciona de acordo com a sociedade em que está inserido. O ‘supereu’ é resultado de uma ordem social imposta à anarquia instintiva antissocial.

A inibição desses instintos tem duas consequências. A primeira, é que ela é basilar para a formação da Civilização. Já foi dito que a Civilização é resultado da repressão dos instintos destrutivos, haja vista que eles não se encaixariam nos ideais da civilização. A segunda é que nem todos os sujeitos se adaptariam a isso, causando assim uma sensação de mal-estar, e o surgimento da doença nervosa. Essa perspectiva “Processo Civilizacional x Doença Nervosa”, está presente desde *A Moral Sexual ‘Cultural’ e o Nervosismo Moderno* (FREUD, 1908), onde a repressão instintual é a origem das neuroses. Esse ‘Mal-Estar’, segundo Freud, é o preço que pagamos para viver em Sociedade.

⁷⁸ O Mal-Estar na Civilização, p. 59. Em *O Processo Civilizador*, vemos que uma das principais preocupações dos manuais de bons modos, está na relação dos sujeitos com o seu corpo, numa normatização que ditava que o sujeito civilizado, é o sujeito limpo, ordeiro.

⁷⁹ Em “O Eu e O Isso” (FREUD, 1923) estabelece o que ficou conhecido como ‘Segunda Tópica’, a divisão da psique em três estamentos: Eu, Isso, Supereu. Esse Supereu é “(...) a sede da auto-observação, o depositário da consciência moral”. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 745).

4. A SOCIOLOGIA PROCESSUAL DE NORBERT ELIAS E SEU ENCONTRO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA.

4.1 A Sociologia processual de Norbert Elias...

Na construção de sua teoria sociológica, Elias transcende muitos dos obstáculos conceituais da Sociologia. Suas ideias e conceitos como ‘figuração’, ‘interdependência’, ‘segunda natureza’, contribuíram utilmente para o desenvolvimento de uma forma mais vigorosa da prática sociológica. Para a construção de sua obra, o autor não se utilizou apenas de teóricos da Sociologia. Suas reflexões são embasadas pelas teorias do desenvolvimento humano, numa relação muito próxima ao que pensavam os teóricos da escola soviética (Vigotski, Leontiev e Luria), principalmente pelo fato de o processo civilizador ser uma aquisição de modelos sociais de comportamento; pela História⁸⁰, numa posição semelhante aos autores da *Escola dos Annales*⁸¹ e por fim, e o que prioritariamente nos interessa, a Psicanálise, especialmente ao freudismo.

Elias se enquadra no grupo de autores das Ciências Sociais que, com o surgimento da Psicanálise, construíram suas obras usando-a como arcabouço teórico. Na relação entre Elias e Freud, esse faz uso das teorias freudianas, principalmente os que foram formulados a partir dos anos de 1920, como por exemplo, a teoria dos instintos, os conceitos da ‘segunda tópica’, em especial a ideia de ‘supereu’. Esses conceitos são usados por Elias de uma

⁸⁰ Obviamente que o papel atribuído por Elias a si mesmo foi o de sociólogo, não o de historiador. Contudo não há como fugir do caráter histórico da teoria eliasiana. Esse caráter se dá em dois sentidos. O primeiro está relacionado a questão do objeto de pesquisa. *O Processo Civilizador* e *A Sociedade de Corte* descrevem e explicam as mudanças comportamentais e do caráter social no Ocidente, entre o Renascimento e o Absolutismo Monárquico. Além dessas *Mozart – A Sociologia de um gênio*, também é de caráter histórico em sua análise. O segundo sentido dado a História na obra de Elias é menos óbvio, porém é justamente nele que se encontra a provocação de Elias, ao *mainstream* sociológico. Em uma época que a maioria dos sociólogos se afastou da História, ao ponto de despreza-lá sob os perigos do evolucionismo, ele insistiu em colocação da análise histórica no estudo desenvolvimento social. A ideia de Sociologia para Elias, é que essa devia estudar os processos localizados no tempo (Sociologia Processual), e não uma Sociologia baseado no estudo das estruturas, onde os sociólogos trabalhavam com objetos como sistemas essencialmente estáticos e primários, como propunha o modelo parsoniano, tão criticado por Elias no prefácio de 1968 de *O Processo Civilizador*. Para Elias os sociólogos deviam se retirar do presente, surgindo assim uma sociologia de caráter histórico. Embora a Sociologia o tenha marcado como representante dessa vertente é provável que Elias rejeitasse esse termo, haja vista que na teoria eliasiana, a sociologia é realizada historicamente. Porpondo-se uma Sociologia Histórica implica na existência de uma Sociologia não histórica.

⁸¹ O tipo de prática historiográfica a que se opõe Elias no prefácio de *A Sociedade de Corte* está em acordo com aquilo que é construído pela ‘Escola dos *Annales*’: a crítica a uma história de eventos políticos que despreza a dimensão coletiva, a cultura material, as atitudes, e os processos sociais. Elias denuncia história do indivíduo heroico singular, que nega o mundo social.

maneira sociológica e Freud é um aliado para a construção de sua Sociologia, especialmente em *O Processo Civilizador* (1939), sua grande obra e que, mesmo *a posteriori*, o colocou no patamar dos grandes sociólogos.

Escrito na Inglaterra, no decorrer da década de 1930, e lançada posteriormente por uma editora suíça, em 1939, tornou-se base para uma teoria geral dos processos sociais e do desenvolvimento da sociedade. Para afirmar sua ideia de um processo civilizador na Europa, Elias seguiu seu próprio caminho. Em sua estadia na cidade de Londres, travou contato, na biblioteca do Museu Britânico, com obras que tratavam sobre a Idade Média, as cortes europeias, o Humanismo, os códigos de boas maneiras e civilidade escritos a partir do século XVI, por autores como Galateo, Castiglione della Casa e, em especial, Erasmo de Roterdã. Essas fontes não tradicionais dentro da pesquisa sociológica foram usadas por Elias na construção de sua obra.

Esses códigos de boas maneiras e de boa conduta eram registros fundamentais para o homem civilizado. Esboçavam sobre a evolução de controle emocional, das funções corporais. Nesse sentido, vemos claramente a intenção de Elias em demonstrar que um dos caminhos para se adquirir modos civilizados era a educação, pois a interiorização dessas boas maneiras é uma parte importante do processo de educação e socialização. Na infância, durante a formação da personalidade, as crianças aprendem o que é embaraçoso e assim formam sua ‘segurança comportamental’. Por estarem estão inseridas dentro da sociedade, nela desenvolvem-se individualmente e coletivamente. Nos processos de aprendizagem o indivíduo assimila os códigos, as normas de comportamento e as convenções de civilização que são um viés para que esse indivíduo possa se enquadrar dentro de determinada figuração social.

Os seres humanos se comunicam com a ajuda dos símbolos que são criados por eles e diferem de sociedade para sociedade. A língua, os costumes e os conhecimentos que as pessoas assim são capazes de acumular, são preservados, e transmitidos de geração para geração. O conhecimento não pode ser derivado a partir de dados biológicos, mas se desenvolve quando há uma interação entre os processos naturais e os processos sociais, no qual se conectam o potencial biológico e a realidade social dada.

A transmissão de valores, de conhecimento, de informação e de cultura, auxiliaria na formação dos indivíduos, fazendo com que esses se comportassem segundo padrões de

conduta social estabelecido e incorporado na vida cotidiana. O resultado disso seria a formação do que Elias chama de ‘segunda natureza’, ou o mesmo que Freud descreve em sua teoria como sendo o ‘Supereu’, o mecanismo interno de autocontrole das emoções e dos instintos. Elias analisa a formação dessa ‘segunda natureza’ ao longo do tempo e dentro de uma estrutura específica de interdependência social. Em sua biografia⁸², Elias coloca a sua intenção com o livro sobre o processo de civilização:

“Eis, portanto o que me interessava. Tentei contribuir para por em marcha esse empreendimento destinado a desvencilhar as teorias sociológicas das ideologias, o que se revelou mais difícil do que imaginara. Em meu livro *O processo civilizador*, eu esperava ter conseguido, com a ajuda de provas empíricas detalhadas, dominar problemas teóricos, sobretudo a mutação civilizadora dos homens e a transformação a longo prazo do estágio de integração do Estado. Esperava que fosse possível as gerações futuras dar sequência a esses trabalhos assim como a outros referentes aos processos sociais de longa duração e, caso se fizesse necessário, corrigir esses primeiros passos (...). (ELIAS, 2001 [1990], p. 147).

A tese central de *O Processo Civilizador* consiste em entender que o surgimento e desenvolvimento das modernas formas de vida, dependiam majoritariamente da repressão dos instintos sexuais e agressivos, que se ocorreria através da internalização das coerções externas morais, e conseqüentemente com a expressão simbólica desses instintos de uma maneira positiva para o social.

Elias observa que no século XVI era grande por toda Europa a circulação de obras de etiqueta e boas normas, a que ensinavam seus leitores como conter seus instintos sexuais e agressivos. Nessas obras era discutido tudo acerca da civilidade. Desde o uso de utensílios a mesa até o comportamento das pessoas umas com as outras e normas de higienização do corpo⁸³. Esses manuais vinham mostrar como o estado anterior a ele era negativo. Onde havia pouca ou quase nenhuma contenção e decência em relação a essas funções. De fato, na sociedade guerreira da Idade Média, a satisfação dos prazeres era encontrada, segundo Elias,

⁸² Admitindo a influência de Freud na obra de Elias, devemos frisar que nas análises do social feita pelos dois teóricos há uma diferença. Em Freud, suas análises tem como foco a sexualidade. Enquanto para Elias, a sexualidade não é foco de sua teoria sociológica, sendo apenas mais um aspecto entre outros da vida do indivíduo.

⁸³ Elias se concentra em aspectos que dizem respeito a gestão emoções, a regulação das funções corporais. Em carta à Walter Benjamin, mostra o processo de civilização do corpo que analisa em *O processo civilizador*: “(...) possuo exemplos para o fato de que os historiadores da cultura, acostumados a ver o 'essencial' da história na esfera do espírito e das ideias, olham com muito pouco entendimento para esse ensaio de psicologia histórica, no qual se fala de coisas tão simples como comer, assuar o nariz e dos impulsos humanos mais elementares”.

nas manifestações de violência extrema. Seja essa violência sendo exacerbada nos campos de batalha ou no tratamento dos desviantes ou criminosos, ou qualquer um que fosse considerado inimigo. As mulheres eram tomadas pelos homens mais fortes, se não fossem protegidas pelos seus parentes. As refeições e as festas eram atos de extrema grosseria, onde se comia com as mãos, a carne era cortada com as próprias mãos, os pedaços indesejados eram jogados ao chão. Cuspia-se e catarreava-se sem nenhum medo de ser mal visto. Micção e defecação ocorriam em qualquer lugar.

As transformações ocorridas na política europeia foram essenciais para que essas normas civilizatórias passassem a fazer sentido. A tese que Elias desenvolveu para explicar essa mudança civilizatória tem como chave o crescimento do poder das monarquias centralizadas. O aumento de poder desses monarcas se dá pelo incentivo ao processo de urbanização e ao comércio, garantindo assim a ascensão e o apoio da burguesia. O crescimento da carga tributária baseada no comércio burguês permitiu aos monarcas de manter forças armadas maiores, e usá-las para eliminar as ameaças ao seu poder. O “rei” é “coordenador supremo”⁸⁴. No entanto sua força está sempre em risco, e por isso é necessário que ele instale instrumentos de controle e monitoramento.

Foram essenciais, no processo de formação do Estado moderno, dois pontos: o monopólio da violência⁸⁵ (em uma perspectiva macro) e o autocontrole dos instintos (em uma perspectiva micro). Paralelamente Elias investiga as transformações de longo prazo da personalidade e das estruturas sociais. O olhar de Elias estava voltado para os desenvolvimentos civilizacionais das pessoas, no refinamento de seus hábitos e costumes de um lado, e as mudanças sociais, como a estrutura do Estado ou da política fiscal. Todas estas mudanças foram abrangidas por Elias no conceito de ‘Processo Civilizatório’. Segundo ele:

“Neste estudo, a possibilidade de discernir com mais precisão a conexão entre estruturas individuais e sociais resulta da recusa de abstrair o processo de evolução de ambas como se fosse algo incidental ou "meramente histórico". Isto porque as

⁸⁴ *O Processo Civilizador*, Vol. 2, p. 177.

⁸⁵ Embora Elias tenha se inspirado em Weber para sua conceituação do ‘monopólio da violência’, ela é inovadora, pois é proposto por ele que a violência física não aparece só em situações de conflito aberto, crime, guerra ou opressão, objetos de importância fundamental da sociologia. Para Elias a vida cotidiana e o funcionamento das suas instituições fundamentais, sua gênese e suas estruturas dependem de uma organização específica e um controle baseado, primeiramente em uma coerção externa centrada na violência física. Na ‘sociedade da corte’, por exemplo, o recurso à violência está disseminado em toda sociedade, podendo se usada contra rivais ou para disciplinar os súditos.

estruturas da personalidade e da sociedade evoluem em uma inter-relação indissolúvel. Jamais se pode dizer com absoluta certeza que os membros de uma sociedade *são* civilizados. Mas, com base em pesquisas sistemáticas, calcadas em evidencia demonstrável, cabe dizer com alto grau de certeza que alguns grupos de pessoas *tornaram-se* mais civilizados, sem necessariamente implicar que é melhor ou pior, ou tem valor positivo ou negativo, tornar-se mais civilizado. Não obstante, pode-se demonstrar sem dificuldade que tal mudança nas estruturas de personalidade é um aspecto específico do desenvolvimento de estruturas sociais”. (ELIAS, 2011 a [1939 a], p. 214).

A formação de uma agência reguladora interna nos indivíduos, nas sociedades modernas, como um poder regulador central internalizado, tem por base o monopólio da violência. A transformação da estrutura da personalidade não é o único resultado as restrições diretas, a autoridade central do Estado sobre os indivíduos, mas também o aumento dos constrangimentos, dos sentimentos de vergonha e conseqüentemente viver em sociedade torna-se uma ‘angústia’.

Em sua análise da história ocidental, Elias examina o ‘processo civilizatório’ como moldador do comportamento e dos sentimentos, baseado no aumento da autodisciplina, uma forma mais rigorosa controlar os instintos, o distanciamento emocional dos indivíduos a partir de cada um dos outros e contra o próprio corpo, se tornaram característica do homem moderno.

Acima de tudo, o desenvolvimento da estrutura da personalidade social, parte de uma ‘racionalização’ que se estabeleceu no aparelho psíquico do indivíduo. Devido ao enrijecimento dos laços sociais, cresce a pressão sobre o indivíduo, sobre suas expressões instintuais e emoções.

Elias é o principal sociólogo a desenvolver a ‘Teoria da Civilização’, sendo o primeiro a trazer para essa teoria uma estrutura sociológica e histórico-genética. Os conceitos de ‘civilização’ e ‘civilizado’, são basilares na sociologia eliasiana, que entende esses termos como resultado de uma regulação comportamental que anda de mãos dadas com processos de mudança social. Na civilização nenhum estado é final, mas sim um processo.

O que Elias faz está muito próximo ao que Freud postulou em *O Mal-estar na Civilização*, onde o ‘supereu’ resulta das atitudes morais humanas em geral e, mais especificamente, das normas de comportamento e de suas justificativas. Este sistema das normas atribui valores aos comportamentos e os julga se são bons ou ruins, estando esse julgamento ligado às qualidades morais intrínsecas ou as suas conseqüências sociais. Como

propõe Freud, “O supereu da cultura desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências. Entre as últimas, as que concernem às relações dos seres humanos entre si são designadas por ‘ética’”. (FREUD, 2011 [1929], p. 117).

Na teoria eliasiana da civilização a responsável pela mudança social é a nobreza. Na Corte as pessoas procuram se distinguir mantendo a concorrência no grupo. Devido a essa dinâmica é que se desenvolvem novos modelos de comportamento. Sem usar explicitamente os conceitos freudianos e sem mesmo citar Freud, Elias traz pela primeira vez a ideia de ‘controle das emoções, dos instintos e dos afetos’ em seu livro *A sociedade de Corte*. Lembremos que cronologicamente essa obra foi escrita antes de *O processo civilizador*. Como fora dito antes, essa obra é baseada em sua *Habilitationsschrift* intitulado *Die Höfische Mensch (O Homem da Corte)*, escrito em 1933 e não defendida nem lançada devido a repressão política e cultural instaurada por Adolf Hitler. Com o novo título, a obra só veio a ser lançada em 1969.

Na escrita de *O Processo Civilizador*, Elias se inspirou no grupo social de sua *Habilitationsschrift*. Em *A Sociedade de Corte*, Elias observa como o aumento da intensidade e da complexidade das cadeias de ação social alteraram as condições de vida dos indivíduos e consequentemente moldam suas estruturas de personalidade, na letra eliasiana:

“Quanto mais apertada se toma a teia de interdependência em que o indivíduo está emaranhado, com o aumento da divisão de funções, maiores são os espaços sociais por onde se estende essa rede, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais - mais ameaçada se toma a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daqueles capazes de moderar suas paixões; mais fortemente é cada indivíduo controlado, desde a tenra idade, para levar em conta os efeitos de suas próprias ações ou de outras pessoas sobre uma série inteira de elos na cadeia social. A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito - todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta, que necessariamente ocorre com a monopolização da violência física e a extensão das cadeias da ação e interdependência social. Ocorre uma mudança ‘civilizadora’ do comportamento”. (ELIAS, 2011b [1939b], p.198).

Mais uma vez Elias destaca a interação entre o psíquico e o social, pois esta sua declaração não é baseada apenas em hipóteses psicológicas sobre os mecanismos de ‘internalização’. As transformações comportamentais descritas como “processo civilizador”, não são resultado de uma mudança causada intencionalmente. Ela surge quando há uma

melhor compreensão das condições para a ação. Elias exemplifica melhor essa racionalidade em seu livro *A Sociedade de Corte*:

“(...) no caso do tipo burguês de controle do comportamento, o cálculo de perdas e ganhos financeiros desempenha um papel primordial em sua "racionalidade" própria, enquanto tal papel é desempenhado, no caso do tipo aristocrático de corte, pelo cálculo das chances de poder através do prestígio e do status. Como vimos, nos círculos da corte muitas vezes se trocou um aumento de prestígio e status pela perda de condições financeiras. Assim, aquilo que aparecia como algo "racional" e "realista", no sentido da corte, seria "irracional" e "irrealista" no sentido burguês. (...)A "racionalidade" da corte, se podemos chamar assim, não recebe o seu caráter específico, como a racionalidade científica, nem em função do esforço pelo conhecimento e controle de fenômenos naturais exteriores ao humano, nem em função do planejamento calculado da estratégia na concorrência pelo poder econômico, como a racionalidade burguesa. Como vimos, seu caráter específico deriva, em primeiro lugar, do planejamento calculado da estratégia de comportamento em relação a possíveis perdas e ganhos de status e prestígio sob a pressão de uma competição contínua pelo poder. Competições por prestígio e status podem ser observadas em muitas formações sociais; é possível que se encontrem em todas as sociedades”. (ELIAS, 2011 [1969], pp.109-110)

A racionalidade da corte de Luís XIV calculava “as pessoas e as chances de prestígio como instrumentos de poder”. (ELIAS, 2011 [1969], p.127). Ela é uma justificação lógica ou moral para uma ação ou atitude e encontra apoio principalmente em sistemas de pensamento, representações e crenças que são socialmente constituídas e aceitas. Desenvolve-se nessa corte uma série de códigos de deferência e respeito. Aqueles que desejavam se manter na corte eram obrigados a desenvolver uma aguçada sensibilidade, um grande autocontrole de seus sentimentos, e a capacidade de calcular sua exibição em público⁸⁶ e, principalmente, perante o rei, a fim de ganhar status. Na corte de Luís XIV o mais importante era o poder social, sendo o poder político apenas um indicador deste.

Elias percebeu também que as novas normas de conduta impostas gradualmente levam a privatização da vida, inicialmente nos níveis mais altos da hierarquia social, depois se estendendo a outras esferas sociais. Essa privatização da vida visava às possibilidades de intimidade e a compreensão mais delicada de sentimentos nas performances privadas. Além disso, o que Elias nos mostra em *A Sociedade de Corte*, e também em *O Processo*

⁸⁶ Quando se faz uma análise dessa obra, percebe-se certa relação entre as discussões sobre a sociedade de corte e o trabalho de Goffman, especificamente *A representação do eu na vida cotidiana* e o artigo *Symbols of class status*, para uma relação entre os dois autores indicamos a leitura de *Elias, Freud and Goffman: shame as the master emotion*, de Thomas J. Scheff. O referido artigo se encontra na coletânea de textos sobre Elias, intitulada *The Sociology of Norbert Elias* organizada por Steven Loyal e Stephen Quilley.

Civilizador, como essa regulação instintual criou um estilo de vida novo primeiro entre a nobreza e que depois seria seguido por outras classes: a burguesia e outros estratos sociais, respectivamente.

Em *A Sociedade de Corte*, vemos o primeiro esforço de Elias em compreender as consequências da inibição dos instintos. Esse esforço continuou ainda na década de 1930, onde Elias intensificou suas reflexões sobre a transformação social em *O Processo Civilizador*. A novidade dessa obra em relação a primeira é que Elias constrói sua teoria usando conceitos da psicanálise freudiana.

Elias aliou sua teoria da formação do Estado ao desenvolvimento das estruturas de personalidade. O ‘Processo de Civilização’ está baseado em mudanças a nível social (sociogênese), como a nível individual (psicogênese). As duas abordagens nunca estão desacopladas. Mostra como é possível a ligação dinâmica do desenvolvimento da sociedade com o desenvolvimento das estruturas de personalidade. Em *O Processo Civilizador*, Elias coloca as mudanças em longo prazo no comportamento dos indivíduos e das redes de relacionamento social.

Os conceitos de psicogênese e sociogênese estão ligados à ideia de ‘processo social’. As mudanças individuais e sociais são processos. As sociedades e os indivíduos que as formam estão em processo e Elias deixa isso claro em uma passagem importante em *Introdução à Sociologia* (1970), quando fala do conceito de indivíduo, ele nos diz:

"(...) não é razoável se considerarmos um indivíduo uma pessoa entenda as mudanças, não só como fazer isso, por vezes, expressa um Processo passa, essa é uma das palavras após o padrão do anteriormente mencionado: “O rio corre”, “o vento sopra”. Embora, inicialmente, o convencional Linguagem e hábitos de pensamento contrário, é muito mais apropriado para eles dizem, o homem está constantemente em movimento, ele sofre um processo não só é um processo. Ele desenvolve. E quando falamos de um desenvolvimento, queremos dizer a ordem imanente da sequência contínua, em que cada uma forma depois da primeira, em que cerca de juventude, desde a infância, idade adulta visto a partir da juventude, sem qualquer interrupção. O homem é um Processo” (ELIAS, 2008 [1970], pp. 128-129).

A ideia dos indivíduos como processo é baseada na crítica de Elias ao conceito de *homo clausus*, o indivíduo fechado em si que não necessita de outrem. Cada indivíduo é um ser social estando sob a influência e influenciando outras pessoas. Em uma belíssima passagem de *A Sociedade dos Indivíduos*, Elias destaca que:

“(...) o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz. Uma pessoa pode ter mais funções de matriz do que outra, mas é sempre também uma moeda. Até o membro mais fraco da sociedade tem sua parcela na cunhagem e na limitação dos outros membros, por menor que seja”. (ELIAS, 2011 [1987], p. 52).

Os indivíduos são entendidos pelas suas relações de interdependências, como fazendo parte de redes sociais, a que se refere como ‘figurações’. A essência do homem é social, por isso Elias traça como oposição ao *homo clausus* o conceito de *homo aperti*, sendo esse último ‘aberto’ a sociabilidade. Só existimos por conta de nossas relações com os outros, e por meio dessas relações formamos nosso *habitus*, nossa ‘segunda natureza’. Mas uma vez entendemos a íntima relação que Elias faz entre os estudos de desenvolvimento e transformação social, com os de transformação da personalidade, surgindo assim os conceitos, já referidos, de sociogênese e psicogênese, pois o processo de transformação social está ligado a mudanças nas estruturas de personalidade (*habitus*).

O conceito de ‘figuração’ surge em oposição ao ‘enclausuramento’ dos indivíduos. A expressão ‘sociedade dos indivíduos’ é o programa da Sociologia figuracional e processual de Elias. Em contraste com abordagens individualistas e teorias que só levam em conta a sociedade, a Sociologia eliasiana é um esforço de analisar a relação entre indivíduo e a sociedade, Elias utiliza-se, para discutir essa dicotomia, de uma análise histórica, sociologicamente enviesada desses dois conceitos. Haja vista que para ele Indivíduo e Sociedade são distinções conceituais, e que não há indivíduo sem sociedade, nem sociedade sem indivíduos, e são conceitos que surgem historicamente estando escrita em determinadas práticas sociais e linguísticas surgidas no decorrer da história:

“(...) o que aqui chamamos "rede", para denotar a totalidade da relação entre indivíduo e sociedade, nunca poderá ser entendido enquanto a "sociedade" for imaginada, como tantas vezes acontece, essencialmente como uma sociedade de indivíduos que nunca foram crianças e que nunca morrem. Só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduo e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade, quando se inclui o processo de individualização na teoria da sociedade.” (ELIAS, 2011 [1987], p. 30).

4.2. ... e seu encontro com a Psicanálise freudiana.

Como visto antes, a vida acadêmica de Elias começou, no início dos anos de 1920, como estudante de Filosofia na Universidade de Breslau, sua cidade natal. Sua tese foi orientada pelo professor Richard Hönlwald, um neo-kantiano. Elias começou sua tese como

um kantiano, mas no decorrer de seus estudos, passou a questionar os preceitos de seu orientador e apresentou uma tese em que argumentou que as categorias mentais são produtos históricos de desenvolvimento intelectual de longa duração, o que desagradou Hönigswald, que não aceitou a tese de Elias:

Minhas relações com meu venerado professor Richard Honigswald, que foi também meu orientador de tese, foram rompidas com uma desavença profunda e definitiva. Durante as pesquisas que eu fazia para minha tese de doutorado, havia me convencido — através de penosos conflitos comigo mesmo — de que aquela coisa do *a priori* não era exata. Não me era mais possível ignorar que o que Kant considerava como atemporal e como dado antes de qualquer experiência — fosse o conceito do vínculo de causalidade, o do tempo ou o das leis naturais e/ou morais - deve ser aprendido, ao mesmo tempo em que os termos correspondentes, por intermédio de outros homens para poder estar presente na consciência de cada indivíduo. Isso é um saber adquirido, que, como tal, pertence, portanto ao patrimônio de experiências do homem. (ELIAS, 2001 [1990], p.101).

Já no início de sua carreira acadêmica, Elias propõe o que seria a base de seu pensamento, até seus últimos escritos, seus últimos dias de vida, que é comprovar a historicidade da mente humana. Essa ‘missão’, o acompanhou desde os anos de Filosofia, como vimos e continuou quando ele trocou esta pela Sociologia.

O Processo Civilizador é a prova maior dada por Norbert Elias, para comprovar essa historicidade da mente humana. Uma tentativa de documentar essa percepção em uma escrita acadêmica, modificando a Sociologia, ciência a qual ele tinha aderido. Com isso Elias desafiou as ortodoxias acadêmicas, principalmente as sobre a natureza da mente humana.

No período em que escreveu *O Processo Civilizador*, devemos lembrar que foi um período atribulado na vida de Elias. Com quase 40 anos era um *outsider* do mundo acadêmico, estava em exílio depois que os nazistas assumiram o poder, e sem nenhuma perspectiva na Inglaterra, pátria que havia escolhido para o exílio. Seus pais ainda sendo perseguidos na Alemanha. Tudo isso talvez implicasse uma série de danos mentais a Elias. “Sofria por não conseguir produzir tudo tendo muitas ideias.”⁸⁷

Nos dias em Londres, enclausurado na Biblioteca do Museu Britânico, repleta de manuais sobre comportamento e tratados de civilidade. Escritos como o *Nouveau Traité de Civilité*, de Antonie de Courtin; ou o *De Civilitate Morum Puerilium*, de Erasmo de Roterdã. Em suma, Elias estava em um paraíso, repleto de obras que o ajudariam a fundamentar

⁸⁷ O capítulo 2 desta dissertação: *Sigmund Freud e Norbert Elias: Trajetórias e Encontros*, especialmente na parte que trata da vida e da obra de Norbert Elias.

metodologicamente seu livro. A análise psicológica que Elias queria fazer dessas obras, não era aceita pela ortodoxia acadêmica da época, já que esta não acreditava na historicidade da psique humana.

Elias, apoiado nas ideias freudianas, não se põe apenas contra a Psicologia acadêmica, mas uma oposição mais ampla a todas as teorias a-históricas da psique humana. Mas sua tarefa era difícil, haja vista que a hegemonia sócio-científica não aceitava a historicidade da psique humana, e impediu Elias de incorporar sua versão historicizada em seus primeiros escritos.⁸⁸

Quando Elias coloca *O Processo Civilizador* como uma crítica a Psicologia acadêmica, uma disciplina de conhecimento institucionalmente organizada, se coloca ao lado da Psicanálise freudiana para construir sua crítica. Elias a usa como um dos recursos para a constituição de sua Sociologia Processual, pois essa lhe garantiria, uma perspectiva sobre a psique humana que a psicologia acadêmica não lhe dava. Elias é responsável por uma complexa integração, na esteira de Freud, da psicologia ao processo civilizatório. A questão agora é: Como e quando Elias passou a ser um leitor de Freud?

Acreditamos que essa aproximação de Elias com a Psicanálise Freudiana se dá principalmente quando o autor passa a ter contato com os pensadores da ‘Escola de Frankfurt’, no final da década de 1920, quando se mudou para a Universidade de Frankfurt, para trabalhar com Karl Mannheim e onde encontrou outros pensadores que estavam interessados em outras formas de Psicologia, principalmente a Psicanálise, diferente das psicologias dominantes nas outras universidades alemãs.⁸⁹

O interesse de Elias e dos frankfurtianos pela obra de Freud se deu em consequência ao grande sucesso que *O Mal-estar na Civilização*, recebeu seguido a sua

⁸⁸ Seu orientador não concordava com as ideias de Elias da historicidade da mente: “Honigswald declarou simplesmente que aquilo era falso. Sem apresentar razões que eu considerasse convincentes, exigiu que modificasse meu trabalho, afirmando que não podia aceitá-lo naquele estado. Fincamos pé em nossas respectivas posições — posições que ainda hoje defendo —, até o momento em que me foi necessário admitir que seu poder era maior que o meu. Suprimi as passagens mais explícitas, aliviei algumas outras, depois enviei-lhe esse produto podado, que ele aceitou sem dizer nada, e foi assim que me tornei doutor em filosofia pela Universidade de Breslau”. (ELIAS, 2001 [1990], p.101).

⁸⁹ A Psicanálise Freudiana ajudou a moldar as abordagens psicossociais de outros autores como Theodor Adorno, Hebert Marcuse.

publicação em 1930, e pelo fato de Freud, trazer uma visão extremamente negativa do processo de civilização da sociedade ocidental, ponto que interessava diretamente as análises do entre guerras dos frankfurtianos. Ao mesmo tempo a Universidade de Frankfurt abrigava o departamento de Sociologia, o Instituto de Psicanálise e o Instituto de Pesquisa Social, o grupo da ‘Escola de Frankfurt’ que à época era dirigida por Max Horkheimer. Esses foram os primeiros a defender a integração da Psicanálise a análise social. Em Frankfurt, Elias encontrou pensadores que assim como ele buscavam o estudo e uso de psicologias alternativas, principalmente a Psicanálise.

Em *Norbert Elias por ele mesmo*, Elias aponta quem foi o responsável direto, em Frankfurt pela sua aproximação com a Psicanálise:

“Eu era muito amigo do psicanalista Fuchs, que depois passou a se assinar Foulkes e que eu conhecia desde Frankfurt. Havíamos criado na casa dele um pequeno grupo de trabalho, que se reuniu durante três ou quatro anos; estávamos preparando, por assim dizer, o terreno para o movimento de análise de grupo que ele queria criar. Eu era o único sociólogo do grupo; todos os outros eram psiquiatras. Mas isso provavelmente foi depois do final da guerra”. (ELIAS, 2001 [1990], p. 72).

Mas, apesar das teorias da psicanálise freudiana terem tido um forte impacto formativo sobre seu pensamento, como o próprio Elias (2001, p. 79) propõe: “(...) sempre achei que era preciso desenvolver a teoria que Freud nos legou”. Elias só usará essa nova fonte de conhecimento a partir de *O Processo Civilizador*. Sua habilitação de 1933, que tratava acerca da corte de Luís XIV, não contém indício de uma abordagem psicanalítica, nem referências a Sigmund Freud. Só com a descoberta dos livros de conduta, e conseqüentemente com a escrita de *O Processo Civilizador* é que Elias começou a usar a Psicanálise freudiana.

Como dito antes a obra de Freud que influenciou grande parte do conhecimento nos anos de 1930 foi *O Mal-estar na Civilização*. Elias sofreu o impacto dessa obra em seus anos de Frankfurt, e também de *O Futuro de uma Ilusão*.

Aspectos dessas duas obras tornaram-se tópicos em presentes em toda a obra de Elias, principalmente, a oposição de Freud entre prazer instintivo e as exigências da vida social. Grande parte escrita subsequente de Elias era uma extensão, elaboração e refinamento histórico e sociológico dos pontos feitos por Freud: o caráter histórico da vida psíquica, o aumento da internalização da restrição externa, tornando restrição interna na forma do supereu, e a noção de que o desenvolvimento psicológico de crianças

contém em forma “reduzida” os elementos básicos da mais ampla transformação histórica da psique humana.

A análise que Freud faz do caráter “ilusório” das ideias religiosas, em *O futuro de uma ilusão*, vendo-as como “realizações do mais velho, mais forte e os mais urgentes desejos da humanidade”, particularmente o desejo de controlar o que estava além do controle humano. Elias viu ampla evidência de tais ilusões, ou mitos como os chamava, na vida pública em geral. Ele teve forte impressão na emoção dos mitos quando viu florescer o movimento nazista. Mas também viu ilusões e mitos no trabalho entre os sociólogos, e considerando a constante busca pelo o que ele chamou de conhecimento ‘realista’ como o objetivo principal do pensamento sociológico.

Em *O Processo Civilizador*, Elias faz frequentemente menções a Freud e a suas teorias, e reconhece a dívida com o pai da Psicanálise e a contribuição dada por este na construção de sua Sociologia. Nas palavras de Elias:

“(…) dificilmente precisa ser dito, mas talvez valha a pena enfatizar explicitamente, o quanto este estudo deve as descobertas de Freud e da escola psicanalítica. As ligações são óbvias a todos os familiarizados com os escritos psicanalíticos, e não nos pareceu necessário mencioná-los em determinados exemplos, especialmente porque isto não poderia ter sido feito sem longas ressalvas. Tampouco as diferenças, que não são pequenas, entre todo o enfoque de Freud e o adotado neste estudo foram explicitamente enfatizadas, sobretudo porque Os dois poderiam, talvez, após alguma discussão, ser conciliados sem excessiva dificuldade”. (ELIAS, 2011 a [1939 a], p. 251, n. 81).

A intenção de Elias é mostrar como a perspectiva freudiana pode ser usada para descrever e explicar os grandes processos de mudança histórica e tendo essa obra referencias explícitas a Psicanálise e a Freud, em sentido claro de criar uma teoria sociológica que rompesse com a dicotomia ‘Indivíduo X Sociedade’. Usando Freud, Elias buscava um ineditismo em sua obra, buscava uma produção teórica que soubesse admitir a tensão entre ‘Eu’ e o ‘Outro’; ‘Repressão Social’ e ‘Autocontrole’. Essas tensões foram objeto de estudo constante na obra do sociólogo alemão. Elias, além de sociologizar, como dito antes, também historicizou um conjunto das principais concepções da metapsicologia freudiana, que são fundamentais para a explicação do processo civilizatório.

O que Elias faz, na esteira de Freud, são análises psicossociais e conseqüentemente a elaboração de teorias sobre a relação entre as realidades psíquicas e sociais. Elias expõe um tipo de Sociologia psicologicamente influenciada, presente não só em

O Processo Civilizador, mas em quase toda sua obra. O que ele pretende com essa obra é encontrar uma maneira de comprovar suas noções sobre a historicidade da psique humana e fazer uma crítica a uma Psicologia a-histórica, então vigente nas principais universidades alemãs, em sua época. Nas palavras de Elias:

“Comecei então meu livro intitulado “O Processo Civilizador” tendo perfeita consciência de que constituía um ataque implícito contra a onda de estudos acerca das mentalidades e dos comportamentos feitos pelos psicólogos da época. Pois os psicólogos acadêmicos — e não os freudianos — acreditavam firmemente que devia existir uma pessoa diante de si, aqui e agora, cuja mentalidade era preciso avaliar através de formulários ou outros métodos quantitativos para ser capaz de dizer algo de incontestável. Utilizando esse método, é claro que é absolutamente impossível perceber as normas atuais como resultado de um devir. Eles faziam sempre como se fossem capazes, graças aos resultados de testes aplicados em pessoas de hoje, de tirar conclusões sobre os homens em geral”. (ELIAS, 2001, [1990], pp 63-64)

Sem sombra de dúvida, não podemos ignorar a influencia de Freud em *O Processo Civilizador*. A admiração que Elias sentia pela obra de Freud, só fez aumentar no decorrer de sua vida. Mesmo depois de *O Processo Civilizador*. A pesquisa de Freud sempre foi tratada por Elias com enorme respeito. A leitura e a revisão de Freud, feita por Elias e tendo como guia sua teoria da civilização e sua sociologia processual, foi permanente na vida de Elias.

O modo como Elias pensa e descreve as pessoas, não é apenas sociológico, mas também médico, psicológico e psicanalítico. Elias emprega detalhes impressionantes com o físico e as características psicológicas das pessoas. Os instintos não são apenas fenômenos naturais, mas também o ‘destino’ do homem. Sua modelagem e seu comportamento socialmente planejado nem sempre é possível. Aqui vemos que Elias está evidentemente na tradição de Freud, sem a qual sua teoria da civilização e do processo se faria inconcebível. As funções bio-físicas, como a sexualidade, ou lidar com excrementos humanos, tem uma enorme importância em sua análise do desenvolvimento social.

“Há uma profusão de sinais que apontam para a existência de uma luta contínua pela sobrevivência levada a cabo entre os grupos humanos no passado e no presente. Essas evidências, eu me apresso a dizer, não carregam consigo a intenção de prever o futuro. A luta dos grupos humanos pela sobrevivência, para dominação e libertação, por continuidade, por identidade e por uma totalidade complexa de aspectos relacionados ao seu desenvolvimento é um fenômeno especificamente social. Existe, assim, a possibilidade de que o homem consiga melhorar o controle e o manejo desse desenvolvimento de modo progressivo, uma vez que consiga ter um êxito maior do que o obtido até agora em compreender esse rumo como não sendo detentor de um curso cego, estando, assim, apto a aplicar seu melhor conhecimento sociológico em sua vida cotidiana. O equipamento instintivo do homem, inclusive

todo e qualquer potencial inato para a agressividade que ele possa vir a ter, é diferentemente padronizado e efetivado nas distintas figurações que os humanos formam mutuamente como indivíduos e como grupo de indivíduos.” (ELIAS, 2008 [1971], p. 535).

Porém é essencial que frisemos nesse texto, mais uma vez que mesmo não usando das teorias freudianas, *A sociedade de corte* é onde Elias começou a tratar da ideia de domesticação da moral, da repressão instintual. A corte de Luís XIV, da França, é o ambiente social que Elias percebeu a internalização das restrições, a passagem de um constrangimento social externo para uma tensão interna, visando a centralização da autoridade. Os membros da corte, reunidos sujeitos ao olhar do rei, economicamente e simbolicamente dependentes do poder central, são forçados a controlar sua vida instintiva.

Quando Elias ‘trocou’ a Filosofia pela Sociologia, percebeu que essa havia sido influenciada por essa visão a-histórica da psique humana proposta por essa psicologia acadêmica que Elias passou a combater.

A intenção de Elias com *O Processo Civilizador* é romper com o isolamento das ciências. Propunha uma fusão interdisciplinar de métodos e abordagens: históricas (quando analisa numa perspectiva de longa duração), sociológicas (o desenvolvimento das estruturas sociais) e psicológicas (desenvolvimento das estruturas da personalidade), criar uma Ciência Social híbrida. Com relação ao isolamento das disciplinas e o entendimento do processo civilizacional Elias nos diz:

“Serão necessárias a reflexão de muitas pessoas e a cooperação de diferentes ramos do conhecimento, hoje frequentemente divididos por barreiras artificiais, para que gradualmente sejam respondidas as questões levantadas no curso deste estudo. Dizem elas respeito à psicologia, filologia, etnologia e antropologia, não menos que a sociologia ou aos diferentes ramos da pesquisa histórica.” (ELIAS, 1939b [2011b], p. 18)

O que Elias quer, é romper as fronteiras disciplinares acadêmicas, que dividem as várias manifestações dos seres sociais em campos de estudos isolados dificultando assim o próprio conhecimento acerca do ser humano.

Esse caminho metodológico resulta na combinação de dois tipos distintos de investigação: Psicogênese (o estudo da evolução histórica da psique) e a Sociogênese (o estudo da evolução histórica da sociedade). Freud havia dito em suas obras escritas a partir da

década de 1920, sobre a Civilização (*O Futuro de uma Ilusão*, 1927 e *O Mal-estar na Civilização*, 1930), que o processo civilizacional se dá simetricamente com o amadurecimento do Indivíduo. Baseado nisso Elias coloca as ideias, e talvez a maior e mais complexa contribuição de Elias à Sociologia, de Psicogênese e Sociogênese. O processo de Civilização postulado por Elias se embasa na defesa de que toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (Psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma forma, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas da sociedade (Sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidade dos seres individuais que as compõem. Para Elias, a psique humana está totalmente submetida à determinações sócio-históricas e caracterizada pela sua plasticidade.

Assim como para Freud, de quem toma emprestado termos como ‘economia emocional’, ‘economia libidinal’, ‘economia afetiva’, Elias também vê a psique como uma economia, no sentido que há um equilíbrio entre o supereu e os instintos, e estes estão ligados a uma realidade social. O desenvolvimento da psique histórica do ser humano está simetricamente ligado ao desenvolvimento sócio-político dos períodos históricos correspondentes. Uma concepção psicossocial do sujeito, onde psique e social interagem, assim como em Freud.

Elias e Freud tem o mesmo pensamento ao colocarem que os padrões de comportamento durante o processo civilizatório estão ligados a um controle externo dos impulsos corporais, posteriormente a auto-regulação e por fim a internalização das normas repressivas da ‘Civilização’, que era forçada sobre a psique dos sujeitos na forma do supereu internalizado, baseado em sentimentos como o constrangimento, a vergonha. Com o fortalecimento do controle externo, este se torna inconsciente e suas restrições são incorporadas. Os movimentos outrora espontâneos do corpo, as emoções, os afetos passaram a ser reprimidos e dominados, pois passam a ser considerados uma perturbação a atividade racional. A incorporação da norma social pela psique faz com que surja o supereu. Os padrões de controle emocional são socialmente determinados, mudando toda a estrutura dos afetos. Para Elias, como em Freud, a Civilização surge através do controle dos instintos. No entanto esse ‘controle’ não está livre de conflitos e a internalização desses instintos alteram o indivíduo mesmo na sua individualidade. Nas palavras de Elias:

“A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca - estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a

eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância, entram em luta no interior do indivíduo. Este, conforme já apontamos, e o estado de coisas que Freud tenta descrever através de conceitos como ‘superego’ e ‘inconsciente’”(ELIAS, 2011 a [1939 a], p. 181)

Na psique civilizada, os instintos, os afetos são nas palavras de Elias: ‘confinados’, ‘domados’, ‘refinados’, ‘reprimidos’, ‘contidos’, ‘transformados’, ‘sublimados’ na linguagem freudiana). Foram colocados em uma clandestinidade psíquica, onde se escondem nos sonhos, nos desejos e a formação da ‘estrutura social’ é resultante de um padrão de pressões exercidas sobre os sujeitos em suas relações intersubjetivas, onde eles são funcionalmente dependentes direta ou indiretamente entre si.

O surgimento da Civilização, para ambos os autores, está intimamente ligado aos ideais morais em nome dos quais os indivíduos renunciam aos impulsos instintivos. A moralidade ‘civilizada’ inicia-se quando os instintos são renunciados. No entanto, a diferença entre os autores é que para Freud quando os indivíduos renunciam aos instintos automaticamente se privam das satisfações agressivas e sexuais do ‘isso’, ocorrendo assim o surgimento da neurose. Já Elias chama atenção em sua obra sobre o processo de civilizar as funções corporais e as expressões dos indivíduos, e o controle dos aspectos mais animais da vida humana.

O impacto da troca entre o potencial biológico e o social é o motor processo civilizacional. Elias entende em sua teoria que a biologia e a aprendizagem social andam de mãos dadas. Seu olhar é dirigido para a influência mútua da relação entre processos individuais e processos sociais resultando na produção de uma subjetividade coletiva. O ‘ser social’ é resultado de uma dialética entre a natureza e a sociedade, produzido em inúmeros passos e está inscrito nas formas de interação dos indivíduos.

Os seres humanos diferem dos outros animais por racionalizar seus atos. Pela sua forte capacidade de autocontrole. Isso não só os distingue, mas torna mais complexa a sociedade humana:

Mas, como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo. E este elemento, o superego, tal como a estrutura da personalidade do indivíduo como um todo, necessária e constantemente muda com o código social de comportamento e a estrutura da sociedade. (ELIAS, 2011b [1939b], p. 181).

A sanção externa das pessoas desloca-se para o interior tornando o supereu mais fortalecido. Os medos sociais surgem nos indivíduos como o de ser mal comportado perante os outros. Elias fala em uma “modelação da economia das pulsões” que ele caracteriza como sendo os sentimentos de “vergonha, repugnância e embaraço”. Esses sentimentos estariam ligados à inferioridade e, conseqüentemente, a perda de posições e redução de prestígio. Segundo Elias:

A vida social deixou de ser uma zona de perigo - na qual os regabofes, as danças e os prazeres ruidosos, súbita e frequentemente, se transformavam em fúria, pancadaria e assassinato - e tornou-se um tipo diferente de zona de perigo, se o indivíduo não conseguia conter-se o suficiente, se tocava pontos sensíveis, tais como sua própria fronteira de vergonha ou o patamar de embaraço de outrem. Em certo sentido, a zona de perigo agora passava dentro do *self* de cada indivíduo. (...) as pessoas ficaram sensíveis a distinções que antes mal penetravam na consciência. Da mesma maneira que a natureza passara a ser, mais do que antes, uma fonte de prazer mediada pelo olho, as pessoas tornaram-se fonte de prazer visual, ou de um desagrado visualmente despertado. O medo direto inspirado no homem pelo homem diminuiu, e o medo interno mediado pelo olho e pelo superego crescia na mesma medida. (ELIAS, 2011b, [1939b], p. 247).

Elias analisa as relações sociais como redes de interdependência e de configurações. Não existe nenhum indivíduo absoluto, todos são feitos de interações. Em *A Sociedade dos Indivíduos*, Elias caracteriza esse indivíduo isolado, voluntariamente ou involuntariamente, como *homo clausus*. A figura do *homo clausus*, é uma espécie de desvio dentro da teoria eliasiana, pois esta coloca que o indivíduo é construído por meio de suas relações com outros indivíduos, e o *homo clausus* esta fora desse contexto. A trajetória de vida de um indivíduo deve ser analisada não só em relação a si mesmo, mas deve levar em conta toda sua situação social. Quando Elias escreveu sobre Mozart, onde teve por objetivo desconstruir a categoria ‘gênio’ por essa negar as determinações sociais, colocou nas primeiras páginas que: “O destino individual de Mozart, sua sina como ser humano único e, portanto como artista único, foi muito influenciado por sua situação social, pela dependência do músico de sua época com relação à aristocracia da corte”⁹⁰.

Na medida em que aumenta o autocontrole, mais civilizada se torna a psique, em termos freudianos, o autocontrole nomeia as autorregulamentações racionalizadas do “eu”. Elias divide a psique humana em duas partes: uma parte social, baseada nas restrições psicossociais e uma parte não social, inata. Para Elias os instintos são modificados nas relações

⁹⁰ Mozart: *A Sociologia de um Gênio*, p. 18.

sociais, assim como a segunda teoria dos instintos de Freud, e que mais importante para a conduta humana é o controle desses instintos:

“As energias da libido que encontramos em todos os seres humanos já foram socialmente processadas, foram, em outras palavras, transformadas sociogeneticamente em sua função e estrutura e de maneira alguma, podem ser separadas das correspondentes estruturas do ego e do superego. Os níveis mais animais e automáticos da personalidade do homem não são nem mais nem menos importantes para a compreensão da conduta humana do que seus controles. O que importa o que determina a conduta são os equilíbrios e conflitos entre as pulsões maleáveis e os controles construídos sobre as pulsões”. (ELIAS, 1939 [2011b], p. 237).

O autocontrole, segundo Elias, é a base do processo civilizacional: “O processo de civilização está relacionado à auto regulação adquirida, imperativa para a sobrevivência do ser humano. Sem ela, as pessoas ficariam irremediavelmente sujeitas aos altos e baixos dos próprios instintos, paixões e emoções, que exigiriam satisfação imediata e causariam dor caso não fossem saciadas”.

Desde a infância e durante sua vida o indivíduo aprende a exercer o autocontrole em eventos intersubjetivos. Esse autocontrole são controles internalizados que esses indivíduos exercem sobre seus instintos e sentimentos. O aumento do autocontrole das emoções, dos sentimentos teve como consequência a diminuição na espontaneidade das ações e na demonstração pública de sentimentos. Este autocontrole está tão arraigado que doma os instintos (ou numa perspectiva freudiana, os ‘sublima’), devido as inúmeras regras e proibições que o baseiam.

No Processo Civilizatório, segundo Elias o indivíduo que cresce na lógica da modernidade teve que usar ferramentas mentais para conseguir se estabelecer no modelo de conduta proposto sendo a principal dessas ferramentas o autocontrole.

A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano ‘civilizado’, mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios é que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se, desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse

tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna uma ‘segunda natureza’⁹¹. Segundo Elias, numa perspectiva muito semelhante as proposições de Freud em *O Mal-estar na Civilização*:

“Essa luta semiautomática da pessoa consigo mesma nem sempre tem uma solução feliz, nem sempre a autotransformação requerida pela vida em sociedade leva a um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções. Frequentemente, fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações -, à revolta de uma parte da pessoa contra a outra, ou a uma atrofia permanente - que torna o desempenho das funções sociais ainda mais difícil, se não impossível. As oscilações verticais, os saltos do medo à alegria, do prazer ao remorso, se reduzem, ao mesmo tempo em que a fissura horizontal que corre de lado a outro da pessoa, a tensão entre o "superego" e o "inconsciente" - os anelos e desejos que não podem ser lembrados - aumentam”. (ELIAS, 2011b, [1939b], p. 203)

A psique como mediadora da relação corpo e sociedade, transforma parcialmente o processo natural e a demanda social. Segundo Elias, quando as funções corporais interagem com as funções sociais, essa interação é mediada pelos mecanismos psicodinâmicos e estruturas psíquicas.

Se os instintos são socialmente processados, é isso que contribui para o funcionamento tanto da sociedade como um todo como dos seus diversos membros. Os instintos sendo parte de uma dinâmica social, intermediam as relações entre os sujeitos. Na letra Eliasiana:

“Até na literatura psicanalítica se encontra, às vezes, afirmações de que os instintos ou o “id” seriam imutáveis *se desconsiderada as mudanças de sua direção*. Mas como é possível desconsiderar esse direcionamento em algo tão fundamentalmente *dirigido* para outra coisa quanto os instintos humanos? O que chamamos de “instintos” ou “inconsciente” constitui também uma forma específica de auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas (...). Aquilo a que nos referimos como “alma”, ou como pertinente à “psique”, não é outra coisa, na realidade, senão a estrutura formada por essas funções relacionais. O ser humano não é, como faz parecer uma certa forma histórica de autoconsciência humana, simplesmente um continente fechado, com vários compartimentos e órgãos, um ser que, para começo de conversa, em sua organização natural, nada tem a ver com outras coisas e seres, mas é organizado por natureza, como parte de um mundo maior. Em certo sentido ele é um vetor que dirige continuamente valências⁹² dos mais diferentes tipos para

⁹¹ *O Processo Civilizador*, Vol. 2, p. 197.

⁹² O termo valência, Elias toma emprestado da Química e volta a aprofundar o uso do termo na obra *Introdução a Sociologia* (ELIAS, 1970).

⁹³ *O processo civilizador*, Vol. 2, p. 270.

outras pessoas e coisas valências estas que se saturam temporariamente e sempre voltam a ficar insaturadas. Por natureza, ele é feito de maneira a poder e necessitar estabelecer relações com outras pessoas e coisas.” (ELIAS, 2011 [1987], p. 37)

As emoções que baseiam o processo civilizatório como ansiedade, delicadeza, constrangimento, vergonha, medo, repugnância, estão ligadas as relações dos sujeitos em si e como os outros. Esses sentimentos fazem com que os sujeitos ajustem seu comportamento, para superar as ameaças do mundo externo (no mesmo sentido de Freud, em *O Mal-estar na Civilização*) Esse ajuste cria novos padrões, que se acumulam e resultam na transformação do comportamento.

O medo, como já havia mostrado Freud, também Hobbes, quando fala da criação do Estado⁹³, e o próprio Elias (2011, p. 270) quando fala da ‘Sociogênese do Estado’, no segundo volume de *O Processo Civilizador*, desempenha um papel crucial na mudança civilizacional. O medo de ataques da natureza ou de outros homens, “(...) o medo da guerra e o medo de Deus, o medo que o homem sente de si mesmo, de ser dominado pelos seus próprios impulsos afetivos (...)”

As implicações psicossociais do medo em Elias são amplas: com o medo, que é gerado pelas interações sociais, obriga os seres humanos a regular suas emoções e impulsos e leva a psique a tornar-se socializada, assumindo, assim, características socio-historicas. O medo induz o indivíduo a controlar sua conduta.

A fonte do medo é a violência. *O Processo Civilizador* é um livro que está baseado na violência, seja a violência cavalheiresca feudal, a violência da formação do Estado ou a violência monopolizada na mão do Estado, essa última como sendo essencial para o processo civilizatório, haja vista que esse processo implica numa diminuição do medo, que seria originado da diminuição da violência. Essa diminuição só ocorreria se a violência fosse destinada apenas ao Estado e estivesse proibida ao restante da população. Ou seja, para o processo civilizacional ocorrer, não é necessário o fim da violência, mas a sua transformação, e essa violência civilizada detêm papel importante na determinação da vida social e psíquica.

Para Elias, a formação do estado dita os avanços do processo civilizatório em uma série de fatores, mas, principalmente, do fato de que é o estado que controla o monopólio dos meios de violência física em seu território. O monopólio da violência pelo Estado serve como um controle da vida cotidiana dos cidadãos. Conseqüentemente esse

controle leva a transformação da estrutura psíquica, fazendo com que o sujeito mantenha em si mesmo agências de autocontrole. Elias percebe a transformação histórica da psique no processo civilizatório, como a internalização do sentimento de medo, que vem condicionado pela violência e os perigos que ameaçam o bem-estar do indivíduo.

Em uma passagem do segundo volume de *O Processo Civilizador*, Elias nos mostra como houve a transição da violência de uma sociedade que a usava deliberadamente (a Sociedade Feudal) para uma sociedade em que a violência era reservada a apenas um grupo (o estado monárquico absolutista):

“Até a época em que o controle dos instrumentos de violência física – armas e tropas - passou a ser altamente centralizados, as tensões sociais explodiam repetidamente em ações belicosas.... os temores despertados nessa estrutura de tensões sociais ainda podiam ser liberados fácil e frequentemente pela ação militar e pela força física direta. Com a gradual consolidação dos monopólios de poder... manifestavam-se segundo uma pressão constante... os temores sociais deixaram de parecer chamas que rebentam de repente, ardem com intensidade e logo se extinguem, mas apenas para ressurgirem com a mesma rapidez, tomando-se, em vez disso, uma espécie de fogo de monturo, cujas chamas não se veem e raramente irrompem a vista de todos. (ELIAS, 2011b [1939 b], p. 250).

Na teoria Eliasiana, podemos perceber uma utilização não hierarquizada dos saberes sociológicos, históricos e psicanalíticos. Nessa utilização os objetos fundamentais são o Indivíduo e a Sociedade. A teoria psicanalítica é mais visível em Elias quando ele vai fundamentar o processo civilizatório, sendo esse um processo que tem como base tanto para Freud como para Elias, a repressão dos instintos e o autocontrole. A teoria freudiana vai ser usada por Elias, em sua construção teórica do que é o Indivíduo/Sujeito.

A Sociologia eliasiana é pautada na estrutura das sociedades, nas relações reais, nas dependências e interações que existem entre as pessoas. Isso numa perspectiva que engloba também aspectos históricos e psíquicos. Em Elias as relações sociais são arranjos hierárquicos de poder e status, arranjos que favorecem alguns sujeitos e grupos em detrimento de outros. Elias tem em sua Sociologia uma alta dívida com a teoria freudiana. Todo seu projeto tem por base que as estruturas dos constrangimentos, compulsões e controles estão intimamente ligados às mudanças nas relações sociais.

5. DO PROCESSO CIVILIZADOR À DESCIVILIZAÇÃO: UMA ETNOGRAFIA LITERÁRIA EM NORBERT ELIAS.

A ideia de ‘civilização’ para Elias, é que essa era produto de um longo processo histórico. A teoria eliasiana trata do desenvolvimento da vida social moderna e da constituição da estrutura psíquica característica das sociedades europeias contemporâneas.

A preocupação de Elias em *O processo civilizador* se dá em dois pontos: primeiro propõe que não entenderemos a relação entre o social e o psíquico, enquanto vermos este como algo estático e imutável, como não estivesse em ‘processo’; o segundo ponto é que o que move as mudanças psíquicas são os processos sociais. A civilização, na teoria eliasiana, é criada em cima do que Elias nomeou de *habitus*, que é uma estrutura psíquica que se modificou ao longo do tempo, e que para a entendermos sua construção, precisamos conectá-la com as mudanças sociais mais amplas.

Para explorar o primeiro ponto Elias se ateu a uma relação de sucessivas edições de uma série de manuais de etiqueta, principalmente Erasmo de Roterdã e o seu *De trato civilitate morum puerilium* (1530) e para o segundo ponto analisou a história da formação do Estado nacional na Inglaterra, na França e na Alemanha, observando principalmente o monopólio dos meios de violência pelo Estado.

Elias começou seu livro tratando sobre a história no fim da Idade Média, não porque essa fosse “‘primeiro degrau’ do processo de civilização, nem representa, como se afirmou algumas vezes, o estágio de ‘barbarismo’ ou ‘primitividade’”⁹⁴. Ele via que era necessário começar por esse período, pois “o padrão medieval deve ser suficiente como ponto de partida, sem ser em si mesmo minuciosamente examinado, de modo que o movimento, a curva de desenvolvimento que o liga a era moderna. possa ser seguida”⁹⁵.

Em suas análises dos livros de civilidade e de boa conduta, Elias descobriu que o passar do tempo às normas aplicadas à violência, ao comportamento sexual, às funções corporais, aos hábitos alimentares, aos modos à mesa tornaram-se gradualmente mais sofisticado, com um limite maior de vergonha e repugnância. Na sociedade medieval, em comparação com épocas posteriores, o controle social é leve. Havia um relaxamento em relação às maneiras. Paulatinamente, certos aspectos do comportamento humano passam a ser

⁹⁴ O processo civilizador, Vol. 1, p.75.

⁹⁵ O processo civilizador, Vol. 1, p. 74.

considerados como ‘de mau gosto’, e o “repugnante, porém, *é removido para o fundo da vida social*”⁹⁶. Um dos indicadores da existência de algum processo de ‘civilização’ ocorre quando sentimos desconforto ao ouvir sobre certos tipos de comportamentos ditos ‘bárbaros’ ou ‘incivilizados’ ou quando “pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós (...)”⁹⁷.

A descrição feita por Elias da sociedade medieval como sendo caracterizada geralmente como tendo “o grau mais baixo de controle social e domínio da vida instintiva”⁹⁸, e particularmente por uma violência que dominou vida cotidiana e raramente estava sujeito ao autocontrole social.

O comportamento geral dos cavaleiros medievais foi posto por Elias ao citar uma passagem de *La société française au temps de Philippe-Auguste*, de Luchaire. Esse narra a vida cotidiana dos cavaleiros, onde estes estão “na rapinagem, destruindo igrejas, atacando peregrinos, oprimindo viúvas e órfãos (...)”⁹⁹. Todavia, Elias frisa que esse tipo de comportamento é “socialmente permitido”¹⁰⁰ na verdade a estrutura social vigente no período medieval fazia com que esse comportamento “parecesse necessário e praticamente vantajoso”¹⁰¹.

O processo social que levou a formação da corte submeteu esses cavaleiros e os guerreiros, e depois um círculo maior da população. Esse processo exigiu uma demanda crescente de que tais expressões de violência fossem regulados, que as emoções e os instintos fossem colocados mais firmemente a serviço das necessidades de longo prazo das complexas redes de interação social. Lenta e gradualmente, argumentou Elias, “o código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperada dos demais”¹⁰², e “o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito (...)”¹⁰³.

Na sociedade de corte vemos o início de uma forma de auto-observação mútua e que Elias referiu-se como uma forma ‘psicológica’ da percepção. A nova etapa de cortesia e

⁹⁶ O processo civilizador, Vol. 1, p. 128.

⁹⁷ O processo civilizador, Vol. 1, p. 72.

⁹⁸ O processo civilizador, Vol. 1, p. 193.

⁹⁹ *Ibidem*

¹⁰⁰ O processo civilizador, Vol. 1, p. 193

¹⁰¹ O processo civilizador, Vol. 1, p. 91.

¹⁰² *Ibidem*

¹⁰³ O processo civilizador, Vol. 1, p. 142.

sua representação, resumida no conceito de *civilité*, é baseada na maneira de ver a civilidade, e gradualmente torna-se civilizado. A fim de ser realmente ‘cortês’ pelos padrões de *civilité*, de certa forma obriga os indivíduos a observar, de olhar para si mesmos e prestar atenção nas outras pessoas e seus atos.

Elias não viu a corte como a ‘causa’ ou força motriz do processo civilizatório, mas como seu núcleo de onde se iniciaria e posteriormente se expandiria. O papel da corte no processo civilizatório, Elias comparou ao processo químico da cristalização, “nos quais um líquido, cujo todo é sujeito a condições de mudança química (como, por exemplo, a cristalização), começa adquirindo forma cristalina em um pequeno núcleo enquanto o resto só gradualmente se cristaliza em torno dele. Nada seria mais errôneo do que considerar o núcleo da cristalização como causa da transformação”.

O resultado dessa coerção externa, do sentimento de vigilância constante na corte foi a formação de um tipo particular de *habitus* ou ‘segunda natureza’, que seria baseada em um “autocontrole automático um hábito que, dentro de certos limites, funciona também quando a pessoa esta sozinha”¹⁰⁴.

O argumento de Elias sobre a transição da ‘coerção externa’ para o ‘autocontrole’ é que a restrição imposta pelas cada vez mais diferenciadas e complexas redes de relações sociais tornaram-se cada vez mais internalizadas, e menos dependente de sua manutenção por instituições sociais exteriores. É o desenvolvimento do que Freud reconhecia como supereu. Referindo-se ao exemplo de instintos sexuais, Elias escreveu que eles foram:

“(...) lento, mas progressivamente eliminados da vida pública da sociedade... E esta limitação, como todas as demais, e feita cumprir cada vez menos pela força física direta. Na verdade, é cultivada desde tenta idade no indivíduo, como autocontrole habitual, pela estrutura da vida social, pela pressão das instituições em geral, e por certos órgãos executivos da sociedade (acima de tudo, pela família) em particular. Por conseguinte, as injunções e proibições sociais tomam-se cada vez mais parte do ser, de um superego estritamente regulado”. (ELIAS, 2011 a [1939 a], p.179).

Em *O processo civilizador* Elias postula que o desenvolvimento do *habitus* não é unilinear, que “o processo civilizador não segue uma linha reta”¹⁰⁵ e que “em escala menor observamos os mais diversos movimentos que se entrecruzam, mudanças e surtos nesta ou

¹⁰⁴ Ibidem

¹⁰⁵ O processo civilizador, Vol. 1, p. 185.

naquela direção”¹⁰⁶. No entanto, ele sentiu que havia uma tendência global mais significativa para uma determinada direção, com o aumento da “regulação dos afetos, sob a forma de autocontrole”¹⁰⁷.

Todas essas mudanças, segundo Elias, só foram compreensíveis dentro de certos padrões de desenvolvimento das relações sociais e de determinadas figurações sociais, e é sobre essa relação que trata o segundo volume de *O processo civilizador*.

Elias considera como dois pontos especialmente significativos. Primeiro, houve o processo de formação do Estado, expressa nos estados absolutistas da Europa entre os séculos XVII - XVIII. Em segundo lugar, ele destacou a gradual diferenciação da sociedade, o aumento das relações de interdependência entre os indivíduos e a competição por posições sociais nas sociedades europeias. Aliado a esses dois pontos podemos por o desenvolvimento de uma economia monetária e a urbanização. Nas palavras de Elias:

“O que empresta ao processo civilizador no Ocidente seu caráter especial e excepcional e o fato de que, aqui, a divisão de funções atingiu um nível, os monopólios da força e tributação uma solidez, e a interdependência e a competição uma extensão, tanto em termos de espaço físico quanto do número de pessoas envolvidas, que não tiveram iguais na história mundial”. (ELIAS, 2011b [1939b], p. 207).

Seguindo sua influência weberiana, Elias coloca o mecanismo do ‘monopólio da violência’ como central no processo de formação dos estados europeus. Com o processo civilizatório os indivíduos perceberam que ao invés do uso da violência, o ‘sucesso’ social estava cada vez mais dependente da “reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções, o conhecimento do terreno, humano e não-humano, onde agia (...)”¹⁰⁸.

‘Essa ‘racionalização’ da conduta humana não implica no fim do ‘monopólio da violência’. Sua colocação a serviço dos objetivos de longo prazo e à crescente internalização de coerção social estava intimamente ligadas à processo de formação e desenvolvimento dos monopólios de estatais de força física:

¹⁰⁶ Ibidem

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ O processo civilizador, Vol. 2, p. 226.

“A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano ‘civilizado’, mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios é que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se, desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna, por assim dizer, uma ‘segunda natureza’”. (ELIAS, 2011b [1939b], p. 197).

A exigência civilizacional colocada em cada indivíduo é mediada pela sua própria reflexão sobre as consequências de padrões de comportamento diferentes. “A compulsão real” propõe o autor “é a que o indivíduo exerce sobre si mesmo, seja como resultado do conhecimento das possíveis consequências de seus atos no jogo de atividades entrelaçadas, seja como resultado de gestos correspondentes de adultos que contribuiram para lhe modelar o comportamento em criança”¹⁰⁹.

Elias fala das “correias transmissoras” que atravessa a vida dos indivíduos, quando se tornam “mais longas e complexas”, obrigando-os “a controlar-se firmemente e se tornar menos prisioneiro que antes de suas paixões”.¹¹⁰ A conduta humana está sujeita a uma variedade de processos civilizadores e intensas diferenciações sociais que produzem crescentes relações de interdependência.

Reiterando as formulações em *A sociedade de corte*, Elias se refere a este aumento do autocontrole como um processo de ‘psicologização’ e ‘racionalização’, porque girava em torno da crescente compreensão reflexiva das nossas próprias ações, as dos outros, das inter-relações e suas consequências. O efeito disso em nosso *habitus* é que:

“o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se ‘corretamente’ dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido”. (ELIAS, 2011b [1939b], p. 196).

¹⁰⁹ O processo civilizador, Vol. 2, p. 201.

¹¹⁰ O processo civilizador, Vol. 2, p. 203.

Dois pontos devem ser observados em *O processo civilizador*: Primeiro, em seu conceito de ‘civilização’ não implica a existência de qualquer espécie de ‘estado de natureza’ original em algum período histórico. Segundo, os processos civilizatórios são intermináveis, e que nunca podemos considerar-nos como tendo atingido um estado de civilização ‘verdadeiro’, certamente não em sociedades contemporâneas. Elias estava certo de que não paramos de nos civilizar. Como ele frisou em *Os alemães*: “A civilização a que me refiro nunca está completa, e está sempre ameaçada”¹¹¹.

Essa ameaça se encontra no fato de o desenvolvimento social ter por partes integrantes tensões e conflitos, que em casos singulares (como nas guerras ou no Holocausto, por exemplo), levam à falhas no processo civilizatório. Elias chama essas falhas de ‘descivilização’. Esse conceito está baseado na ideia de regressão social, pois para ele o processo de civilização não é irreversível. O texto central onde Elias caracteriza a relação entre civilização e descivilização é *Os alemães*, escrito um ano antes de sua morte, muito embora Elias trabalhasse nessa obra desde os anos de 1960.

Existem quatro grandes pontos a perpassam *Os alemães*: em primeiro lugar, a questão da formação histórica da identidade nacional alemã, e como processos de civilização e descivilização se relacionam no desenvolvimento de qualquer Estado-nação. O segundo ponto, é o caráter contraditório e ambivalente dos processos de civilização, suas idas e vindas e a questão da barbárie. O terceiro é o processo de ‘informalização’, ligado a um aparente relaxamento das normas em torno de uma variedade de atividades humanas. Por fim, Elias chamou a atenção para a estrutura e distribuição de oportunidades e de poder entre a geração estabelecida e a próxima, e o papel que esta tem em explicar uma série de eventos políticos e sociais como as rebeliões juvenis dos anos 1960 e o terrorismo alemão na década de 1960 e 1970.

Os alemães, dentro da obra eliasiana, seria como uma “tentativa de destrinçar desenvolvimentos no habitus nacional alemão que possibilitaram o violento surto descivilizador da época de Hitler, e apurar as conexões entre eles e o processo a longo prazo de formação do Estado na Alemanha”¹¹². Ao analisar a ascensão de Hitler e as práticas

¹¹¹ *Os alemães*, p. 161.

¹¹² *Os alemães*, p. 15.

genocidas do nazismo, ficou claro que o processo de ‘descivilização’ precisava ser levado muito mais a sério.

A agressão e a violência que teve lugar sob Hitler, segundo Elias, pode ser explicada em termos de quatro pontos singularidades do processo de formação do estado alemão. Primeiro foi a posição específica dos territórios alemães dentro de um maior figuração de estados-nação, capturados em particular entre os eslavos no leste e os francos no Ocidente. O segundo, a fraqueza relativa dos territórios alemães em comparação aos estados vizinhos, e sua exposição à invasão exterior, o que levou “a conduta militar e as ações bélicas a serem altamente respeitadas e, com frequência, idealizadas.”¹¹³. O terceiro ponto trazido por Elias foi o maior número de rupturas e descontinuidades no desenvolvimento do estado alemão, e o quarto era sobre a fraqueza ideológica da burguesia alemã em relação à aristocracia militar.

O processo de descivilização estaria sempre por perto do processo civilizatório, escondido nas tensões e nos conflitos, esperando um momento para ‘atacar’. No primeiro volume de *O processo civilizador*, Elias já coloca que “A armadura da conduta civilizada poderia desmoronar com grande rapidez se, através de uma mudança na sociedade, o grau de insegurança que antes existiu voltasse a nos atingir, e se o perigo se tornasse tão incalculável como outrora”¹¹⁴.

Em *Os alemães*, e isso é mais coerente com a perspectiva geral de sua sociologia processual, Elias argumentou que o surgimento de comportamentos brutalizados e desumanos dentro de sociedades relativamente civilizadas “terror e horror dificilmente se manifestam sem um processo bastante, durante o qual a consciência se decompõe”¹¹⁵. A Sociologia eliasiana, quando se atém ao desenvolvimento de padrões de interação humana, observa que há sempre movimentos e contra movimentos. A mudança social, ocasionada pelo processo civilizatório, não é um desenvolvimento unilinear.

Uma característica central da ideologia e da cultura das sociedades industrializadas, no século XIX, era uma tensão existente entre a valorização da entidade coletiva do Estado-nação, de um lado, e os indivíduos humanos, por outro, entre as exigências

¹¹³ *Os alemães*, p. 20.

¹¹⁴ *O processo civilizador*, Vol. 1, p. 255, n. 124.

¹¹⁵ *Os alemães*, p. 180.

do nacionalismo e as esperanças e expectativas de liberalismo. Elias também observou que, também no século XIX, os movimentos de política e democracia passaram a desempenhar um papel crucial na identidade, na formação individual, com a associação da nação ao indivíduo como sendo fundamental para a própria percepção de sua autoestima pessoal. Em suas palavras: “A imagem que um indivíduo faz da nação de que forma parte é também, portanto, um componente da imagem que ele tem de si mesmo, a sua ‘autoimagem’”¹¹⁶. A identidade nacional é, portanto, uma fonte central de significado pessoal e de valor.

No caso da Alemanha, Elias considerou que a fragilidade do estado alemão, sua formação gerada sob um medo e ansiedade sobre o 'valor' nacional, incentivou uma inclinação da balança em direção a um compromisso com a as demandas e autoridade da coletividade, em oposição à expectativas de uma relação de autovalor individual. Como coloca Elias:

“o efeito cumulativo da conturbada história da Alemanha — uma história marcada, no longo prazo, por derrotas e conseqüentes perdas de poder, e que deu vazão, correspondentemente, a um abalado orgulho nacional, uma identidade nacional muito insegura de si mesma, um ideal nacional retrógrado que envolvia a projeção da imagem fantasiosa de um passado mais grandioso no futuro — facilitou o surgimento de uma variante particularmente maligna de crenças e tendências comportamentais, que também se manifestou em outros países”. (ELIAS, 1997 [1989], p. 293).

A dominação cultural profundamente enraizada na aristocracia ligada as forças armadas alemãs gerando uma forma de governar de cima e com pouco ou nenhum senso de importância da participação democrática. Elias argumentou que “A estrutura da personalidade, a formação de consciência e o código de comportamento tinham-se harmonizado com essa forma de regime”.¹¹⁷

Quando foi feita uma tentativa para estabelecer uma democracia liberal, na República de Weimar, então, enfrentou-se uma série de obstáculos significativos enraizados na cultura política e no *habitus* individual dos alemães, os obstáculos que essencialmente surgiram a partir de uma ausência de muitos dos recursos do processo civilizatório. O desenvolvimento histórico da sociedade alemã produziu, segundo Elias, “com frequência, uma consciência individual bastante fraca” que era “dependente de alguém de fora

¹¹⁶ Os alemães, p. 143.

¹¹⁷ Os alemães, pp. 300-301.

observando e reforçando a compulsão, a disciplina que os indivíduos eram incapazes de impor-se a si mesmos sem ajuda”.¹¹⁸

Além disso, o compromisso de manutenção do passado e de uma identidade nacional frágil incentivou a hostilidade para com os ‘outsiders’ que pareciam ameaçar essa identidade nacional. Todos estes processos combinados produziram tanto um comportamento genocida entre grupos específicos da sociedade alemã, como minaram as possibilidades de outros alemães de resistir e fez com que aderissem a conformidade e a obediência aos ditames da nação, do estado, e de sua personificação, o *Führer*.

Outro ponto importante em *Os alemães* foi à atenção dada a Elias dedicou a questão da ‘barbárie moderna’. Em *O processo civilizador* a relação entre barbárie e civilização tinha sido apresentada como uma se transformando na outra, havendo possíveis reversões de direção. Existe um consenso dessa linha de argumento com o que Elias propõe em *Os alemães*. Esse contexto traz consigo a possibilidade de surgirem processos de civilização ‘deficientes’ ou mesmo o processo de descivilização, cuja manifestação mais comum se dá de maneira violenta e brutal. No entanto, Elias também levantou a possibilidade de que a civilização e a descivilização podem ocorrer simultaneamente. Por exemplo, o uso que os grupos mais poderosos fazem, dentro de qualquer Estado-nação, do monopólio da força física por meio da polícia e dos militares em prol de interesses particulares, como fizeram os nazistas. O regime de hitlerista mostrou “não só de que os processos de crescimento e decadência podem andar de mãos dadas, mas os últimos também podem predominar em relação aos primeiros”.¹¹⁹

O terceiro ponto trabalhado por Elias, e já desenvolvido por ele anteriormente em *O processo civilizador*, foi acerca dos efeitos do aumento do autocontrole e das normas que regem o comportamento humano. Estando cada vez mais fixadas na ‘segunda natureza’, o *habitus* do indivíduo já estando bem estruturado, ocorre que as regras e sanções tornam-se menos significativas e observa-se uma forma mais informal de boas maneiras e etiqueta. Esse comportamento só é possível com o autocontrole estando consolidado, com a capacidade individual de conter os próprios impulsos e com sentimentos de repugnância ao que é

¹¹⁸ Os alemães, p.339.

¹¹⁹ Os alemães, p. 275.

ofensivo. Elias caracterizou essa dimensão do processo civilizatório como ‘processo de informalização’.¹²⁰

As relações de poder e a mudança nas regras de interação humana tornando-se menos formais e mais flexíveis, os indivíduos passam a desenvolver uma forma mais auto reflexiva e autorregularão mais elaborada para poder interagir nas redes de interação social.

Por fim, Elias chamou atenção para uma questão que ele tinha levantado de forma incipiente em *O processo civilizador*, que processos de mudança social só poderiam ser adequadamente compreendidos observando-os numa perspectiva de longa duração.

O argumento de Elias é baseado na ideia de que, apesar de qualquer geração mais jovem se esforce para dar significado as suas realizações sociais, bem como para as oportunidades de poder, isso vai depender das configurações historicamente construídas. Nas palavras de Elias:

O estreitamento e alargamento das oportunidades de vida, das oportunidades de significado em geral e das oportunidades de carreira em particular, para as gerações mais jovens de uma sociedade em qualquer época são processos que, sem dúvida, afetam mais fortemente o equilíbrio de poderes entre as gerações. Poder-se-ia dizer que esses processos constituem o núcleo dos conflitos sociais entre as gerações. (ELIAS, 1997 [1989], p. 221).

Elias sugeriu que as oportunidades oferecidas por Hitler aos mais jovens, proporcionando melhorias nas vidas deles foi uma das bases do sucesso da ideologia nazista. Essas oportunidades foram bem maiores do que as oferecidas pela República de Weimar. O que esses jovens encontraram nas fileiras do partido nacional-socialista foi uma vida significativa, que havia sido bloqueada pela ordem social anterior. Como Elias postulou “a motivação básica era a mesma: o sentimento de estar encarcerado num sistema social que tornava muito difícil para as gerações mais jovens encontrarem oportunidades para um futuro pleno de significado”¹²¹

Em linhas gerais, *Os alemães* constitui um importante desenvolvimento no pensamento de Elias, esclarecendo uma série de aspectos de seu entendimento da relação entre a civilização e a barbárie. Elias entendeu que ambos são parte de o mesmo problema de análise.

¹²⁰ Os alemães, p. 33.

¹²¹ Os alemães, p. 182.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho de Norbert Elias na Sociologia foi longo e difícil, no entanto, ao mesmo tempo muito determinado. Sua carreira, no sentido de aumentar a divulgação do conhecimento científico a um grande público começou em uma idade em que muitos se aposentariam. Seu mais famoso trabalho *O processo civilizador* é um monumental estudo de grande valor e tornou-se uma das principais obras da Sociologia.

Na Sociologia eliasiana encontramos livros que fazem análises de longo prazo como *A sociedade de corte* e *O processo civilizador*; de reflexão epistemológica (*Envolvimento e Alienação* e *Introdução à Sociologia*); socio-biografias, como em *Mozart: a Sociologia de um gênio*; estudos sociológicos sobre o esporte como *Em busca da excitação*. Em sua obra Elias deu também atenção a análise de fatos contemporâneos, como em *Os Alemães*, obra que fecha o ciclo da teoria da civilização, já que para Elias o nacional-socialismo e o Holocausto eram vistos como um ‘colapso da civilização’, algo descivilizador.

A obra de Elias está ligada à Sociologia, aos estudos culturais, à História, à Psicologia e à Psicanálise, à Antropologia, às teorias do desenvolvimento, ao estudo da literatura e de teoria da arte.

A principal conclusão que podemos tirar sobre a sociologia eliasiana é que a análise dos processos civilizatórios não significava um assunto encerrado em *O Processo Civilizador*, há espaço considerável para o seu desenvolvimento e refinamento. Nos seus últimos escritos, principalmente com a ideia de ‘barbárie civilizada’, de como é possível que a violência desumana continue tanto a nível individual, como a nível coletivo, no mesmo tempo que parecem estar se tornando cada vez mais civilizada. Uma questão importante, que a civilização gera conduta bárbara, ao invés de simplesmente ser seu oposto.

Em *Os alemães*, Elias passou de uma concentração exclusiva no processo civilizatório para incluir uma análise dos processos de descivilização. Até começar tal análise, Elias negligenciou o lado ‘escuro’ da civilização.

Baseado em Freud, Elias estava discutindo em sua obra, que com o advento do Estado moderno a natureza da restrição exercida sobre os nossos corpos e as disposições psíquicas mudaram de forma, que em um primeiro momento era baseado em agências sociais externas, e que passou a estar dentro de nós mesmos como autocontrole. Neste movimento a

partir de uma coerção externa para o autocontrole, as restrições tornaram-se mais eficazes que os instintos e desejos individuais efetivamente estavam mais subordinados às exigências das relações sociais complexas e diferenciadas caracterizadas por longas cadeias sociais.

Elias tendia a ver o supereu como uma agência que opera exclusivamente em oposição aos instintos, desejos, e as emoções, o que Freud chamou de ‘isso’, e como estando apenas a serviço das necessidades das relações sociais. Nas próprias palavras de Elias, o supereu como “a marca da sociedade no ser interno”¹²². Freud, por outro lado, o via superego como o ‘herdeiro do complexo de Édipo’ e assim é expressão dos instintos mais poderosos e vicissitudes libidinais mais importantes do ‘isso’. Para a criação do ‘ideal de eu’, o ‘eu’ dominou o ‘complexo de Édipo, colocando-o como sujeito do ‘isso’. Considerando que o ‘eu’ é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o supereu está em contraste com ele, como representante do mundo interno, do ‘isso’¹²³. O supereu está dessa forma, ancorado dentro da nossa economia dos instintos, ao invés de simplesmente contrário de nossos impulsos e desejos. Notamos que quando Freud propôs a mudança da teoria dos instintos, falando de ‘instinto de vida’ e ‘instinto de morte’, ele coloca os instintos humanos não só como adversários da civilização, mas também a sua base.

O conteúdo do supereu não é, portanto, as regras morais contestáveis, mas a partir do silencioso ‘código’ do comportamento praticamente necessário, ele é a transformação dos constrangimentos sociais nas regras de autocontrole.

Outra questão a ser levada em conta é a ‘consequência do processo civilizatório’, para ambos os autores. A visão de Freud em relação ao processo civilizatório era pessimista, como visto em *O Mal-estar na Civilização*, sugerindo que Civilização estaria sempre acompanhada por uma perda de felicidade e “numa intensificação do sentimento de culpa”.¹²⁴

A própria conclusão a que Freud chega mostra a preponderância da sociedade sobre o indivíduo: a civilização massacra os desejos individuais. O pensamento freudiano é bem incisivo, todo processo civilizacional baseia-se numa opressão do indivíduo em favor dela. Nas palavras de Freud (2011 [1929], p. 57): A liberdade individual não é um bem cultural. Ela era maior antes de qualquer civilização, mas geralmente era sem valor, porque o indivíduo mal tinha condição de defendê-la.

¹²² *O Processo Civilizador*, Vol. 1, p. 135.

¹²³ A sistematização da ‘segunda tópica’ está formulada na obra *O Eu e o Isso* (FREUD, 1923).

¹²⁴ *O Mal-estar na Civilização*, p. 67.

A ideia freudiana contrasta fortemente com a esperança de Elias que reconhecia os ‘custos’ emocionais da civilização em consequência das restrições extremamente rigorosas dos afetos e dos instintos, porém ele acreditava que, finalmente, os benefícios trazidos pela Civilização superariam esses ‘custos’. O autocontrole se tornando cada vez mais estável e equilibrado, seu otimismo sobre as consequências do crescente controle sobre nós mesmos e nossas relações sociais, eram os pontos positivos que superariam esses ‘custos’, segundo Elias¹²⁵.

O princípio teórico de Elias era que emoções e desejos foram socialmente constituídos, e não havia nenhuma natureza pré-social humana, que se opusesse ou resistisse às exigências das relações sociais.

Não podemos considerar Elias como um herdeiro do freudismo. Poderíamos designá-lo como um freudiano casual. O que ele faz é a adaptação de conceitos freudianos à sua teoria. O Supereu é o que define o progresso do processo de civilização. *O Processo Civilizador* de Elias é a concretização da teoria da Civilização de Freud, em uma narrativa de uma sociologia histórica. A teoria freudiana foi importante para Elias entender a condição animalesca em que os seres humanos nascem, haja vista que Freud foi o primeiro a sintetizar claramente essa condição. Os indivíduos, desde que nascem, são determinados a conviver com outros indivíduos. Tem a capacidade de controlar e moldar suas pulsões. Porém essa capacidade tem de ser ativada, e seu vetor de ativação são os processos de aprendizagem.

A capacidade para compreender os símbolos e os padrões, a concepção das regras e para controlar suas ações, é que o ‘eu’ exige um aprendizado ‘exterior’. A aquisição destas capacidades concentra-se na aquisição de uma linguagem simbólica, baseada sempre no desenvolvimento de um determinado autocontrole e distanciamento das emoções. Neste contexto, para além de teoremas de Freud, Elias também usa modelos do behaviorismo.

A Sociologia eliasiana inova quando traz dimensões psicanalíticas para a explicação histórica do comportamento em grupo e a ação individual. Outros autores, como Marcuse, também se questionaram como as teorias psicanalíticas podem nos ajudar a entender a vida em sociedade.

¹²⁵ Se para Freud, a neurose é algo ligado a cultura, para Elias ela se coloca como um fenômeno histórico: “as ‘neuroses’ que vemos hoje por toda a parte são uma forma histórica específica de conflito que precisa de uma elucidação psicogenética e sociogenética”. (ELIAS, 2011 a [1939], p. 148).

Outro ponto a ser frisado, e reconhecemos a força da análise de um determinado processo direcional e seu desenvolvimento histórico. No caso mais específico, como se deu a transição da ‘coerção externa’, para uma ordem social mais regulada e inibida, e as muitas consequências para mentalidades e formas de vida. A tese de Freud em *O Mal-estar na Civilização* deram uma contribuição enorme à Elias, principalmente na explicação do desenvolvimento da repressão social e da sublimação dos instintos e dos desejos, quando conjugada com uma investigação histórica intensiva.

Por fim, percebemos o quão é frutífero os argumentos de Elias quando aplicados aos processos de 'descivilização', que ocorre quando os movimentos figuracionais definidos como cadeias ampliadas de dependência social, complexidade e diferenciação, são forçados, por alguma razão, a ir em ‘marcha à ré’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Norbert Elias

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. *Au-delà de Freud – Sociologie, Psychologie, Psychanalyse*. Paris: Éditions la Découvert, 2010.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. *La Civilización de los Padres y Otros Ensayos*. Santa Fé de Bogotá: Editorial Norma, 1998.

ELIAS, Norbert. *Mozart: A Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. *Norbert Elias Por Ele Mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador Vol. 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011 a.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador Vol. 2: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011 b.

ELIAS, Norbert. *Teoria Simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994.

Obras de Sigmund Freud

FREUD, Sigmund. *A Divisão do Ego nos Processos de Defesa* (1940). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* (1898). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer* (1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise* (1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo* (1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id* (1923). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão* (1927). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização* (1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu* (1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaio Sobre Sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. *Um Estudo Autobiográfico* (1925). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Bibliografia Geral

- ADORNO, Theodor. *Lições de Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- ALMEIDA, Jorge de & BADER, Wolfgang (Orgs). *O Pensamento Alemão no Século XX*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- ARICÓ, Carlos Roberto. *Estudos Sobre Psicanálise: Epistemologia e Política*. São Paulo: 1984, NEPP.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud y las Ciencias Sociales*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BIRMAN, Joel. *Mal-Estar na Atualidade - A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRAUSTEIN, Nestor & FUKS, Betty. *100 Anos de Novidade. A Moral Sexual 'Cultural' e o Nervosismo Moderno, de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.
- CHARTIER, Roger. *Formação Social e 'Habitus': Uma Leitura de Norbert Elias*. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*, 1984, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- DRASSINOWER, Abraham. *Freud's Theory of Culture: Eros, Loss and Politics*. New York: Rowman and Littlefield Publishers, 2003.
- DELUERMOZ, Quentin (Org.). *Norbert Elias*. Paris, Perrin, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

- DUX, Günter. *Teoría Histórico-Genética de la Cultura - La Lógica Procesual en el Cambio Cultural*. Bogotá: Ediciones Aurora, 2012.
- ENRIQUEZ, Eugene. *Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FIGUEIRA, Sérvulo. *O Contexto Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- FRIEDMAN, Lyat. *Anti-Oedipus: The Work of Resistance*. In: DE BOLLE, Leen (Org) *Deleuze and Psychoanalysis: Philosophical Essays on Deleuze's Debate*. Leuven: Leuven University Press, 2010.
- FROMM, Erich. *A Missão de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, 1955.
- GAY, Peter. *Freud, Uma Vida Para Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GEBARA, Ademir. *Conversas Sobre Norbert Elias – Depoimentos Para uma História do Pensamento Sociológico*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de Interação – Ensaio Sobre o Comportamento Face a Face*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- HABERMANS, Jurgen. *Teoría de la acción comunicativa II: crítica de la razón funcionalista*. Madri: Taurus Humanidades, 1999.
- HAROCHE, Claudine. *A Condição Sensível*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.
- HEINICH, Nathalie. *A Sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 1997.
- HELLER, Sharon. *Freud A to Z*. New Jersey: Wiley, 2005.
- HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- JOLY, Marc. *Devenir Norbert Elias*. Paris: Fayard, 2012.
- JONES, Ernest. *A Vida E Obra de Sigmund Freud. 3 Vol.* Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LAHIRE, Bernard. *Freud, Elias et la science de l'homme*. In: ELIAS, Norbert. *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse*. Paris, Editions la Découverte: 2010.
- LANDMAN, Patrick. *Figuras do Saber: Freud*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Le BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEÃO, Andréa Borges. *Norbert Elias e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. *Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o indivíduo e o sujeito*. 247 f. 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

LORENZER, Alfred. *Arqueologia da Psicanálise - Intimidade e Infortúnio Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MARCUSE, Hebert. *Eros y Civilizacion*. Madrid, Sarpe SA, 1983.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *El Árbol del Conocimiento - Las Bases Biológicas del Entendimiento Humano*. Buenos Aires: Lumen, 2003.

MAUSS, Marcel & DURKHEIM, Emile. *Notas Sobre a Noção de Civilização*. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MAZZUCO, Enis. *O processo civilizador revisitado*. 2001. 106f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis.

MENNELL, Stephen. *Norbert Elias – An Introduction*. Dublin: University College Dublin Press, 1998.

MEZAN, Renato. *A Conquista do Proibido*. São Paulo: Ateliê, 2003.

MEZAN, Renato. *Freud: a Trama dos Conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

NASIO, Juan-David. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NASIO, Juan-David. *Lições Sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

NASIO, Juan-David. *O Prazer de Ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. *Doze Lições Freud e Lacan*. Campinas: Pontes Editores, 2011.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. São Paulo: Artmed, 2007.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Luci da Silva. *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. 281 f. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

- ROAZEN, Paul. *Freud: Pensamento Político e Social*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Em Defesa da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- RUITENBEEK, Hendrik (Org). *Psicoanálisis y Ciencias Sociales*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1978.
- SAID, Edward. *Freud e os Não Europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SAFATLE, Vladimir & MANZI, Ronaldo (Orgs). *A Filosofia Após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- SANTNER, Eric. *A Alemanha de Schreber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- SOUZA, Paulo César de. *As Palavras de Freud – O Vocabulário Freudiano e suas Versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TARDE, Gabriel. *As Opiniões e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VIGOTSKI, Lev. *A Formação Social da Mente. O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade. Vol. 2* Brasília: Editora UnB, 2009.
- ZABLUDOVSKY, Gina. *Norbert Elias y los Problemas Actuales de la Sociología*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Economica, 2008.
- ZIMERMAN, David. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. São Paulo: A rtmed, 2009.